

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 32 • 2023



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2023

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 32 • 2023 ISSN: 0872-6086

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7919687>

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2730-085 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

DA IDADE DO FERRO AO FINAL DO IMPÉRIO ROMANO NO CENTRO HISTÓRICO DE OEIRAS: O CONTRIBUTO DOS ESPÓLIOS RECUPERADOS NAS ESCAVAÇÕES REALIZADAS ENTRE 2000 E 2007 *

FROM THE IRON AGE TO THE END OF THE ROMAN EMPIRE IN THE HISTORIC CENTER OF OEIRAS: THE CONTRIBUTION OF THE IMPLEMENTS RECOVERED IN THE EXCAVATIONS CARRIED OUT BETWEEN 2000 AND 2007

João Luís Cardoso¹, Guilherme Cardoso², Luísa Batalha² & Maria da Conceição André³

Abstract

The archaeological remains attributable to the Iron Age, the Republican and the Imperial Roman periods, collected in the excavations carried out in the Historic Center of Oeiras between 2000 and 2007, in the place where in 1903 a Roman mosaic attributed to the 3rd/4th century AD was identified are studied. The remains, including amphorae, common productions and fine productions, and exceptionally, glasses, bone and metal implements, document the human presence of the successive populations that lived in the place currently occupied by the town of Oeiras over a period of about 500 years, contributing to the knowledge of its economy and social organization.

Together with the results of other recently published interventions, this study is a contribution to the knowledge of the ancient occupation of this urban space during Roman times.

Keywords: Oeiras; Iron Age; Republican Roman period; Imperial Roman period; urban archaeology

1 – INTRODUÇÃO

A Câmara Municipal de Oeiras em reunião havida a 25 de julho de 1991 adquiriu o imóvel setecentista e dependências situado na Rua das Alcássimas, n.ºs 32 a 38, em pleno Centro Histórico de Oeiras (Fig. 1), tendo

* Trabalho coordenado pelo primeiro autor, com base nos espólios das escavações por este dirigidas entre 2000 e 2007, com o apoio do quarto signatário. O segundo signatário ocupou-se da classificação dos espólios arqueológicos recolhidos. Os desenhos são da autoria de Filipe Martins, Bernardo Ferreira, ambos do CEACO/CMO e de Luísa Batalha, que também ajudou na classificação dos espólios. As fotografias são dos autores assinalados. A redacção final do trabalho é da responsabilidade dos dois primeiros autores.

¹ Professor Catedrático da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador integrado do ICArEHB (Universidade do Algarve). cardoso18@netvisao.pt

² Associação Cultural de Cascais. gijpcardoso@gmail.com; batalhaluisa5@gmail.com

³ Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). maria.andre@oeiras.pt

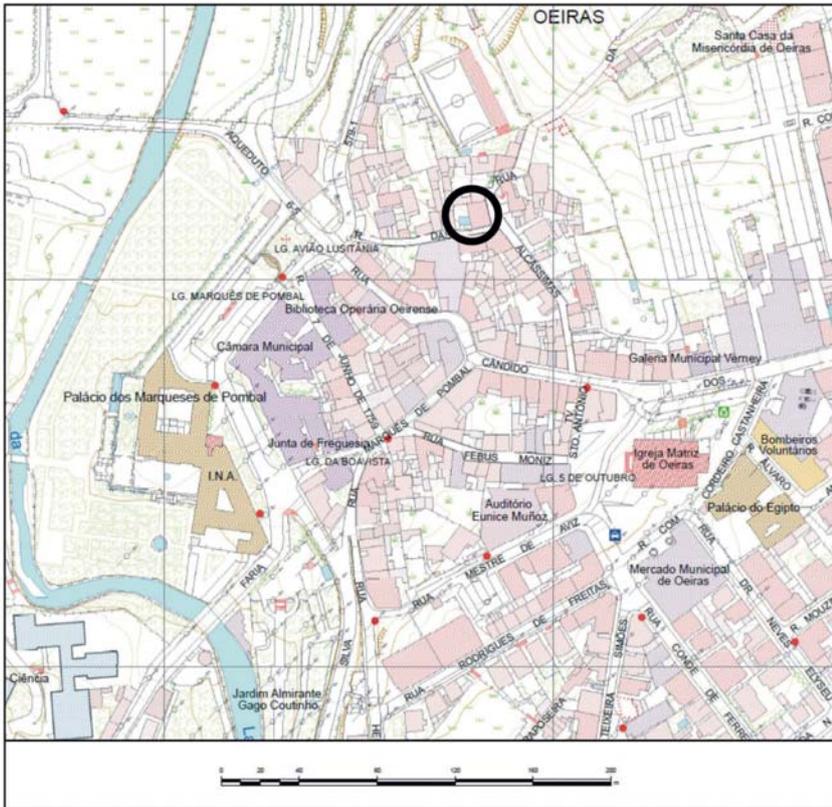


Fig. 1 – Localização da área onde se realizaram as escavações, correspondente à *pars urbana* da *villa* romana de Oeiras no contexto urbano moderno do Centro Histórico de Oeiras, em ortofotomapa (em cima) e na carta cadastral da vila de Oeiras à escala de 1/10 000. Note-se a presença da ribeira da Lage, na base da encosta voltada a poente, onde se implantou a construção romana.

por objectivo a sua requalificação no âmbito do Programa Habitação Jovem, cujo projecto presentemente se encontra em fase final de execução.

O local em causa implanta-se em encosta suave, voltada a poente, na base da qual corre a ribeira da Lage, que desagua no estuário do Tejo a menos de 1 km de distância. As respectivas coordenadas são as seguintes (Fig. 2):

Latitude: 38° 41' 36"N
Longitude: 9° 18' 46"W
Altitude: 23 m

Com a aquisição deste imóvel por parte do Município, reuniam-se pela primeira vez as condições para dar início ao estudo integrado do conjunto arqueológico cujo elemento emblemático era o célebre mosaico romano, conhecido do meio científico desde 1903, pouco tempo depois de, acidentalmente, ter sido posto à vista, quando se procedia ao rebaixamento do piso térreo do edifício setecentista, conforme ficou exemplarmente registado em fotografia (Fig. 3).

Apesar dos esforços desenvolvidos por José Leite de Vasconcelos junto do então proprietário no sentido de obter deste a venda do mosaico para o Estado, os mesmos não tiveram resultados práticos, como tantas vezes acontece, apesar das diligências desenvolvidas junto da Comissão Executiva do Conselho dos Monumentos Nacionais, a cujo Presidente foi dirigida missiva naquele sentido a 7 de fevereiro de 1903 (Fig. 4).

Deste modo, esta importante peça musiva, ainda que tenha sido tornada pública alguns anos depois da sua identificação, com a reprodução parcial e esquemática do seu sector central (VASCONCELOS, 1916), permaneceu no local sem quaisquer cuidados de manutenção; pelo contrário: foram vários os processos destrutivos a que esteve sujeita, nos cerca de 100 anos subsequentes à sua identificação, os quais tiveram diversas origens, visto ter constituído o chão de um galinheiro, e mais tarde ter sofrido com as infiltrações oriundas de uma casa de banho existente no andar de cima, com a conseqüente desagregação das tesselas da base onde até então se encontravam assentes. Entretanto, a crença na existência de tesouros enterrados no local, levaram à abertura de diversas covas que contribuíram também para a sua destruição, explicando o estado lamentável que exhibia, tornando prioritária a sua reabilitação e recuperação.

De facto, tal processo de degradação acelerado exigia, a curto prazo, o levantamento físico do mosaico do local em que se encontrava, tendo em vista a respectiva consolidação a ser ulteriormente realizada (Fig. 5).

Para o efeito, importava, antes de mais, proceder ao registo integral desta importante peça musiva, através de desenho realizado *in loco* à escala natural, tessela a tessela. Este processo teve início em agosto de 1991 e prolongou-se pelos meses seguintes, sendo o desenho assim obtido depois reduzido sucessivas vezes depois de colorido, a partir do natural no próprio local. Dessa tarefa se ocupou um dos signatários (M.C.A.), tendo o resultado deste trabalho sido já publicado, envolvendo o estudo iconográfico do mosaico (GOMES, CARDOSO & ANDRÉ, 1996), no qual avulta o medalhão que ocuparia a parte central do mesmo (Fig. 6). Na altura, procedeu-se também à publicação de diversas peças arqueológicas existentes no Museu Nacional de Arqueologia na sequência da intervenção no processo de José Leite de Vasconcelos.

Seguiu-se a extracção do mosaico do local onde este se encontrava, processo que decorreu em duas fases, a cargo de técnicos especialistas de restauro de mosaicos romanos, do Museu Monográfico de Conímbriga, realizada em 1998, a que se sucedeu a fixação das diversas partes em que este se subdividiu, em gaze e tela, seguindo-se, em 1999, a sua fixação em placas amovíveis de resina sintética. Estas conservam-se presentemente no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras), aguardando a instalação definitiva do mosaico.



Fig. 2 – Em cima: cruzeiro de pedra calcária, com data de 1801, sobreposto à verga da porta de entrada no pátio do prédio urbano da Rua das Alcássimas onde se realizaram as escavações arqueológicas. Em baixo: vista do referido pátio interior, limitado do lado direito da foto pelo troço mais antigo do edifício, em cujo piso térreo se escavaram as salas 4 e 5 e, em posição frontal, pelo sector mais moderno do mesmo, atribuível ao início do século XX, coevo da identificação do mosaico romano, em resultado dos desaterros no terreno então realizados, em cujo piso térreo se escavaram as salas 1, 2 e 3. Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 3 – O mosaico romano de Oeiras pouco depois da sua ocasional descoberta, em janeiro de 1903, em foto de J. de Almeida Carvalhaes, preparador do Museu Etnológico Português (In GOMES, CARDOSO & ANDRÉ, 1996, Fig. 3).



Fig. 5 – Vista parcial do mosaico romano de Oeiras ainda *in situ*, tirada da Sala 2 para a Sala 1 de acordo com a compartimentação existente ao nível do piso térreo do edifício actualmente ali existente. Foto de Bernardo Ferreira.



Fig. 6 – Dois dos quadrantes que integram o medalhão central do mosaico romano de Oeiras representando pombas debicando botões de rosa, depois de o mosaico ter sido retirado do local onde se encontrava. Foto de J. L. Cardoso.

Entretanto, o processo de reabilitação do imóvel setecentista – cujo documento mais antigo conhecido correspondente a escritura de compra da casa remonta a 1744 (GOMES, CARDOSO & ANDRÉ, 1996, p. 372) – por parte da Câmara Municipal de Oeiras no âmbito do Programa Habitação Jovem, sob responsabilidade do DPERU (Departamento de Projectos Especiais e Reabilitação Urbana) teve desenvolvimentos, encontrando-se o respectivo projecto presentemente concluído, conducente à intervenção generalizada em todo o edifício, depois de obtida a apreciação prévia da DGPC.

Tal situação justificou a realização prévia de um programa plurianual de escavações arqueológicas, iniciado no ano de 2000 e só terminado em 2007, cujos resultados, com base no estudo detalhado dos espólios recuperados, deram já origem a diversas publicações. Assim, em 2009 publicaram-se os espólios de cronologia islâmica (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009), seguidos pela publicação dos espólios do Bronze Final recuperados (CARDOSO, 2016/2017), a que se sucedeu, a curto prazo, a publicação de todos os espólios medievais (com a revisão dos islâmicos antes dados a conhecer), modernos e contemporâneos (CARDOSO et al., 2022). Este último contributo publicado reveste-se de especial interesse, dado que veio produzir informações de grande relevância sobre os antecedentes históricos pré-pombalinos da vila de Oeiras, juntando-se e completando as informações apresentadas em um outro contributo da mesma índole, respeitante às escavações arqueológicas, igualmente dirigidas pelo signatário em imóvel próximo, sito na Rua Marquês de Pombal (CARDOSO et al., 2021).

A série de publicações dedicadas à caracterização exaustiva dos materiais exumados nas escavações dirigidas pelo primeiro signatário neste espaço do Centro Histórico de Oeiras encerra-se agora, com a apresentação dos espólios da Idade do Ferro e de época romana. Assim se completa a caracterização da realidade arqueológica identificada através das escavações realizadas, compatível com a que vem sendo evidenciada em muitos outros núcleos urbanos actuais de génese histórica de muitas vilas e cidades do País, em que se observam sucessões, mais ou menos extensas, respeitantes a presenças de comunidades pretéritas que, por vezes, desde há muitos séculos ocuparam o mesmo local, e que, via de regra, eram até então completamente desconhecidas.

No caso de Oeiras, foi possível demonstrar, através das escavações realizadas no espaço outrora ocupado pela *villa* romana de Oeiras, presentemente situada no seu Centro Histórico, uma sequência pelo menos desde o final da Pré-História, passando depois pela Idade do Ferro, época Romana, Alta e Baixa Idade Média, Época Moderna e Época Contemporânea, conferindo uma profundidade histórica a Oeiras, mercê da Arqueologia, enquanto espaço colectivo, completamente nova e inesperada, face àquela que era até há bem pouco tempo conhecida.

Este estudo corresponde, pois, a um contributo que, sendo resultante da chamada Arqueologia de salvamento ou de emergência, foi determinado pela necessidade de as populações do presente, continuarem a ter de utilizar e usufruir dos mesmos espaços muitas vezes milenários, com as necessárias transformações face à novas exigências e necessidades, mas sempre no respeito pela preservação da memória, enquanto parte integrante e inalienável do nosso património comum.

2 – TRABALHOS REALIZADOS, RESULTADOS OBTIDOS

Os trabalhos arqueológicos foram realizados no interior de cada sala em que se encontra compartimentado o piso térreo do edifício (Fig. 7), através da escavação em área, seguindo a metodologia de aprofundar progressivamente o terreno por camadas artificiais de 15 cm de potência, até se ter atingido invariavelmente

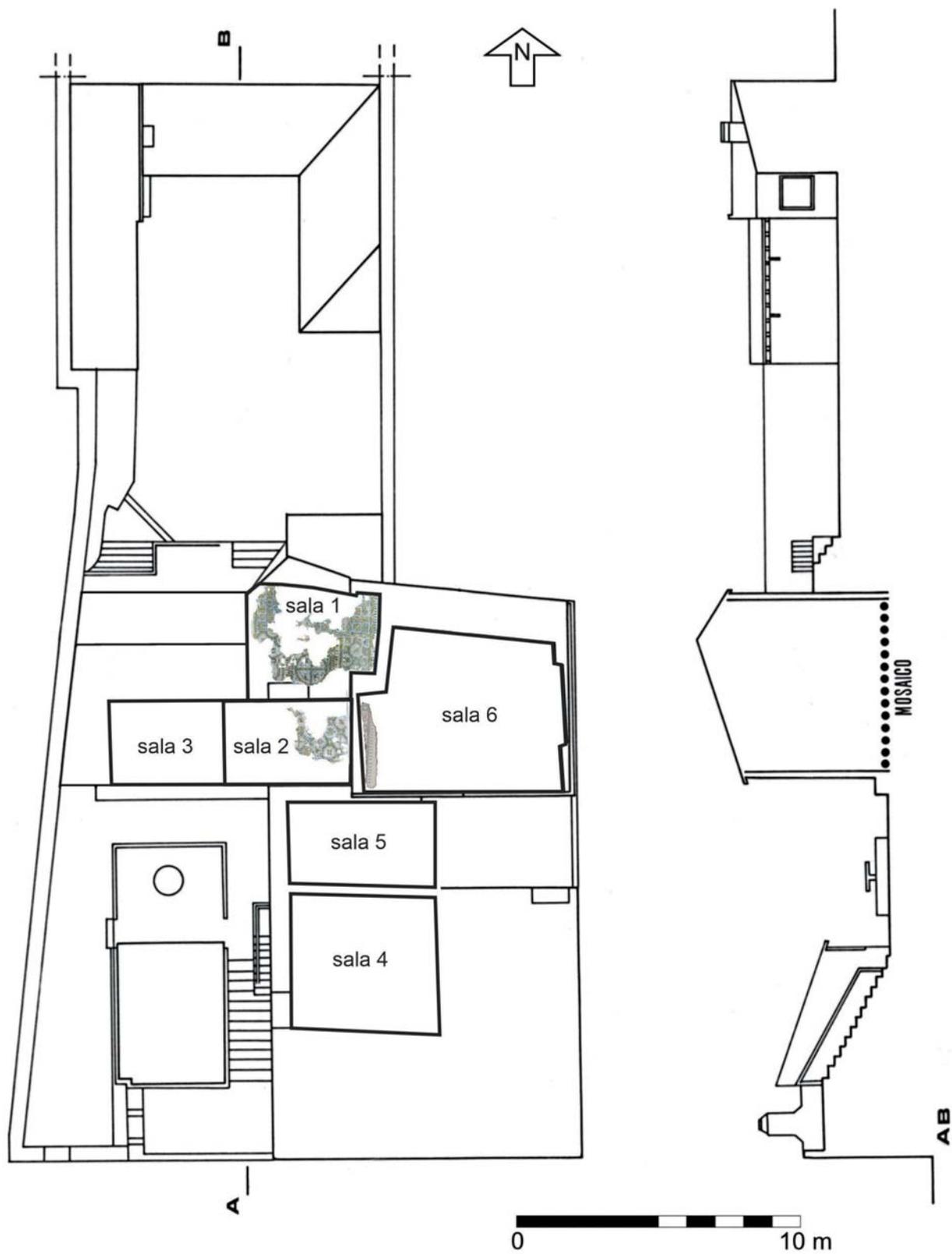


Fig. 7 – Planta e corte do piso térreo do edifício de origem setecentista, remodelado no início do século XX. A numeração das salas respeita a sequência da sua escavação, indicando-se, em projecção, o espaço ocupado pelo mosaico romano.

o substrato geológico, constituído por calcários e calcários margosos do Cenomaniano (Cretácico Superior), sendo os espólios recolhidos, com o recurso a um crivo de 4 mm, registados relativamente à profundidade e a cada um dos compartimentos (salas) explorados.

A numeração das salas em que o piso térreo do edifício se encontrava subdividido seguiu a ordem cronológica do próprio prosseguimento da escavação, iniciando-se os trabalhos no ano de 2000 com a intervenção da Sala 1 e terminando em 2007, com a escavação da Sala 7.

A caracterização arqueológica correspondente a cada uma das salas escavadas foi já publicada (CARDOSO et al., 2022), remetendo-se o leitor para as informações então produzidas. A distribuição vertical dos espólios evidencia que, em todas as salas, se observa uma mistura evidente de materiais arqueológicos, desde o topo à camada mais profunda, conforme se evidencia no Quadro 1, que completa e confirma as informações anteriormente publicadas. Apesar de se terem encontrado algumas estruturas arqueológicas de várias épocas, sendo as mais antigas, conservadas na base das sequências estratigráficas, assentes no substrato geológico, correspondentes a estruturas atribuíveis à Idade do Ferro, as mesmas apresentam-se muito incompletas, tornando difícil a interpretação da sua funcionalidade, o que sugere ter este espaço sofrido ao longo dos tempos severas perturbações, sendo em época moderna e contemporânea, colmatado com terras oriundas de outros locais, que para aqui foram recorrentemente despejados. Assim se formaram depósitos com materiais heterogéneos, onde coexistem espólios de todas as épocas, depositados sobre as estruturas da Idade do Ferro e romanas aqui existentes, e designadamente sobre a superfície do mosaico acidentalmente posta a descoberto em 1903, como tão bem se encontra ilustrado na Fig. 3, já referida.

3 – ESTRUTURAS DA IDADE DO FERRO E ROMANAS, CONDIÇÕES DE FORMAÇÃO DOS DEPÓSITOS E RESPECTIVOS ESPÓLIOS

A **Sala 1** e a **Sala 2** escavadas em 2004 e 2005, depois de uma intervenção preliminar no ano de 2000, correspondem à área de implantação do mosaico romano. No topo norte da Sala 1, identificou-se um troço rectilíneo de muro de alvenaria de época romana, com reforço de pelo menos de um dos seus lados, provavelmente correspondente à fundação de uma parede da sala da antiga casa romana onde, no século III ou IV d.C. se instalou o *triclinium* pavimentado a *opus tessellatum* (CARDOSO & ANDRÉ, 2020; CARDOSO et al., 2022). Este espaço foi profundamente perturbado posteriormente a 1903, pois o mosaico encontrava-se muito incompleto por extensas escavações nele realizadas, das quais os antigos locatários ainda guardavam memória, atribuindo-as à procura de tesouro que sonhavam fazer por debaixo do mosaico. Assim se compreende que tenham sido raros os materiais romanos encontrados, ausentes da Sala 1 e escassos na Sala 2, de que se destaca o bocal de ânfora Dressel 14, variante A, de meados do século I d.C., o qual foi fotografado aquando da recolha (Fig. 8).

No sector mais profundo da área escavada na **Sala 2**, em parte ocupada ainda pelo mosaico, identificou-se, em nível inferior à da instalação deste, um troço de muro rectilíneo de alvenaria constituído por blocos calcários em geral de grandes dimensões (Fig. 9), que poderá ser coevo daquele e de outros fragmentos daquele tipo anfórico ali recolhidos. O troço conservado, ainda que muito limitado, revela um plano arquitectónico diferente da planta correspondente ao edifício coevo do mosaico, reforçando a sua integração no século I ou II d.C. Em nível inferior, observou-se um outro muro, mais antigo, já na **Sala 3**, explorada em 2006. Este muro encontra-se, tal como o anterior, muito incompleto, sendo atribuível à Idade do Ferro, embora não se tenham recolhido materiais coevos directamente a ele associados. Pelas suas características, é de admitir que



Fig. 8 – Localização de bocal de ânfora Dressel 14 A na área central da Sala 2 e pormenor da sua posição no terreno, evidenciando tratar-se de um despejo de entulhos, realizado modernamente, no qual a peça se encontrava integrada. Fotos de M. C. André.



Fig. 9 – Em primeiro plano, observa-se trecho de muro de alvenaria, posto à vista na Sala 2, integrando grandes blocos calcários, situado sob o mosaico romano, podendo remontar aos século I / II d.C.; em segundo plano, já na Sala 3, observa-se outro trecho de um muro retilíneo de alvenaria, mais antigo, implantado a uma cota mais baixa no terreno, constituído por blocos de menores dimensões, com topo aplanado, correspondente provavelmente a embasamento para superestrutura de adobe ou taipa, provavelmente da Idade do Ferro. Foto de J. L. Cardoso.

correspondesse a um embasamento, já que se apresenta com a superfície larga e aplanada, sendo construído por blocos de pequenas dimensões dispostos horizontalmente, sugerindo que a superestrutura fosse de barro, provavelmente sob a forma de adobes (Fig. 10), compatíveis com a tecnologia construtiva daquela época. Esta sala, explorada em 2006, para além de escassos espólios romanos, forneceu um abundante conjunto islâmico e de época moderna, recolhido a cotas inferiores à da implantação do mosaico, cuja extensão já não abarcava esta sala. Tais materiais ocorriam de cima a baixo da sucessão estratigráfica observada, em resultado dos mesmos integrarem originalmente os entulhos que para ali foram despejados, sobre os quais se construiu esta área do piso térreo do edifício, já nos inícios do século XX, constituindo assim um acrescento ao edifício de origem setecentista.

A **Sala 4** foi também explorada em 2006, e revelou situação semelhante à observada na Sala 3, apesar de se encontrar do lado oposto da área escavada. Conforme sempre se verificou, a escavação foi levada até ao substrato geológico, tendo-se evidenciado a presença de um enchimento terroso, correspondente à seguinte sucessão estratigráfica, de cima para baixo (Fig. 11):

Camada 4 – fundação da parede de um dos compartimentos do edifício atual, constituída por muro de blocos de calcário argamassados com cal e areia em camas horizontais (0,50m);

Camada 3 – depósito terroso cinzento-acastanhado, rico de matéria orgânica de desenvolvimento horizontal (0,20 m);

Camada 2 – depósito terroso castanho-avermelhado, contendo blocos calcários heterométricos, com ténues indícios de deposições sub-horizontais, evidenciadas por pequenos clastos calcários e lenticulas de moluscos, correspondentes a despejos de diversas épocas (0,20 m);

Camada 1 – depósito terroso, mais compacto e avermelhado que os anteriores, praticamente desprovido de clastos (0,20 a 0,40 m de potência);

Camada 0 – substrato geológico cretácico.

Ao longo de toda a sucessão foram recolhidos materiais modernos e, em menor grau, de época islâmica, o que leva a concluir que, de cima a baixo, os depósitos, apesar de se mostrarem dispostos de forma organizada, integravam originalmente materiais de todas as épocas, incluindo modernos, o que é uma prova de terem sido formados em curto espaço de tempo e em época não muito recuada. Neste contexto, os espólios romanos acompanham a distribuição estratigráfica dos restantes espólios, sendo muito mais numerosos do que os recolhidos nas restantes salas, concentrando-se na parte média e inferior da sequência, via de regra abaixo de 0,30 cm de profundidade.

Sobre o enchimento terroso assenta parede divisória (século XIX) do piso térreo do edifício, posterior à fundação da parede mestra do edifício setecentista, confirmando que este sector da casa é de época muito recente, já do início do século XX e contemporâneo do desaterro que levou à identificação do mosaico, em 1903. Digna de registo é uma estrutura negativa observada ao longo da parede meridional da sala, correspondente a um sulco escavado no substrato geológico na orientação Este-Oeste, de fundo regular. Na sua parte terminal, o sulco inflecte para Norte terminando em depressão cilíndrica, dele separada (Fig. 12). Poderá corresponder à fundação de cabana proto-histórica, de paredes de taipa ou adobes, ou mesmo do Bronze Final, pois dali provêm espólios desta época já publicados (CARDOSO, 2016/2017), embora a arquitetura ortogonal que evidencia leve a atribuí-la à Idade do Ferro. Uma alternativa à situação descrita, seria a de admitir que, numa época de transição, situável no século VIII / IX a.C., vigorassem já novos modelos arquitectónicos, ainda que os espólios fossem de tradição anterior, persistindo as produções de ornatos brunidos. Esta situação terá alguma fundamentação no que se verificou no povoado de Santa Sofia, Vila Franca de Xira, configurando reali-



Fig. 10 – Pormenor do troço rectilíneo de muro de alvenaria, atribuível ao embasamento de uma estrutura de taipa ou adobe da Idade do Ferro, posto a descoberto na Sala 3. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 11 – Sequência estratigráfica das camadas de aterro observadas na Sala 4, contendo espólios de todas as épocas, de cima a baixo, assentes no substrato geológico, constituído por calcários margosos do Cretácico Superior (Cenomaniano). Note-se a fundação do alicerce da parede romana nos depósitos terrosos acima referidos. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 12 – Pormenor da escavação no substrato geológico posto à vista na Sala 4, de um alicerce de habitação provavelmente pertencente à Idade do Ferro, de planta ortogonal. Note-se a existência de uma fundação isolada e de contorno circular para um buraco de poste, confinante com o limite do alicerce da antiga habitação de planta ortogonal. Foto de J. L. Cardoso.

dade simétrica: ali, foram encontradas cabanas de plantas elipsoidais do Bronze Final, embora os espólios já integrassem materiais de origem ou inspiração fenícia, atribuíveis aos séculos VIII/VII a.C. (PIMENTA, SOARES & MENDES, 2013).

Na **Sala 5**, explorada em 2007, verificou-se potência estratigráfica muito menor do que na contígua **Sala 4**, da qual se encontra separada por um tabique, tendo igualmente a escavação sido levada até o substrato geológico, caracterizado por superfície irregular constituída por margas e calcários cretácicos. Foi posto a descoberto o embasamento de um muro rectilíneo constituído por alinhamento de blocos assentes no substrato geológico ou em camada avermelhada e argilosa correspondente à alteração deste (“terra rossa”) (Fig. 13), muito semelhante ao atribuído à época romana, identificado na Sala 1. Constituído por blocos de tamanho superior aos que caracterizam os muros modernos da construção setecentista, a sua cronologia romana fica assim reforçada. Escavada na superfície do substrato geológico, observou-se ainda nesta sala uma estrutura negativa correspondente a um anel circular bem definido com cerca de 0,80 m de diâmetro externo, correspondendo provavelmente ao embasamento de construção de época romana desaparecida (Fig. 14).

Os escassos materiais recolhidos corroboram as conclusões anteriormente obtidas: a formação dos depósitos arqueológicos processou-se em época recente, posterior com a construção do imóvel setecentista, já que são dessa época e de épocas mais modernas os materiais cerâmicos presentes ao longo de toda a sequência, de mistura com produções romanas, à qual pertence um assinalável número e diversidade de exemplares, sem que, contudo, se possam relacionar, pelos motivos indicados, com qualquer uma das duas estruturas romanas ali identificadas.



Fig. 13 – Pormenor de troço rectilíneo de muro de alvenaria romano, identificado na Sala 5, assente no substrato geológico e ulteriormente aproveitado para a fundação de uma das paredes mestras do edifício setecentista. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 14 – Anel escavado no substrato geológico posto à vista na Sala 5, correspondente a fundação de superestrutura romana de natureza desconhecida. Foto de J. L. Cardoso.

A **Sala 6** foi, tal como a anterior, explorada em 2007. Correspondendo a uma garagem-oficina, até à aquisição do imóvel pela Câmara Municipal de Oeiras, o acesso fazia-se pela Rua da Costa. Sendo a mais vasta das salas exploradas, os vestígios construtivos romanos foram, igualmente, mais importantes que os observados nas restantes. Avulta a identificação da bordadura ocidental do mosaico que ocupava a Sala 1 e a Sala 2, cujo prolongamento se desconhecia, correspondente a orla constituída por alinhamento de triângulos (Fig. 15). Datável do século III/IV d.C., cobriu outras estruturas romanas mais antigas, entre as quais um troço de muro rectilíneo que se desenvolve paralelamente ao limite do mosaico romano (Fig. 16). Tal situação leva a concluir que a instalação deste corresponde a melhoramento tardio da *pars urbana* da *villa* tendo aqui respeitado o plano arquitectónico anteriormente existente, já que o desenvolvimento do muro subjacente é coincidente com a bordadura do mosaico agora descoberta. Outro muro, perpendicular ao anterior, e definido, tal como aquele, por alinhamento de blocos, desenvolve-se paralelamente a uma parede mestra do edifício setecentista, que, tudo o indica, aproveitou a pré-existência romana para seu embasamento (Fig. 17).

Os depósitos pós-romanos conservados nesta sala limitavam-se ao enchimento de depressões existentes no substrato geológico contendo escassos materiais já estudados, desde a Alta Idade Média à Época Moderna. São igualmente pobres os espólios romanos recolhidos, o que se explica pelo facto de os escassos depósitos intactos corresponderem ao enchimento terroso intencionalmente depositado aquando do assentamento do mosaico.



Fig. 15 – Pormenor da bordadura setentrional do mosaico romano posto à vista na Sala 6, em 2007, aquando da sua descoberta, na continuidade da parte já conhecida identificada ao longo da parede da Sala 1. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 16 – Pormenor da bordadura setentrional do mosaico romano posto à vista na Sala 6, em 2007, sob o qual se identificou muro de alvenaria romano, anterior à implantação do mosaico, e dele separado por um depósito terroso e por outro de argamassa de cal e areia que lhe serviu de cama, onde assentam as tesselas. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 17 – Vista parcial da Sala 6, escavada em 2007, observando-se ao fundo a bordadura do mosaico então identificada, sob a qual se divisa muro romano de alvenaria rectilíneo, o qual, conjuntamente com troço de muro idêntico e que lhe é ortogonal, visível do lado esquerdo da foto, correspondia a uma fase construtiva anterior da *pars urbana* da *villa*. Ao centro, desenvolve-se muro de alvenaria de pequenos blocos, calceira de tijoleira e uma fossa de planta subcircular, de cronologia mais moderna. Foto de J. L. Cardoso.

3 – ESTUDO DOS MATERIAIS

3.1 – II Idade do Ferro

As produções cerâmicas deste período caracterizam-se por apresentarem fabricos manuais ou a torno rápido, cozidas em ambiente redutor, algumas delas com acabamento e decoração obtidos por brunimento.

No conjunto ora publicado destacam-se os potes de colo vertical e bordo simples, utilizados como contentores (n.ºs 1-4). Os dois bordos ligeiramente extrovertidos (n.ºs 5 e 6), bem como os dois fundos de contentores, de pastas grosseiras (n.ºs 7 e 8), podem ser da mesma época, embora ocorram igualmente em contextos da Idade do Bronze, aliás presentes no local e já publicados (CARDOSO, 2016/2017). Reconheceram-se outras produções manuais, respeitantes a grandes contentores de fabrico manual grosseiro, eventualmente pertencentes à Idade do Bronze ou a fase indeterminada da Idade do Ferro, à semelhança de exemplares publicados da Lapa do Fumo com as mesmas características (ARRUDA & CARDOSO, 2013), com ampla diacronia, entre os séculos VI e III a.C. Mais circunscrito no tempo, situando-se no século V a.C., é o conjunto de produções manuais comparáveis, recolhido no casal agrícola de Gamelas 2, situado a cerca de 2 km de distância associadas a produções de cerâmicas cinzentas finas feitas ao torno, de produção local (CARDOSO & SILVA, 2012). Na situação em apreço, a ausência de contextos estratigrafados impede maiores certezas, pelo que prudentemente foram reportadas indistintamente ao Bronze Final ou a cronologia indiferenciada da Idade do Ferro.



Fig. 18 – Materiais cerâmicos. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Idade do Ferro:** 1, 2 e 3 – Potes (o n.º 2 com decoração brunida); 14 – Asa de ânfora. **Idade do Ferro / Período Republicano:** 20, 21 – Jarros (o n.º 21 com decoração brunida); 22 – Pote com decoração brunida; 25 – Taça. Fotos de B. L. Ferreira.



Fig. 19 – Materiais cerâmicos. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Período Romano:** 31 – Prato de *terra sigillata* itálica ou sudgálica, Drag. 15/17; 32 – Taça de *terra sigillata* itálica; 34 – Prato de *terra sigillata* sudgálica, Drag. 15/17; 43 – Taça de *terra sigillata* africana clara A; 47 – Tacho de cerâmica de cozinha africana, Ostia III; 131 – Pote (?); 144 – Pote meleiro ou para azeite; 146 – Tampa. Fotos de B. L. Ferreira.



Fig. 20 – Materiais cerâmicos, de vidro e de osso exumados. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Período Romano:** 36 – Taça de *terra sigillata* hispânica, decorado a guilhoché, Drag. 24/25; 39 – Taça de *terra sigillata* africana clara A, Hayes 9A; 40 – Taça de *terra sigillata* africana clara A, Hayes 9B; 49 – Taça de cerâmica de Paredes Finas, tipo Mayet XXXVII; 53 – Copo de cerâmica de Paredes Finas, de Mérida, tipo Mayet XLIV; 56 – Lucerna com asa tipo Ponsich 7/8; 57 – Taça de vidro tipo Ising 80.2; 95 – Púcaro; 109 – Jarro (?); 110 – Bilha; 155 – Agulha de osso; 156 – Alfinete de osso. Fotos de B. L. Ferreira.



Fig. 21 – Materiais cerâmicos. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Período Romano:** Ânforas. 58 – tipo Dressel 14 A; 62 – tipo Dressel 20; 64, 66, 67 e 69 – tipo Lusitana 3; 74 – tipo Almagro 51C. Fotos de B. L. Ferreira.



Fig. 22 – Materiais cerâmicos. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Período Romano:** 147 – *Dolium*; 151 – Peso de rede; 152 – Peso de tear; 153 – Peso de rede (?); 154 – Telha. Fotos de B. L. Ferreira.

Nestes termos, o conjunto agora publicado poderá ser associado em parte ao já dado a conhecer da Idade do Bronze, respeitante às produções manuais finas, como as taças carenadas, lisas ou decoradas com os tão característicos ornatos brunidos, que nesta região caracterizam o Bronze Final, também localmente presentes, associados eventualmente a grandes contentores de fabrico manual, os quais podem ser já da Idade do Ferro. A esta época pertencem inquestionavelmente os vasos de colo alto, com acabamento superficial brunido, formando faixas decorativas horizontais, cuja cronologia poderá remontar ao século V a.C., ou a épocas mais tardias.

3.2 – Final da Idade do Ferro / Período Romano Republicano (séculos II / I a. C.)

Entre os materiais recolhidos no espaço outrora ocupado pela *pars urbana* da *villa* romana de Oeiras, situada na Rua das Alcássimas/Rua da Costa, que ora se estudam, encontram-se alguns que remontam aos finais da Idade do Ferro/Período Republicano. Um bico de uma ânfora do tipo Mañá C2, provavelmente do sub-tipo C2a, conservada no Museu Nacional de Arqueologia, entre outros vestígios também recolhidos por José Leite de Vasconcelos em 1903, foi entretanto, objecto de publicação (CARDOSO, 1996). Esta ocorrência, atribuível ao século II a.C., veio agora a ser acompanhada de outras, que conferem maior significado a esta primeira ocupação histórica do casco urbano oeirense.

Os materiais recolhidos nas escavações realizadas entre 2000 e 2007 atribuíveis ao final da Idade do Ferro, coevos das primeiras produções de origem itálica, presentes na região desde o século II a.C., são escassos e encontram-se muito fragmentados, indiciando transporte de outros locais do actual Centro Histórico de Oeiras. Com efeito, apenas se identificou uma estrutura situada na Sala 3, acima referida, que, tanto pela sua posição no terreno, como pelas suas características, é susceptível de ser incluída na Idade do Ferro, ainda que não estivesse directamente associada a nenhum exemplar daquela época.

O n.º 9 do catálogo corresponde a pequeno bordo de prato, espessado, de cozedura redutora. Possui uma forma incomum, com paralelo aproximado recolhido na rua Marquês de Pombal, Oeiras (CARDOSO et al., 2021, p. 294, Fig. 23, n.º 8), sendo semelhante ao tipo 1Aa, da Rua dos Correeiros (SOUSA, 2014, p. 329, Est. 1. n.º 2374) e a outro bordo de pasta grosseira, proveniente do sítio de Cabreiro I, Cascais, provavelmente da 1.ª Idade do Ferro (CARDOSO, 1991, p. 44, Fig. 14).

O n.º 10 do catálogo corresponde a jarro de pasta cinzenta, colo estreito, asa de secção rectangular e ombro descaído. Sendo também uma forma rara, pode integrar-se na série 5B, das produções do estuário do Tejo, com cronologia do século V a III/II a.C. (SOUSA, 2021, p. 150, Fig. 16).

Entre os recipientes de armazenagem identificou-se um *pithos*, em cerâmica vermelha, com bordo em voluta, (n.º 11). É uma forma bastante comum, de ampla diacronia, que em Freiria foi recolhida em contextos datáveis do século VI ao século II a.C. (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013, p. 166, Fig. 59; p. 177, Fig. 84).

Os dois fragmentos de bordos de ânfora, (n.ºs 12 e 13), correspondem ao tipo 6 das produções anfóricas do estuário do Tejo, que se encontram datadas entre o século VI e a segunda metade do II a.C. (SOUSA & PIMENTA, 2014, p. 308 e 311, Fig. 5), aparecendo em Freiria associadas a materiais dos séculos II a inícios do I a.C. (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013, p. 153-156, Fig. 45 e 46; CARDOSO, 2018a, p. 299).

Quanto aos fragmentos de asas de secção circular e em fita, (n.ºs 14-18), são característicos de ânforas e *pithoi*, de difícil identificação. Em Freiria recolheu-se um conjunto de exemplares em contexto do século VI a II a.C. (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013, p. 147, Fig. 26; p. 166, Fig. 58). Cronologia do século VI a.C. é a do casal agrícola de Leião, onde ocorrem asas desta tipologia (CARDOSO et al., 2010/2011), evidenciando a sua grande diacronia, representadas em diversas estações da Idade do Ferro do actual território oeirense.

São vários os fragmentos de cerâmica cinzenta brunida pertencentes a formas fechadas, potes e jarros, correspondentes aos n.ºs 19-24. O pote ou jarro com nervura no colo, (n.º 20) poderá datar-se dos séculos VI a IV a.C. (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 2013, p. 148 e 149, Fig. 31), tendo paralelos tanto na Outurela, Oeiras, dois casais agrícolas adjacentes situáveis no século V a.C. (CARDOSO, 1990; CARDOSO et al., 2014), como em Gamelas 3, outro casal agrícola, mais próximo do Centro Histórico de Oeiras (CARDOSO & SILVA, 2012), igualmente situável no século V a.C.

Por outro lado, os jarros com decoração brunida, (n.ºs 21 e 22), bem como o fragmento de asa, (n.º 23) e o fundo, (n.º 24), aparecem habitualmente em níveis pré-romanos, tal como no povoado de Porto Sabugueiro, Muge (PIMENTA & MENDES, 2008, p. 179, Fig. 15) ou, já no período romano republicano, como é o caso da *villa* de Freiria, Cascais (CARDOSO, 2018 a, p. 325, Fig. 249). Também no Beco do Forno do Castelo, em Lisboa, recolheram-se dois jarros de pasta cinzenta com decoração brunida, de tradição indígena, em contexto do século II e I a. C. (PIMENTA et al., 2014, p. 135, Fig. 21, 27 e 28). Do mesmo modo, na Rua do Recolhimento, também em Lisboa, foram recolhidos alguns fragmentos do mesmo tipo de cerâmica, decorados com reticulado brunido, datados do período romano republicano (MOTA, PIMENTA & SILVA, 2014, p. 160, Fig. 17).

A tigela de cerâmica comum (n.º 25), recolhida na Sala 4, a uma profundidade entre os 75-90 cm, com paredes de espessura fina e decorada com caneluras abaixo do lábio, representa uma forma rara, datada entre o período Romano Republicano e finais do século I d.C.

Enfim, os dois fundos de cozedura redutora cinzenta, um anelar e outro em bolacha, (n.ºs 26 e 27), também podem incluir-se na fase inicial da romanização, devido a serem formas que prevaleceram nos contextos desta época.

3.3 – Período romano imperial

3.3.1 – Produções cerâmicas

A partir do Alto Império, regista-se um aumento das produções cerâmicas, acompanhando a maior diversidade de cerâmicas finas de mesa. A análise da distribuição das produções romanas imperiais na área outrora ocupada pela *pars urbana* da *villa* de Oeiras corrobora as conclusões anteriormente obtidas respeitantes às produções pós-romanas (CARDOSO et al., 2022), verificando-se distribuição generalizada das peças de cima a baixo na sequência estratigráfica observada em todas as salas exploradas no piso térreo do edifício de fundação setecentista. Tal significa que a formação dos referidos depósitos é moderna, prosseguindo na época contemporânea. Tendo presente a distribuição dos materiais romanos pelas diferentes salas verifica-se que a larga maioria (86 peças) provém da **Sala 4**, aquela que mais afastada se encontra da implantação do mosaico romano, indício que a formação dos depósitos não têm relação directa com aquele sector da *villa*, nem tão-pouco com outras estruturas romanas, que não se identificaram naquela sala. Em contrapartida, os espólios romanos oriundos tanto da **Sala 1** como da **Sala 2**, de níveis subjacentes ao embasamento do mosaico, forneceram escassos materiais, o mesmo se verificando com a **Sala 6**, onde se colocou à vista a bordadura daquela peça musiva mas onde, da mesma forma, foram escassos os fragmentos romanos recolhidos.

Já na **Sala 5**, de onde provém 32 peças romanas, foi reconhecido um troço de embasamento de muro romano, embora a maioria das peças provenha dos níveis intermédios de enchimento, entre os 30 e os 45 cm de profundidade (12 exemplares), o mesmo que na **Sala 4**, forneceu também o maior número de restos (19 exemplares). Tal situação mostra que a sua ocorrência nada tem a ver com a presença das estruturas

romanas identificadas na **Sala 5**, situadas a maiores profundidades, com as quais se pode relacionar apenas um escasso número dos exemplares recolhidos.

Terra sigillata itálica

Recolheram-se, à profundidade de 60-70 cm, na **Sala 4**, sete fragmentos de *terra sigillata* itálica, sendo unicamente classificáveis 2 exemplares pertencentes ao tipo Conspectus 15/17, com cronologia compreendida entre 15 d.C. e 90 d.C. (n.ºs 30-31). Na sala 2, a uma profundidade de 45-70 cm, recolheram-se dois fragmentos de pés de taça, de formas indeterminadas (n.ºs 32-33), datáveis da primeira metade do século I d.C.

Terra sigillata sudgálica

Das primeiras camadas da **Sala 5** provém um fragmento de *terra sigillata* sudgálica, do tipo Conspectus 15/17. Trata-se de uma produção datável dos inícios até aos finais do século I d.C., da Gália do Sul, do complexo oleiro de La Graufesenque – Millau (n.º 34).

Terra sigillata hispânica

Recolheu-se na **Sala 4**, a uma profundidade de 75-90 cm, um pequeno fragmento de bordo de prato (?), de *terra sigillata* hispânica, Peñafior, tipo Martínez III, (n.º 35) datável da primeira metade do séc. I d.C. (AMORES & KEAY, 1999, p. 237; BUSTAMANTE & HUGUET ENGUITA, 2008, p. 185-195).

Da primeira camada da **Sala 6**, provém um fragmento de bordo de *terra sigillata* hispânica, decorado a guilhoché (n.º 36), da forma Drag. 24/25, datável de 40 d.C. a 150 d.C.

Na Sala 5, foram exumados mais dois fragmentos de pé, de forma indeterminada, de *terra sigillata* hispânica, um no estrato entre os 40-60 cm e outro entre 75-90 cm (n.ºs 37-38).

Terra sigillata africana clara A

Entre os finais do século I d.C. e os inícios do século III d.C., chegaram a Oeiras as primeiras produções de *terra sigillata* africana clara, sob as formas Hayes 9a e 9b (neste caso em quantidades reduzidas), com origem no Norte de África, província romana da Proconsular.

Na **Sala 5**, a uma profundidade de 60-75 cm, registou-se um fragmento de parede de *terra sigillata* africana clara A, Hayes 9A (n.º 39), enquanto na **Sala 4**, a uma profundidade entre 40-120 cm, foram recolhidos fragmentos de duas taças de *terra sigillata* africana clara A, Hayes 9B (n.ºs 40-42).

Também na **Sala 4**, nas primeiras camadas, foi recolhido um fragmento de bordo de *terra sigillata* africana clara A, Hayes 16 (n.º 44), datável dos finais do séc. II a inícios do século III d.C. Ainda da mesma sala, a uma profundidade de 75-90 cm, foram recuperados fragmentos de duas peças pertencentes a este grupo de produções, forma indeterminada (n.ºs 43 e 45).

Terra sigillata africana clara D

Na **Sala 5** recolheu-se pequeno fragmento de prato de bordo afilado e parede, de *terra sigillata* africana clara D, Hayes 61 (n.º 46), datável entre inícios e finais do séc. V d.C.

Cerâmica de cozinha africana

Das primeiras camadas da **Sala 5** provém um fragmento de tacho de cerâmica de cozinha africana tipo Ostia III (n.º 47), datável entre a primeira metade do século II e os inícios do V.

Cerâmica de Paredes Finas

Na **Sala 6**, à superfície, foi recolhido um fragmento de boca de púcaro em cerâmica de paredes finas, tipo Mayet XX (n.º 48).

Da **Sala 4** proveio uma taça de cerâmica de paredes finas, tipo Mayet XXXVII (n.º 49), datável entre 25 e 60 d.C., e, na mesma sala, a uma profundidade entre 60-75 cm, foi recuperado um fragmento de bordo e parede de taça, em cerâmica de Paredes Finas, de Mérida, tipo Mayet LIII (n.º 50), com cronologia entre Tibério-Cláudio e inícios do século II d.C.

Na **Sala 5**, a uma profundidade de 30-45 cm, foi registado outro fragmento do mesmo tipo de taça (n.º 51), e a uma profundidade entre os 75-90 cm, mais um outro fragmento de taça, de Mérida, tipo Mayet LIII (n.º 52).

Na **Sala 4**, foi recuperado ainda um fragmento de copo de paredes finas, produção de Mérida, tipo Mayet XLIV (n.º 53), com cronologia balizada entre Tibério-Cláudio e inícios do século II d.C.

Lucernas

São escassos os fragmentos de lucernas recolhidos; apenas três fragmentos possibilitaram algumas conclusões de natureza cronológico-cultural. Na **Sala 4**, a 90-105 cm de profundidade, recolheram-se dois fragmentos (n.ºs 54-55), sendo que o primeiro corresponde a uma asa do tipo Ponsich 7/8, com cronologia dos séculos II-III d.C., respeitando o segundo a porção do disco, de tipo indeterminado.

Na **Sala 5**, a 75-90 cm recolheu-se outro fragmento de asa do tipo Ponsich 7/8 (n.º 56).

Ânforas

Entre os grupos de cerâmica mais significativos que se recolheram na área da escavação, o das ânforas mostrou-se o mais expressivo.

Da **Sala 2**, e a uma profundidade de 45-60 cm, recolheram-se do tipo Dressel 14 quatro exemplares, sendo o primeiro (n.º 58) da variante A. Devido ao ressalto existente entre o lábio e o colo, é datável dos meados do século I d.C. Os restantes fragmentos, atribuíveis à mesma forma, provêm das **Salas 5, 4 e 2**, entre os 30 e os 75 cm de profundidade (n.ºs 59-61), integrados em cronologia mais lata, entre os meados do século I d. C e os inícios do século III d.C. Todos estes contentores anfóricos serviram para o transporte de derivados piscícolas, produzidos certamente na área do baixo Tejo.

Proveniente da área do rio Guadalquivir, na Bética, é o exemplar de boca e colo do tipo Dressel 20 (n.º 62), recolhido na **Sala 4**, a 60-75 cm de profundidade, que serviu para o transporte de azeite. Pela forma do lábio, este exemplar é datável do terceiro quartel do século I d.C.

Datados do século II a inícios do século III d.C., identificaram-se sete exemplares de ânforas do tipo Lusitana 3 (n.ºs 63-69). Apresentam o característico bordo em fita com uma ou duas caneluras, corpo ogival e base plana (DIOGO, 1987, p. 184). Segundo as análises realizadas ao conteúdo de alguns exemplares, estes terão servido para o transporte de vinho produzido na área de *Olisipo*. Foram recolhidas durante a escavação da **Sala 5**, entre 30-60 cm e na **Sala 4**, a uma profundidade entre os 60 e os 90 cm.

A partir do século III d.C. até inícios do século V d.C. chegaram à *villa* romana de Oeiras diversos exemplares de ânforas tipo Almagro 51C que terão servido para o transporte de pastas de peixe. Da **Sala 4**, a uma profundidade entre os 45-60 cm de profundidade, provêm três pequenos fragmentos de bordo, um em fita, liso e outros dois de perfil arredondado e espessado (n.ºs 70, 74 e 75), apresentando o característico tipo de pasta bege da Bética.

Das produções lusitanas do tipo Almagro 51C, foram recolhidos sete exemplares nas **Salas 1, 4 e 5**, entre a primeira camada e os 75 cm de profundidade (n.ºs 71-73, 75, 79, 80 e 82). Estas formas foram produzidas nas *figlinae* da margem esquerda do baixo Tejo e seus afluentes, entre o século III d.C. e inícios do século IV d.C. e serviram para o envase de pastas de peixe aqui fabricadas.

Dois fragmentos de bocas afuniladas, de parede direitas, não permitem determinar a forma exacta. Uma foi recolhida na **Sala 5**, entre os 30 e os 45 cm, e pode tratar-se de uma variante do tipo Almagro 51C (n.º 76). A segunda, recolhida na sala 4, a uma profundidade 60-75 cm, embora semelhante, apresenta uma boca mais larga, facto que nos coloca algumas dúvidas (n.º 77).

Recolheu-se um único exemplar de ânfora do tipo Almagro 50 ou Lusitana 6 (DIOGO, 1987, p. 183), de produção do baixo Tejo (n.º 78), datável do século IV a inícios do V d.C., registado na **Sala 6**, entre os 15-60 cm de profundidade.

Da Sala 4, a uma profundidade entre 45 e 60 cm, provêm um fragmento de bojo com asa em fita, ovalada (n.º 81), de forma indeterminada.

Cerâmica comum

Taças

Entre os recipientes contentores de líquidos, integram-se três exemplares (n.ºs 83-85), sendo o primeiro de paredes divergentes, tão ao gosto das produções dos finais do período republicano e os inícios do Império. Provém da **Sala 4**, a uma profundidade de 75-90 cm. O segundo limita-se a pé anelar de pasta cinzenta e o terceiro a um fragmento espessado, de taça ou lamparina, recolhido na sala 5 (n.º 85), nas primeiras camadas. J. S. Nolen publica uma peça semelhante, recolhida em sepultura de Torre das Arcas, a que atribui uma cronologia entre o século II e III d.C. (NOLEN, 1985, p. 137, n.º 511)

Púcaros

Os púcaros são os contentores de líquidos mais comuns que surgem em contexto de escavação nas *villae* da região de *Olisipo*, encontrando-se também em sepulturas de cremação ou de inumação.

A sua diversidade é grande e está directamente relacionada com a época de produção e os centros produtores. Em Oeiras, os exemplares apresentam características cromáticas que passam pelas pastas vermelhas (Munsell 2.5Y 6/6 a 4/8) e brancas (Munsell 5Y 8/1).

Devido à pouca espessura das suas paredes, a maioria são pequenos fragmentos de lábio, fundo e asas (n.ºs 86-93, 95-104). Ocorrem também bordos rectos revirados para o exterior, salientes ao colo, semelhantes aos recuperados na necrópole de Freiria, e que se podem incluir nos tipos Nolen 1-b, 2-b e 2-f, (CARDOSO, 2018, p. 172), entre o século I e os inícios do III d.C.

Na necrópole do Alto do Cidreira foram recolhidos nove potes, todos eles com bordo extrovertido, afilado, datáveis do século III-IV d.C., diferentes dos recolhidos em contextos do Alto-Império (CARDOSO et al., 2022, p. 97 e 98)

Púcara

Entre os bordos rectos virados para o exterior, existe um exemplar de maiores dimensões (n.º 94), semelhante a um recolhido em Sto. André, datado do período entre os Flávios e os inícios do século II d.C. (NOLEN, 1985, p. 131, n.º 502).

Bilha

Os fragmentos de bilhas recolhidos apresentam boca larga (n.ºs 105-108, 110-114). São todas de colo largo, bordo exvasado do tipo Nolen 6-a, que as data dos finais do século I aos inícios do século III d.C.

Possuíam uma asa em fita que arrancava do bordo e ligava ao ombro, como nos exemplares da *villa* de Freiria, onde um dos exemplares desta forma foi recolhido com um conjunto de moedas do século IV d.C. (CARDOSO, 1918, p. 332, Fig. 256, n.º 12).

Proveniente na **Sala 2**, entre os 20-40 cm de profundidade, recolheu-se um fragmento de jarro (n.º 109), de boca espessada, secção quadrangular, arredondado no interior, com lábio plano, as paredes apresentam perfil troncocónico, acentuadamente estrangulado. A pasta é a típica dos centros produtores da Bética.

Pratos

Um outro conjunto significativo de peças recolhidas na escavação é constituído por pratos (n.ºs 115-129) com diversos diâmetros entre os 116 mm e os 300 mm.

Jeannette Nolen apresentou uma tipologia com base nos bordos dos pratos recolhidos nas necrópoles do Alto Alentejo (1985, p. 81). E é nesse sentido que os exemplares de bordo espessado (n.ºs 115-117), recolhidos na sala 3, 4 e 6, entre os 45 cm e os 105 cm de profundidade, integram-se no tipo Nolen 3, tendo sido encontrados em contextos entre a segunda metade do século I d.C. e o século IV d.C. (NOLEN, 1985, p. 86).

Na **Sala 4**, a uma profundidade de 75-90 cm, foi recolhido um fragmento de prato (n.º 124), semelhante a um exemplar exumado na sepultura 98.5, da *villa* romana Freiria, datado dos finais do século I a inícios do século II d.C. (CARDOSO, 1985, p. 172). Na mesma sala, a uma cota superior, 45-60 cm, e com um diâmetro de 300 mm (n.º 126), foi recolhido fragmento de prato ladeiro ou travessa, que se pode integrar no tipo Nolen 3-b, datável de Cláudio a meados do século II d.C. (NOLEN, 1985, p. 84). Ainda da **Sala 4**, e a uma profundidade entre 30 e 90 cm, foi registado um fragmento de bordo introvertido, também de grande diâmetro (n.º 128), que se pode integrar no tipo Nolen 3-c, datável dos inícios do século II d.C. ou dos finais do século anterior (NOLEN, 1985, p. 85).

Os restantes exemplares confirmam a diversidade de produções existentes para este tipo de recipiente nas olarias do baixo Tejo, que de momento são difíceis de precisar cronologicamente.

Potes

Os potes são contentores que habitualmente servem para guardar alimentos. Possuem dimensões distintas, variando consoante a função a que se destinavam (CARDOSO et al., 2021)

Da **Sala 4**, recolheu-se a uma profundidade 60-75 cm, pequeno fragmento de bordo em S (n.º 129), e outro a uma profundidade 75-90 cm, com bordo em aba curta (n.º 130).

Na primeira camada da **Sala 6** foi recuperado um fragmento de bordo plano, colo curto e bojo cilíndrico (n.º 131), apresentando semelhanças aos bordos das ânforas tipo Maña C.

Alguidares

Os alguidares encontram-se presentes na forma habitual de grandes recipientes, onde a morfologia do bordo pode variar. Os dois exemplares recolhidos na **Sala 4**, entre os 30 e os 60 cm de profundidade (n.ºs 132 e 133) possuem bordo em aba larga e galba semiesférica. Deste tipo foram recolhidos exemplares em Freiria, nos contextos dos séculos III e IV d.C. (CARDOSO, 2018, Fig. 263).

Com o bordo saliente, seguido de canelura, identificou-se um exemplar recolhido na **Sala 4**, a uma profundidade entre os 30 e os 45 cm (n.º 134). No Morraçal da Ajuda, em Peniche foi registado um exemplar de bordo recto, recolhido em contexto do século I ou II d.C. (CARDOSO et al., 2017, p. 66, Fig. 32 n.º 101). Das primeiras camadas da **Sala 3** provém um fragmento de alguidar semelhante (n.º 135), de bordo mais boleado, situável em finais do período romano, tendo como referência Freiria, onde esta forma chega ao século VIII/IX d.C. (CARDOSO, 2018, p. 349, Fig. 278).

Na **Sala 5**, a uma profundidade entre os 30 e os 45 cm, foi recolhido um fragmento de alguidar ou bacia, com bordo ligeiramente extrovertido e parede vertical (n.º 136).

Panelas/ tachos

Todos os fragmentos recolhidos, correspondentes a bordos de panelas ou tachos possuem a aba virada para fora. Na análise dos materiais da *villa* do Alto do Cidreira, Cascais, Jeannette Nolen tinha constatado ser esta a forma mais comum (NOLEN, 1988, p. 98). Na **Sala 4**, a uma profundidade de 75-90 cm, recolheu-se um fragmento de bordo de secção semicircular (n.º 137), datável dos finais do século I a inícios do III d.C. (idem, 1988, 101, n.º 11; CARDOSO et al., 2017, p. 65, n.º 25). Na mesma sala recolheram-se dois fragmentos de bordo ligeiramente espessado, dobrado para o exterior, formando aba horizontal (n.º 138 e 142), datáveis do século V d.C. (CARDOSO & BATALHA, 2022, p. 67, n.º 54).

Nas **Salas 4 e 5**, recolheram-se na segunda camada, dois fragmentos de aba direita dobrada para o exterior (n.º 139 e 143), com paralelos no Morraçal da Ajuda, em Peniche, podendo ser datados do Alto-Império (CARDOSO et al., 2017, p. 69, n.º 30).

Da **Sala 4**, a uma profundidade entre 45 e 90 cm, provém dois bordos espessados e parede aprumada (n.ºs 140 e 141), datáveis do século II d.C. (ALARCÃO, 1974, p. 93-95 e 99, Est. XXVIII, n.º 600).

Pote meleiro ou de azeite

Na primeira camada da **Sala 4**, recolheu-se um fragmento de parede, com ressalto em forma de aba, próximo do bordo, formando depressão que seria preenchida com água, evitando o acesso a formigas e outros insectos ao seu conteúdo (n.º 144). Trata-se de uma forma ancestral, utilizada no armazenamento de mel e azeite.

Manuela Delgado refere pela primeira vez a existência de potes para guardar mel, na cidade de *Bracara Augusta*, com morfologia comparável à deste exemplar (DELGADO, 1996/ 1997, p. 149-165).

Rui Morais, por seu turno, chama a atenção para o mesmo tipo de potes, existentes desde a Idade do Ferro na Península Ibérica e na época romana, na referida cidade, demonstrando a existência do seu fabrico ainda na Época Contemporânea. Lança ainda a hipótese de terem servido também para guardar azeite, dando o exemplo de um *dolium* proveniente dos arredores de *Conimbriga* (MORAIS, 2006, p. 153, 155 e 156, n.º 41).

Na verdade, é grande a semelhança entre o exemplar recolhido com outros materiais romanos em Areias, Venda da Luísa e o de Oeiras (PESSOA, 1986, p. 57, Est. IV, n.º 3).

Testo

Da **Sala 4**, a uma profundidade entre 30 e 45 cm, recolheu-se um fragmento de bordo de testo troncocónico (n.º 145) e na mesma sala, à profundidade entre 105 a 120 cm, foi exumado um outro fragmento de pega de testo também troncocónico (n.º 146). Entre as produções do Morraçal da Ajuda, Peniche, foram registados fragmentos deste tipo de testo, datáveis do Alto-Império (CARDOSO et al., 2017, p. 66, Fig. 33, n.ºs 104-106).

Dolia

Da **Sala 3**, a uma profundidade entre 45 e 60 cm, foi recuperado um fragmento de boca de *dolium*, de bordo espessado, com ressalto e pequena barbeta virada para cima (n.º 147). É semelhante ao tipo D.AI-1.3, recolhido no sítio da Foz da Ribeira do Poio – Baixo Sabor, datado da segunda metade do século I d.C. e meados do século II d.C. (BÁEZ et al., 2016, p. 901 e 903, Fig. 2, n.º 3). Da mesma sala e profundidade provém um fragmento de bordo virado para o exterior (n.º 148), do tipo idêntico a um outro recolhido em *Conimbriga*, em estratos que vão do período de Augusto ao dos Flávios (ALARCÃO, 1974, Est. XIV, n.º 298). Na *villa* do Alto do Cidreira foi registado um fragmento com a mesma tipologia, mas de datação indeterminada (NOLEN, 1988, 131, n.º 110).

Recolhido na **Sala 4**, a uma profundidade entre 30 e 45 cm, provém um bordo reentrante, espessado (n.º 149), idêntico ao tipo Pereira e Morais II, datado dos séculos III-IV d.C. (PEREIRA & MORAIS, 2015, p. 35 e 36).

Na **Sala 3**, entre os 15 e 30 cm de profundidade, foi recuperado um fragmento de fundo de *dolium*, em bolacha (n.º 150), de cronologia indeterminada.

Pesos de rede

Recolheu-se na **Sala 4**, a uma profundidade entre os 60 e os 75 cm, metade de um pequeno peso de rede de secção triangular (n.º 151), idêntico a outro recolhido no Morraçal da Ajuda, em Peniche, datado entre o século I d.C. e o II d.C. (CARDOSO et al., 2017, p. 66, Fig. 37, n.º 154). A presença desta peça poder-se-á justificar dada a proximidade do Tejo e linha de costa e conseqüentemente o relacionamento com a actividade piscatória.

Na **Sala 5**, a uma profundidade entre os 30 e os 45 cm, foi exumado um possível peso de rede, (?) circular, com furo ao centro, recortado num pedaço de *imbrex* (n.º 153). Na *villa* do Alto do Cidreira recolheram-se dois semelhantes, mas sem data atribuída (NOLEN, 1988, Est. XV, n.ºs 8 e 9). Trata-se de reutilização a partir de um outro objecto cerâmico, motivada por vivências económicas menos favoráveis conducentes a soluções pragmáticas como a agora evidenciada.

Peso de tear

As condições particulares que caracterizaram a formação destes sucessivos depósitos, não traduzem em termos quantitativos o espectro originalmente existente no âmbito doméstico. Tendo presente que em todos os lares o tear era peça obrigatória, o único fragmento de peso de tear não será representativo da importância da actividade feminina na *villa* de Oeiras. Possui formato paralelepípedo, com orifício, tendo sido recolhido na **Sala 4** (n.º 152), tendo datação indeterminada.

Imbrex decorada

Da **Sala 3**, a uma profundidade entre os 30 e os 45 cm, provém um fragmento de *imbrex*, decorada com um traço no dorso (n.º 154), de cronologia indeterminada.

3.3.2 – Vidros

O único fragmento de recipiente de vidro recolhido cuja forma oferece leitura foi exumado na **Sala 4**; trata-se de porção de bordo de taça, tipo Ising 80.2 (n.º 57), com cronologia entre finais do séc. II e a 2.ª metade do século III d.C.

3.3.3 – Metais

Os metais exumados foram escassos, resumindo-se a uma moeda romana e um fragmento de chapa de liga de cobre. Ambas as peças foram encontradas na **Sala 4**.

A moeda encontra-se muito gasta, o que não permitiu a sua classificação. Pelas suas dimensões e peso, trata-se possivelmente de um asse ou dupôndio, do século I ou II d.C.

A pequena chapa de liga de cobre apresenta vestígios de rebitagem e de um furo na parte superior. Trata-se provavelmente de um fragmento de armela de sítula, de pequenas dimensões, de cronologia romana indeterminada.

3.3.4 – Indústria óssea

Agulha

Na **Sala 4**, a uma profundidade entre os 60-75 cm recolheu-se fragmento de agulha de osso de secção quadrangular, orifício em oito e topo cónico (n.º 155). Existem paralelos do mesmo tipo recolhidos na *villa* romana de Freiria (CARDOSO, 2018, p. 368, Fig.295, n.ºs 6 e 7)

Alfinete

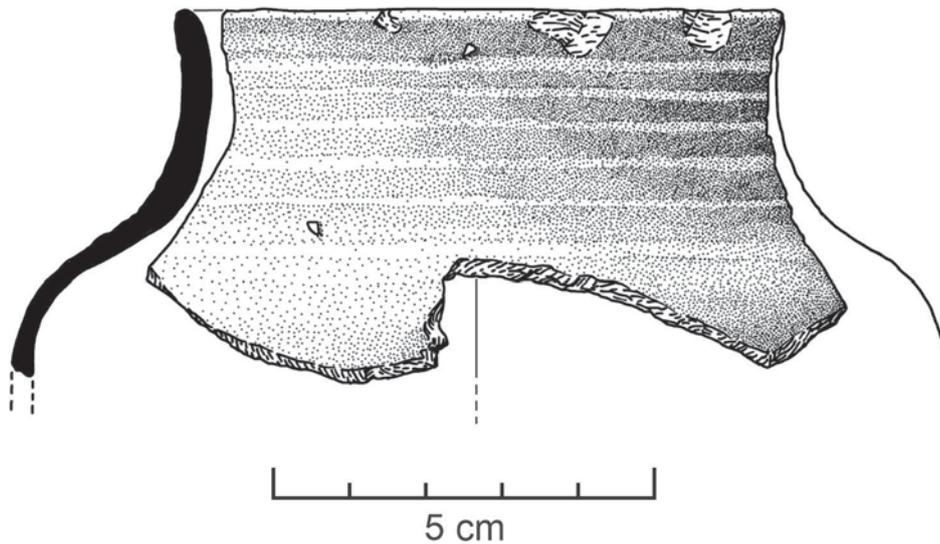
Na **Sala 4**, a uma profundidade entre os 60-75 cm, recolheu-se um pequeno fragmento de haste de alfinete de osso, com falta da ponta e da cabeça que era certamente esférica (n.º 156). Os alfinetes são peças que se encontram recorrentemente em sítios de época romana, por terem sido muito usados nos toucados das senhoras. Na *villa* romana de Freiria, a norte de Oeiras, foram recolhidos alguns exemplares (CARDOSO, 2018, p. 366, Fig. 293, n.ºs 4-9).

4 – CATÁLOGO

Apesar das características anómalas da formação dos depósitos onde se recolheram os materiais ora estudados, conforme se referiu anteriormente, tal não impediu a caracterização tipológica de todos eles, tendo em vista o conhecimento das respectivas cronologias e funcionalidade, essenciais para o estabelecimento das sucessivas épocas de ocupação do casco histórico de Oeiras no decurso da dominação romana, por um lado, e, por outro, o conhecimento das actividades económicas e do quotidiano desenvolvidas pelas respectivas populações.

4.1 – Materiais da II Idade do Ferro

1 – MR/06.90-105.S.4.



Pote – Fragmento de bordo com paredes verticais, lábio arredondado e corpo evoluindo para perfil globular, feito a torno rápido.

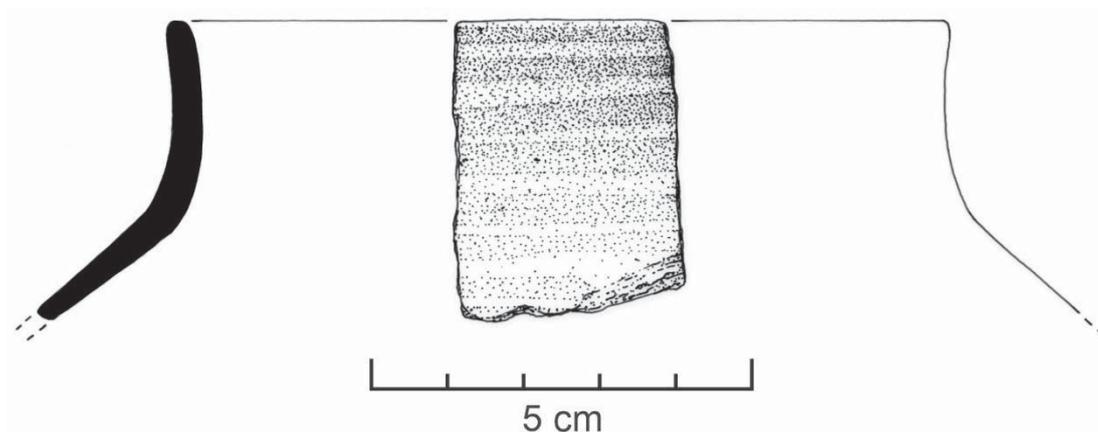
Diâmetro – 80mm.

Cozedura – Redutora.

Pasta – Cinzenta.

Superfícies – Brunidas.

2 – MR/07.45-60.S.4.

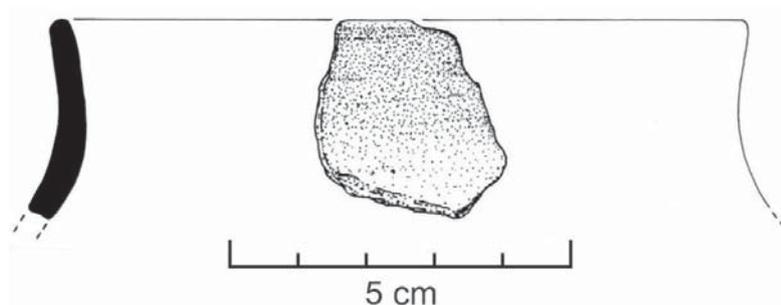


Pote – Fragmento de boca e ombro, feito a torno rápido.

Diâmetro: 100 mm.

Pasta: Redutora, cinzenta e brunida.

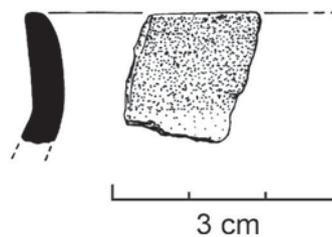
3 - MR/06.CR.S.4.



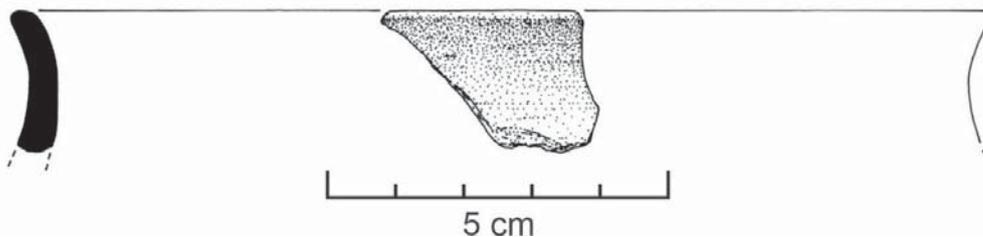
Pote – Fragmento de bordo vertical, feito a torno rápido.
Diâmetro – 99 mm.
Pasta – Redutora, cinzenta, brunida.

4 - MR/07.15-30.S.6.

Pote – Fragmento de boca e ombro, feito a torno rápido.
Diâmetro – Indefinido.
Pasta – Redutora brunida, cinzenta.



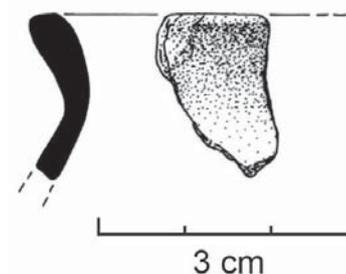
5 - MR/06.CR.S.4.



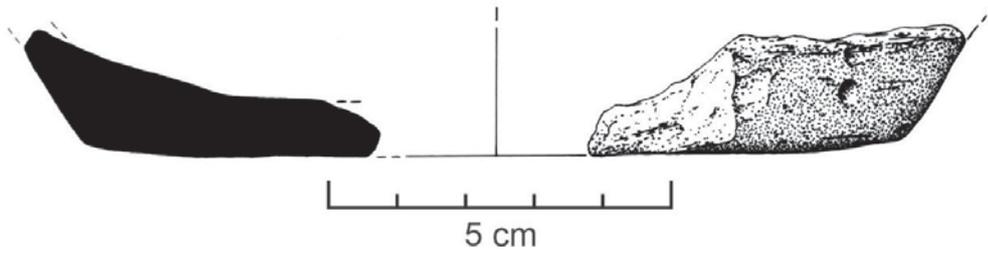
Pote – Fragmento de parede com engobe alaranjado na superfície interna, feito a torno rápido.
Diâmetro – 140 mm.
Pasta – Redutora, cinzenta, brunida.

6 - MR/06.120-135.S.4.

Pote – Fragmento de bordo em “S”, feito a torno rápido.
Pasta – Redutora, cinzenta.



7 - MR/07.30-45.S.6.

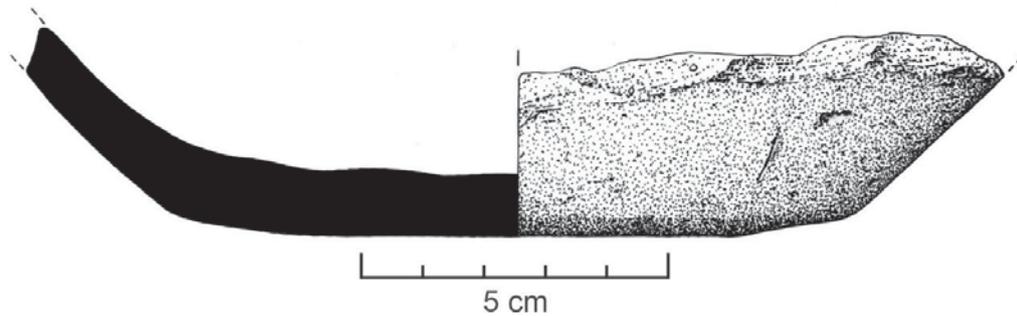


Pote - Fragmento de fundo plano, feito a torno lento.

Diâmetro - 119 mm.

Pasta - Redutora, cinzenta.

8 - MR/05.15-30.S.4.



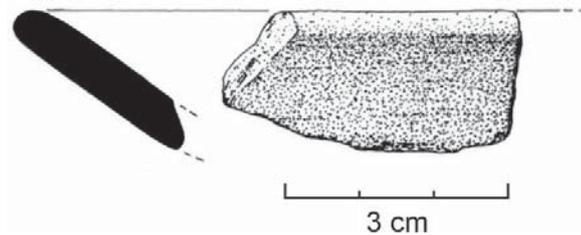
Pote - Fragmento de fundo plano, feito a torno lento.

Diâmetro - 114 mm.

Pasta - redutora, cinzenta.

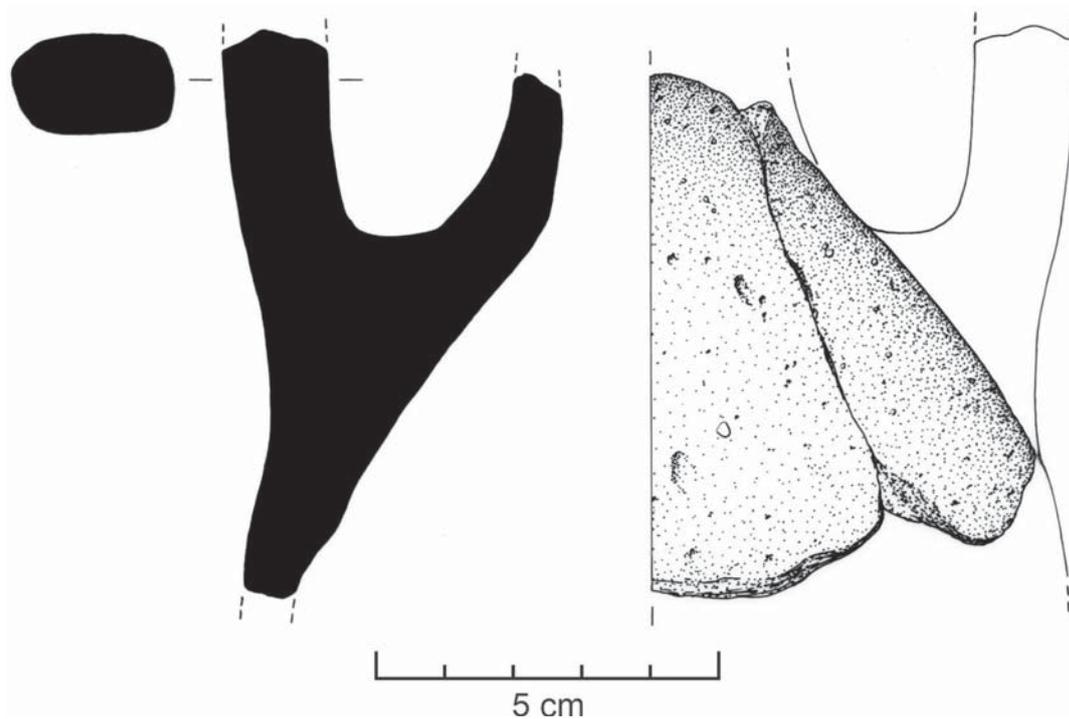
Cerâmica de mesa

9 - MR/06.CR.S.4.



Taça - Fragmento de bordo e parede, feito a torno rápido.

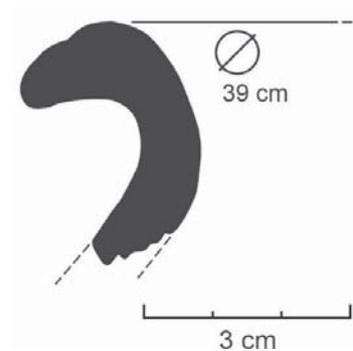
10 - MR/05.15-30.S.4.



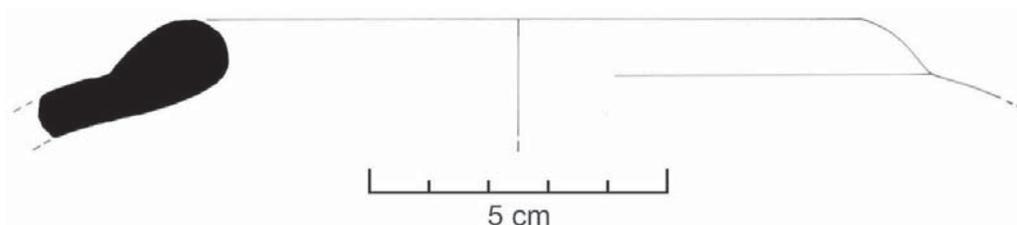
Jarro – Fragmento de colo, com ombro e asa, feito a torno rápido.
Pasta – Redutora, cinzenta.

11 - MR/06.15-30.S.1.

Pote – Fragmento de bordo de pote em aba com perfil em voluta, feito a torno rápido.
Diâmetro – 390 mm
Cozedura – Oxidante, vermelha.

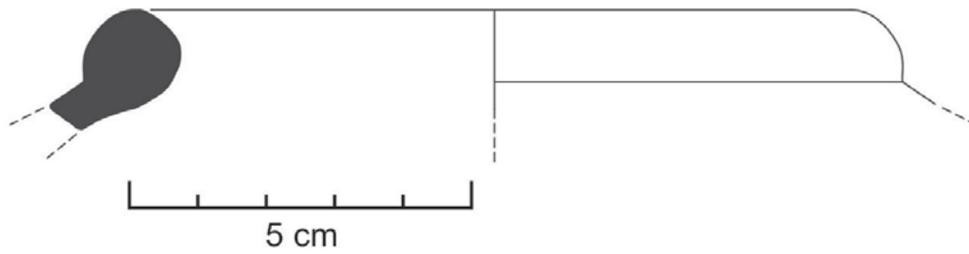


12 - MR/07.15-30.S.6.



Ânfora – Fragmento de bordo e parede, torno rápido.
Diâmetro – 120 mm.
Pasta – Rosada.

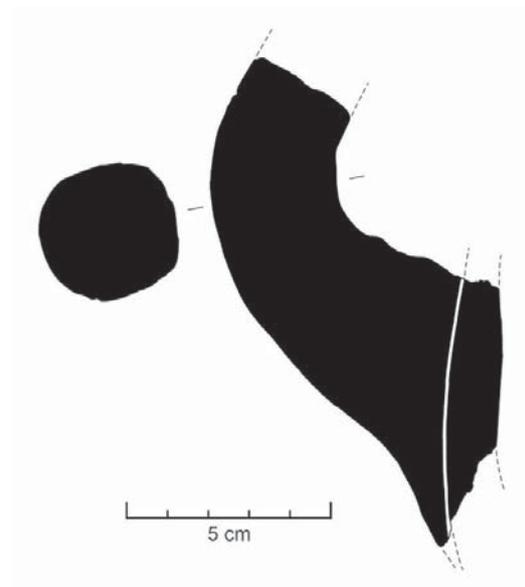
13 – MR/06. Sup-15.S.2.



Ânfora – Fragmento de bordo com secção circular, torno rápido.
Diâmetro – 120mm.
Cozedura – Oxidante, rosada.

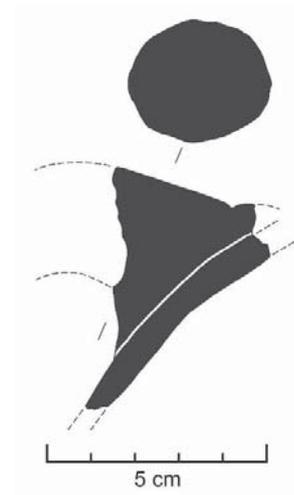
14 – MR/04.45-60.S.2.

Ânfora – Fragmento de asa de ânfora
de secção circular.
Cozedura – Semi-redutora, vermelha escura.



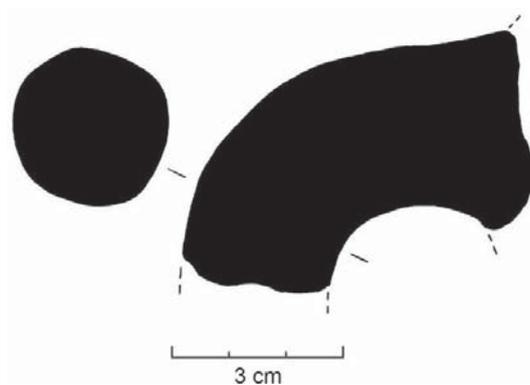
15 – MR/06.15-30.S.1.

Ânfora – Fragmento de parede de ânfora
com arranque de asa de secção circular.
Cozedura – Oxidante, vermelha clara.



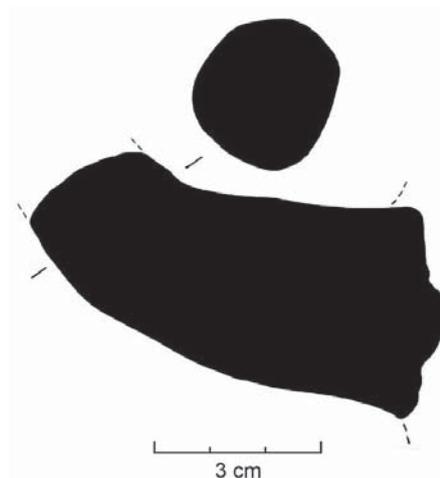
16 - MR/06.60-75.S.2.

Ânfora - Fragmento de asa de ânfora de secção circular.
Diâmetro asa - 29 mm.
Pasta - Bege.



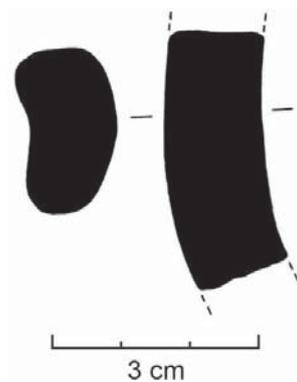
17 - MR/06.60-75.S3.

Ânfora - Fragmento de asa de ânfora de secção circular.
Diâmetro - 28 mm.
Pasta - Bege.



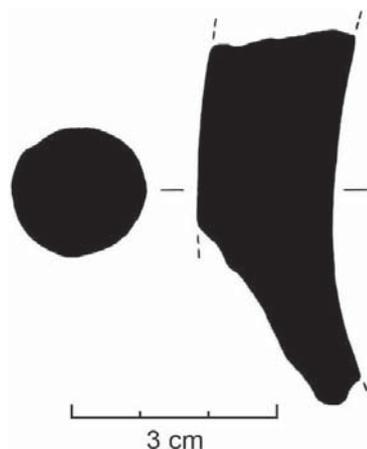
18 - MR/07.CR.S4.

Ânfora - Fragmento de asa de ânfora, de secção em fita, brunida.
Largura da asa - 25 mm.



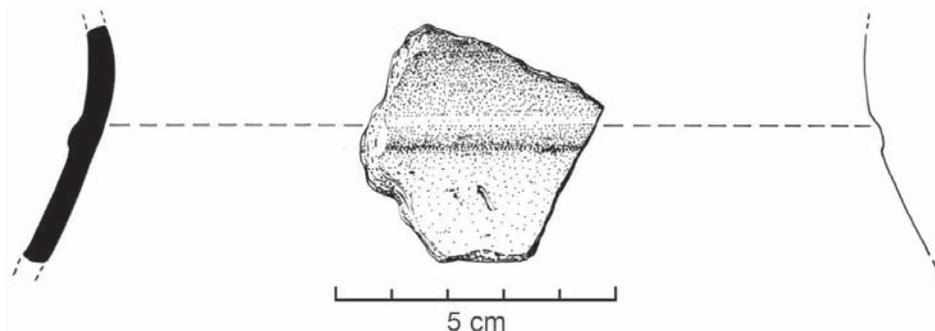
19 - MR/04.45-60.S.2.

Ânfora - Fragmento de asa de ânfora de secção circular.
Diâmetro - 25 mm.
Pasta - Brunida.



4.2 – Materiais do Final da Idade do Ferro/Período Romano Republicano

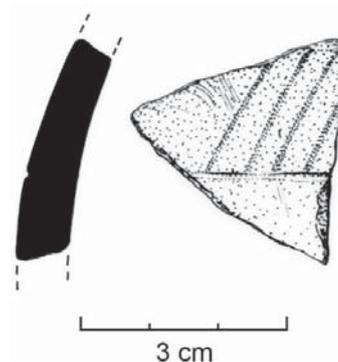
20 – MR/04.CR.S.2.



Jarro – Fragmento de colo com nervura.
Diâmetro do colo – 140 mm.
Pasta – Redutora exteriormente brunida, castanha.

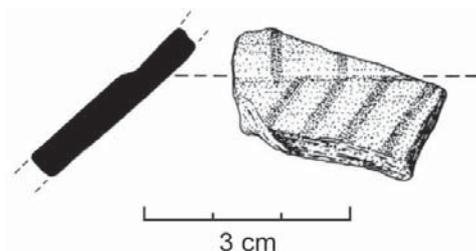
21 – MR/04.CR.S.2.

Jarro – Fragmento de parede.
Pasta – Redutora, cinzenta.
Decoração – Brunida



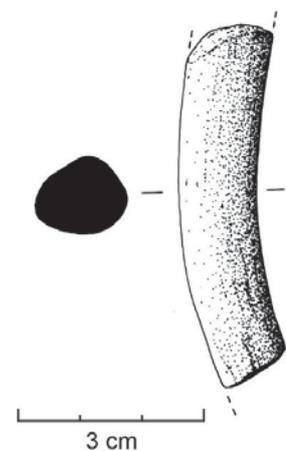
22 – MR/06.CR.S.4.

Pote – Fragmento de parede.
Jarro – Redutora, cinzenta.
Decoração – Brunida



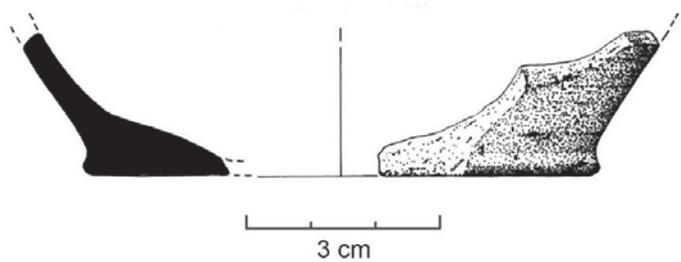
23 – MR/07.15-30.S.6.

Jarro – Fragmento de asa de secção circular.
Diâmetro – 15 mm.
Pasta – Redutora brunida, negra.

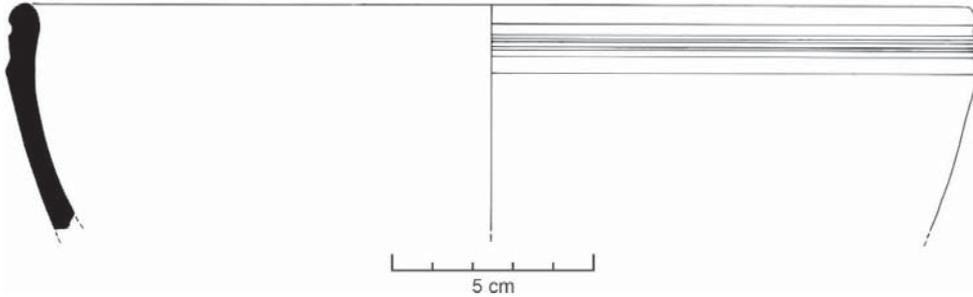


24 - MR/07.30-45.S.6.

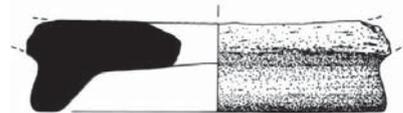
Pote/Jarro - Fragmento de fundo em bolacha.
Diâmetro - 81 mm.
Pasta - Redutora, cinzenta.



25 - MR.05.75-90 e 90-105.S4.

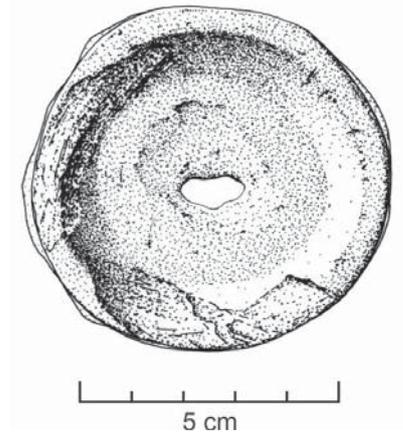


Taça - Fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 24 mm.
Pasta - Cor de avelã.
Decoração - Caneluras abaixo do bordo.



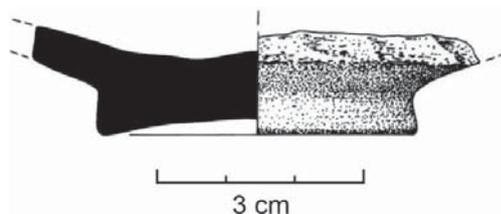
26 - MR/05.45-60.S.4.

Taça - Fragmento de fundo de pé anelar.
Diâmetro pé - 60 mm.
Pasta - Cinzenta.
Decoração - Canelura em torno do fundo.



27 - MR/05.45-60.S.4.

Taça - Fragmento de fundo em bolacha.
Diâmetro - 46 mm.
Pasta - Cinzenta clara.
Decoração - Caneluras abaixo do bordo



4.3 – Período Romano Imperial

Metals

28-MR/07.03.CR.S.4.

Moeda – Asse ou dupôndio.

Anverso: Cabeça virada à direita, ilegível.

Reverso: Fruste.

Diâmetro: 27 mm.

Peso: 5,824 gr.

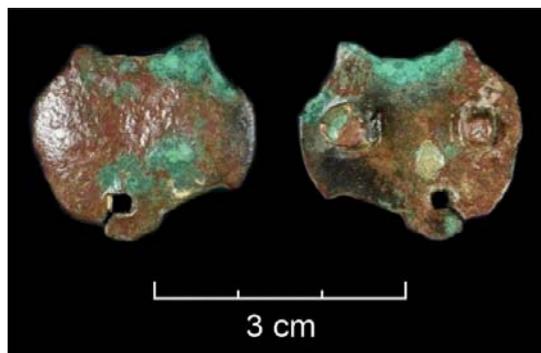


29 – MR/07.03.CR.S.4.

Armela – Chapa de liga de cobre recortada, com dois arrebites, de pega de caldeiro.

Largura – 30 mm.

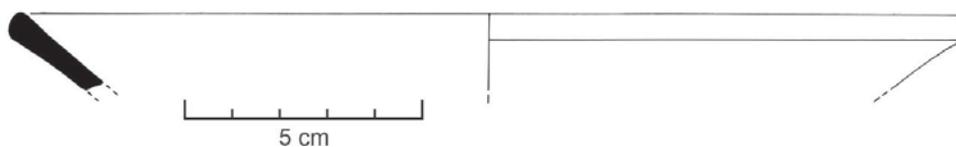
Altura – 28 mm.



Cerâmica fina de mesa

Terra Sigillata

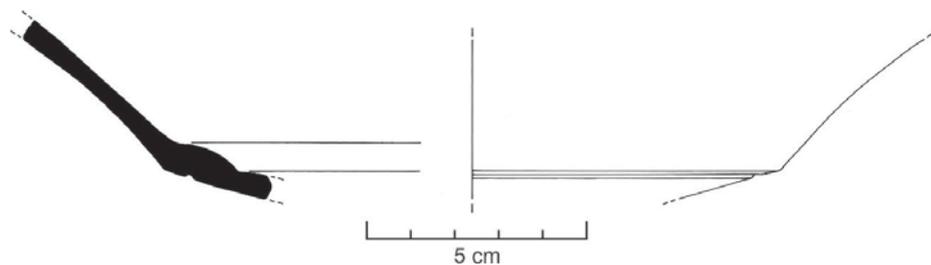
30 – MR/05.60-75.S.4.



Taça – 4 Fragmentos de bordo, de *terra sigillata* itálica, Drag. 15/17?

Diâmetro – 200 mm.

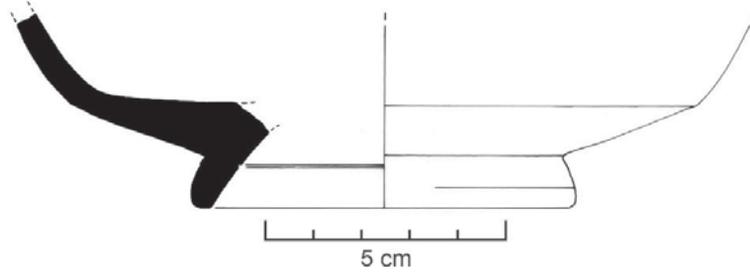
31 – MR/06.60-75.S.4.



Prato – Fragmento de parede, de *terra sigillata* itálica ou sudgálica, Drag. 15/17.

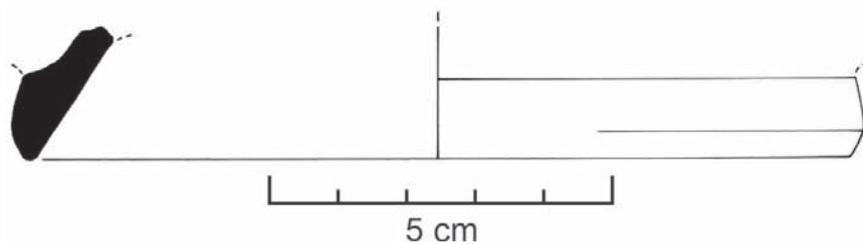
Diâmetro – Indefinido.

32 - MR/06.45-60.S.2.



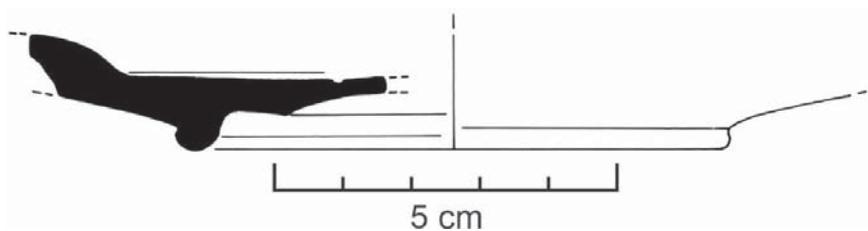
Taça – Parede e base, de *terra sigillata* itálica, indeterminada.
Diâmetro – 81 mm.

33 - MR/06.60-75.S.2.



Forma indeterminada – Fragmento de base, de *terra sigillata* itálica, Indeterminada.
Diâmetro da base – 125 mm.

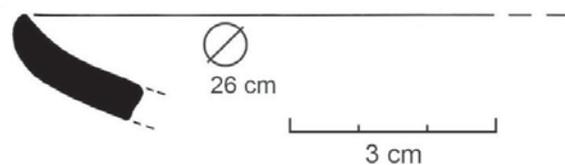
34 - MR/06.15-30.S.5.



Prato – Fragmento de base e parede, de *terra sigillata* sudgálica, Drag. 15/17
Diâmetro pé – 83 mm.

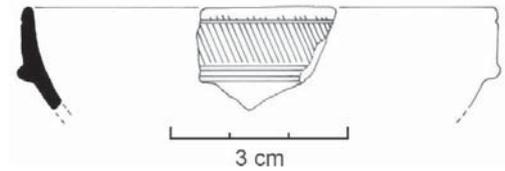
35 - MR/05.75-90.S.4.

Prato (?) – Pequeno fragmento de bordo,
de *terra sigillata* Hispânica, Peñafior,
tipo Martínez III.
Diâmetro – 260 mm.
Pasta – Engobe vermelho escuro.



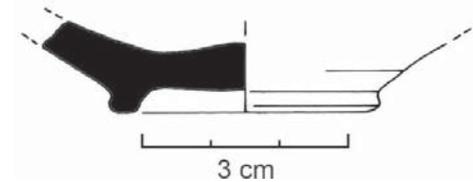
36 – MR/07/ 15-30.S.6.

Taça – Fragmento de bordo, de *terra sigillata* hispânica, decorado a guilhoché, Drag. 24/25.
Diâmetro – 80 mm.



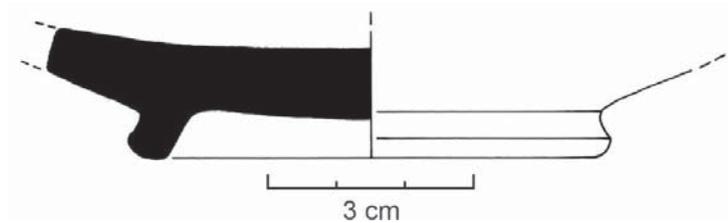
37 – MR/06.45-60.S.5.

Forma indeterminada – Pequeno fragmento de pé, de *terra sigillata* hispânica.
Diâmetro – 39 mm.



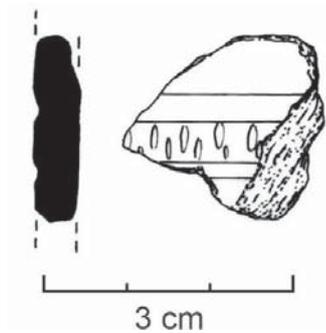
38 – MR/06.75-90.S.5.

Forma indeterminada
– Fragmento de pé,
de *terra sigillata* hispânica.
Diâmetro de base – 73 mm.

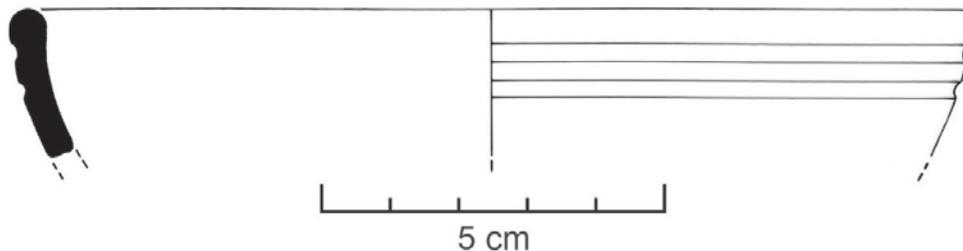


39 – MR/06. 60-75.S.5.

Taça – Fragmento de parede decorado,
de *terra sigillata* africana clara A, Hayes 9A.
Diâmetro – Indefinido

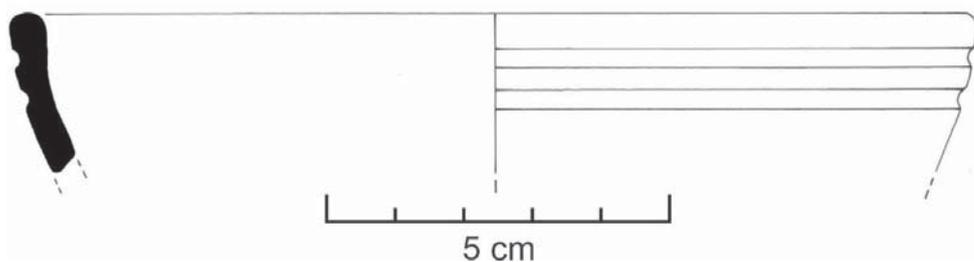


40 – MR/05.60-75.S.4; MR/06. 75-90.S.4;MR/06.105-120.S.4.



Taça – Fragmento de bordo, de *terra sigillata* africana clara A, Hayes 9B.
Diâmetro – 140 mm.

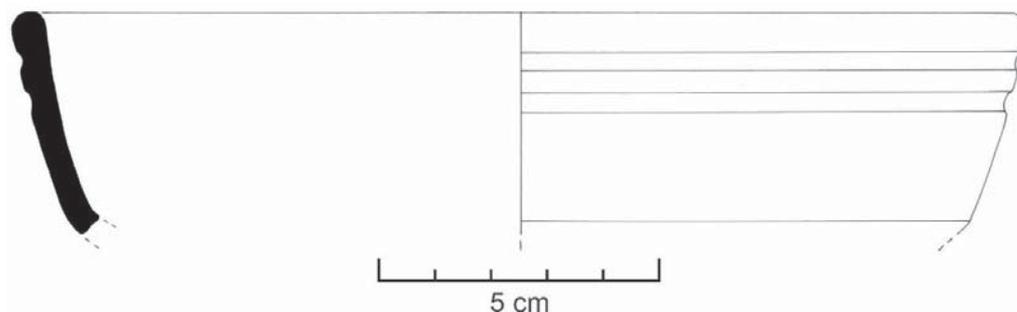
41 - MR/06/ CR.S.4.



Taça - Fragmento de bordo, de *terra sigillata* africana clara A, Hayes 9B.

Diâmetro - 140 mm.

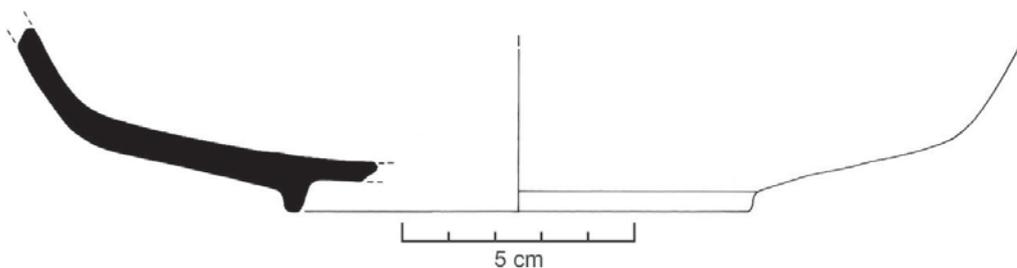
42 - MR/06. 45-60.S.5.



Taça - Fragmento de bordo, de *terra sigillata* africana clara A, Hayes 9B.

Diâmetro - 180 mm.

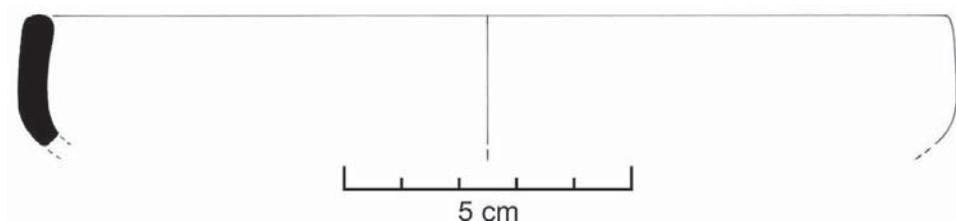
43 - MR/05. 75-90.S.4.



Taça - Parede e base, de *terra sigillata* africana clara A, forma indefinida.

Diâmetro - 102 mm.

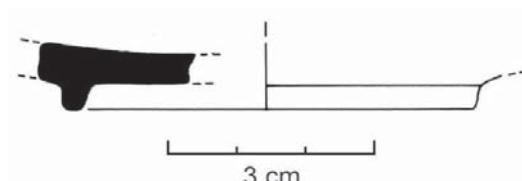
44 - MR/07. 15-30.S.6.



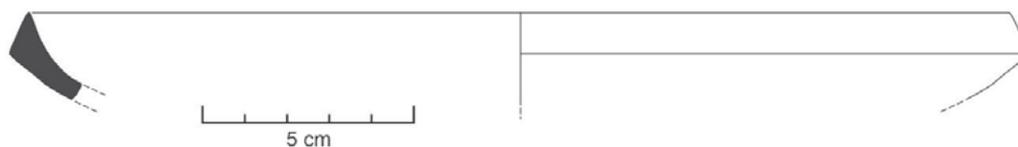
Taça - Fragmento de bordo, de *terra sigillata* africana clara A, Hayes 16.
Diâmetro - 161 mm.

45 - MR/06.CR.S.4.

Base - Fragmento de pé,
de *terra sigillata* africana clara A, forma indefinida.
Diâmetro da base - 40 mm.



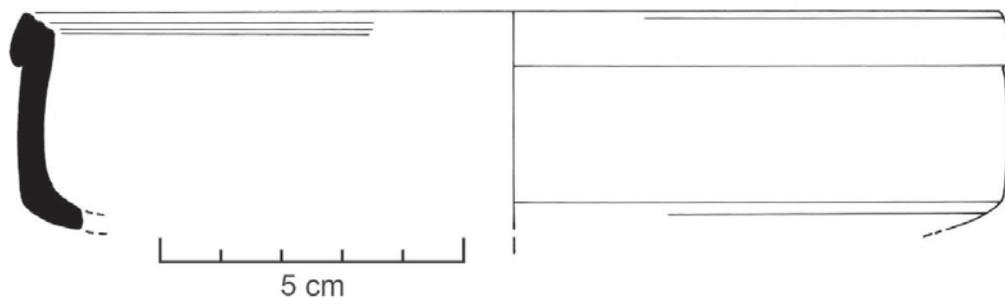
46 - MR/06.CR.S.5.



Taça - Fragmento de bordo afilado e parede, de *terra sigillata* africana clara D, Hayes 61.
Diâmetro - 230mm.

Cerâmica de cozinha africana

47 - MR/06.15-30.S.5.

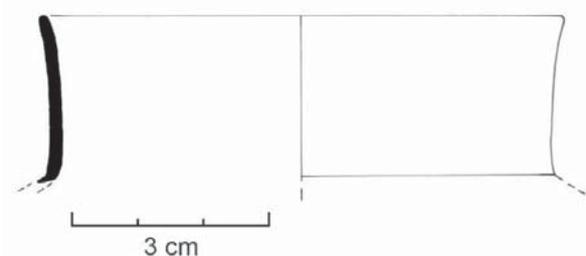


Tacho - Fragmento bordo e parede de cerâmica de cozinha africana, Ostia III.
Diâmetro - 165 mm.
Centro produtor - Africano.

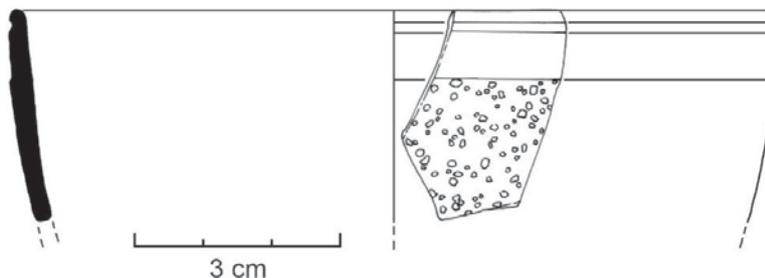
Cerâmica de paredes finas

48 - MR/07.Sup.15.S.6.

Púcaro – Fragmento de boca,
de cerâmica de Paredes Finas, tipo Mayet XX.
Diâmetro – 80 mm.
Pasta – Vermelha escura.
Centro produtor – Indeterminado.



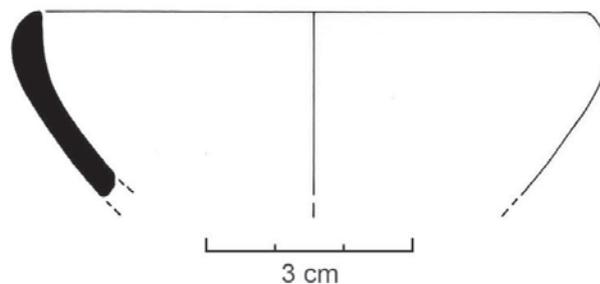
49 - MR/07.CR.S.4.



Taça – Fragmento de bordo e parede, de cerâmica de Paredes Finas, tipo Mayet XXXVII.
Diâmetro – 111mm
Centro produtor – Bética.
Decoração – Aplicação de areia.

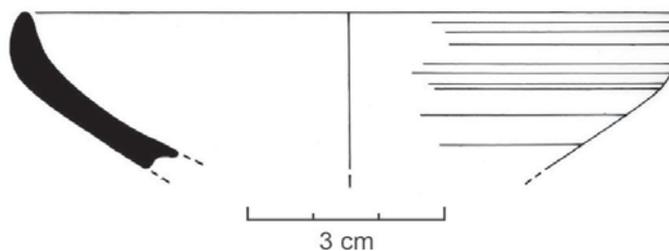
50 - MR/05.60-75.S.4.

Taça – Fragmento de bordo e parede,
de cerâmica de Paredes Finas, de Mérida,
tipo Mayet LIII.
Centro produtor – Mérida.
Superfície – Mista.



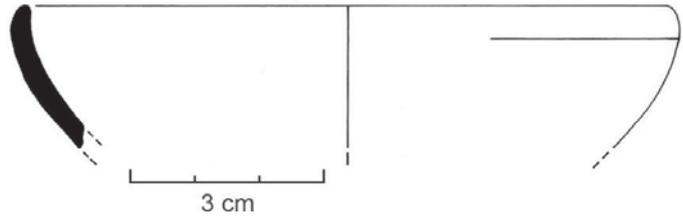
51 - MR/06.30-45.S.5.

Taça – Fragmento de bordo e parede,
de cerâmica de Paredes Finas, de Mérida,
tipo Mayet LIII.
Diâmetro – 103 mm.
Centro produtor – Mérida.
Superfície – Mista.



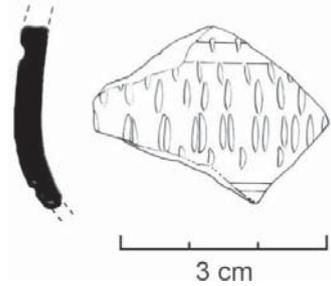
52 – MR/06.75-90.S.5.

Taça – Fragmento de bordo e parede,
de cerâmica de Paredes Finas, de Mérida,
tipo Mayet LIII.
Diâmetro – 104 mm.
Centro produtor – Mérida.



53 – MR/06.CR.S.4.

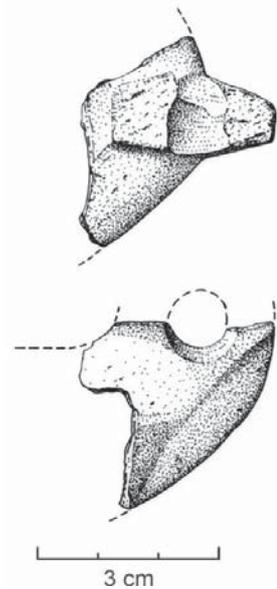
Copo – Fragmento de bordo e parede,
de cerâmica de Paredes Finas, de Mérida, tipo Mayet XLIV.
Diâmetro – Indefinido.
Centro produtor – Mérida.
Superfície – Mista.
Decoração – A guilhoche.



Contentores de fogo

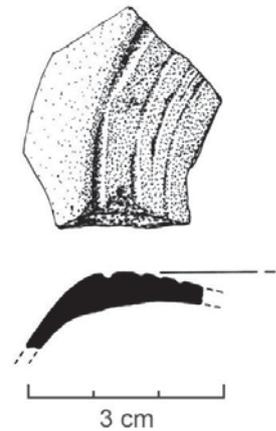
54 – MR/05.90-105.S.4.

Lucerna – Fragmento de lucerna.
Asa tipo Ponsich 7/8.
Pasta – Vermelha.

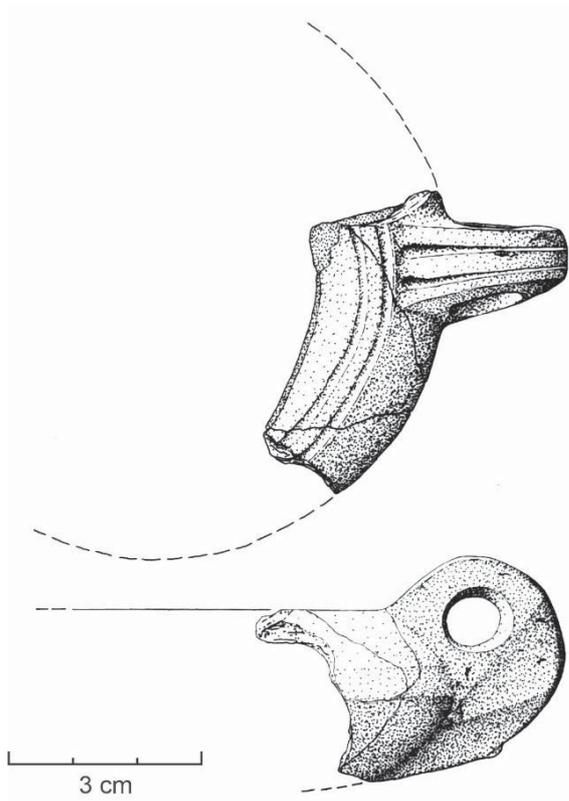


55 – MR/06.45-60.S.5.

Lucerna – Fragmento de disco de lucerna.
Pasta: Vermelha.



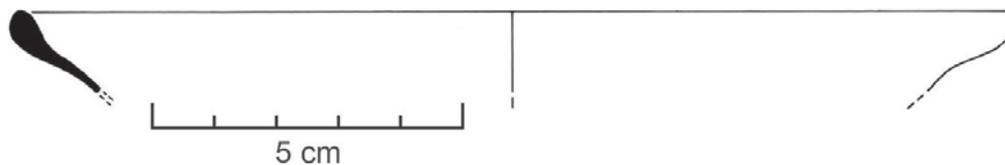
56 - MR/06.75-90.S.5.



Lucerna - Fragmento de lucerna.
Asa tipo Ponsich 7/8.

Vidro

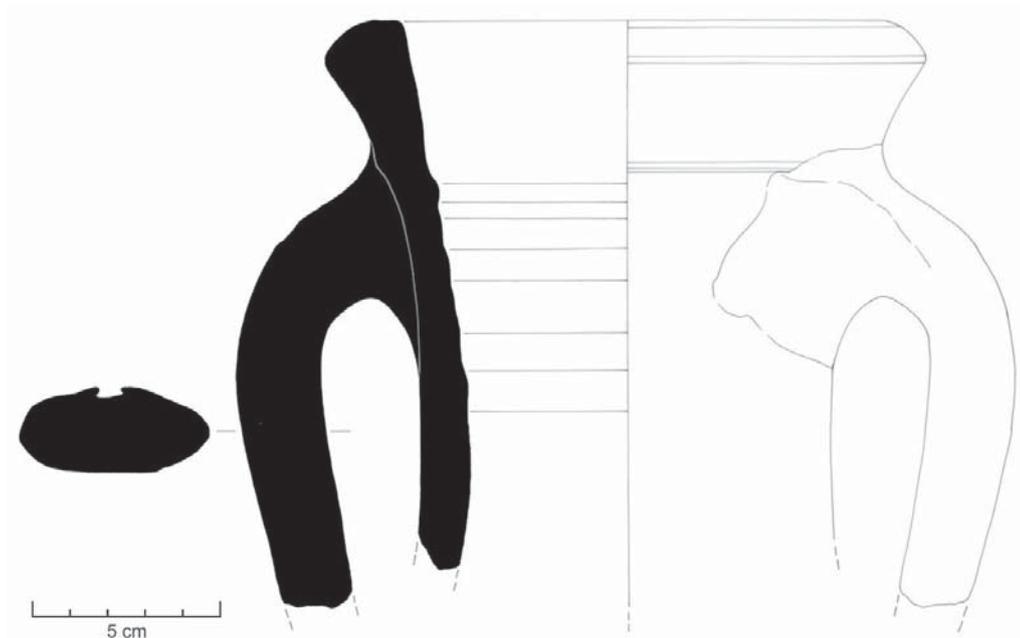
57 - MR/06.CR.S.4.



Taça - Fragmento de bordo, tipo Ising 80.2.
Diâmetro - 161 mm.

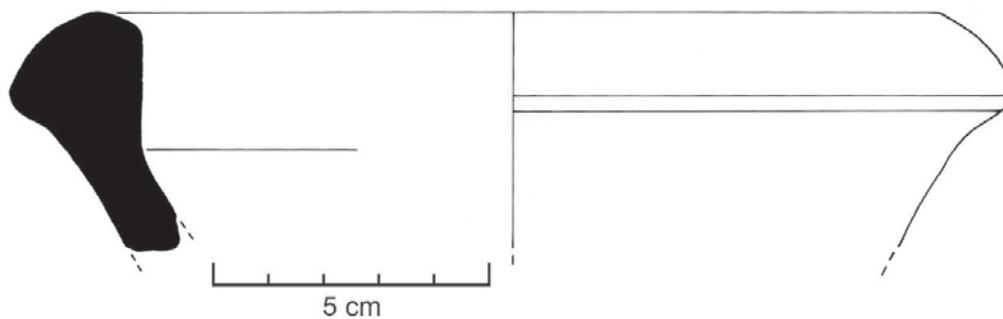
Ânforas

58 - MR/04.45-60.S.2.



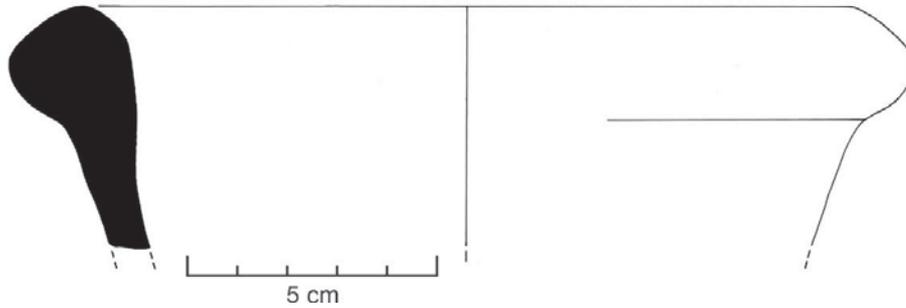
Ânfora - Fragmento de bocal, com duas asas incompletas, tipo Dressel 14 A.
Diâmetro da boca - 161mm.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.

59 - MR/06.30-45.S.5.



Ânfora - Pequeno fragmento de bocal, tipo Dressel 14.
Diâmetro da boca - 183 mm.
Pasta - vermelha.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.

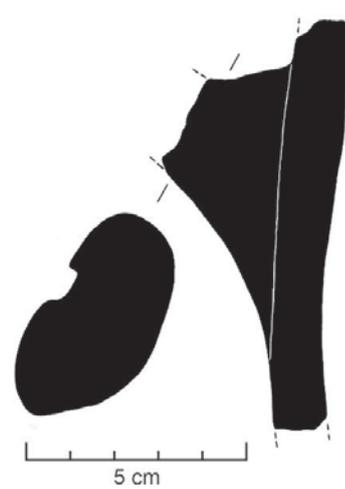
60 - MR/06.60-75.S.4.



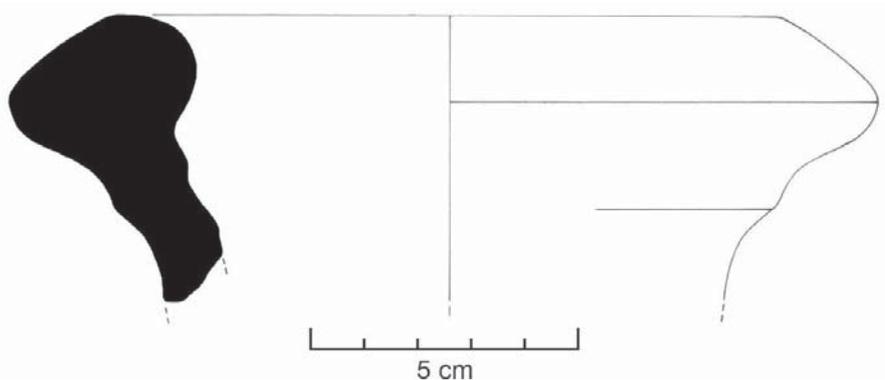
Ânfora - Pequeno fragmento de bocal, tipo Dressel 14.
Diâmetro da boca - 183 mm.
Pasta - vermelha.
Fabrico - Baixo Tejo/Sado.

61 - MR/04.60-75.S.2.

Ânfora - Pequeno fragmento de asa e parede de colo, tipo Dressel 14.
Largura da asa - 52 mm.
Pasta - vermelha.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.

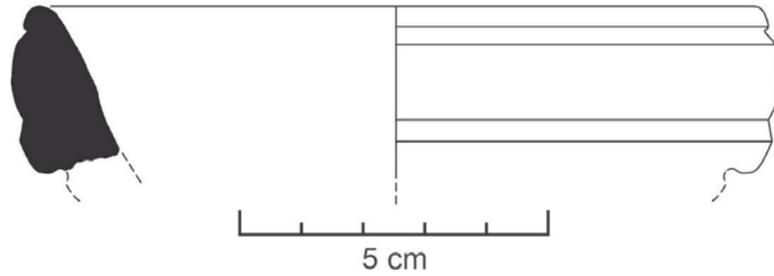


62 - MR/05.60-75.S.4.



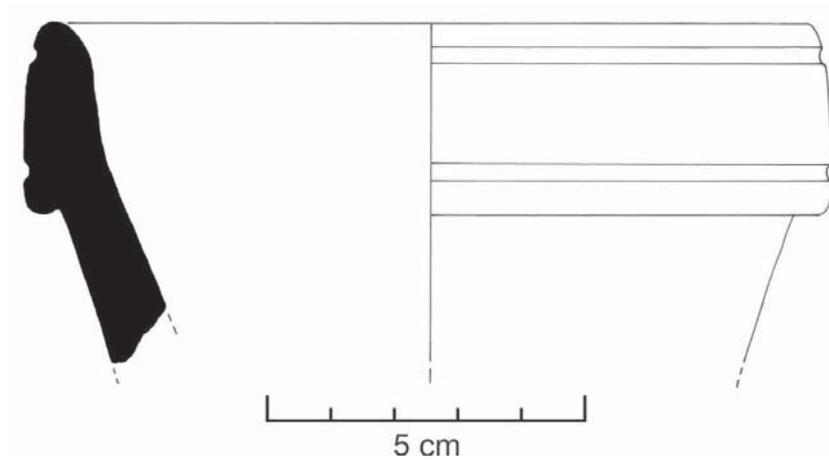
Ânfora - Fragmento de lábio e colo de ânfora, tipo Dressel 20
Diâmetro da boca - 164 mm.
Pasta - Clara bege.
Centro produtor - Bética, Rio Guadalquivir.

63 – MR/06.sup-15.S.5.



Ânfora – Fragmento de bordo, decorado com duas caneluras no lábio, tipo Lusitana 3.
Diâmetro da boca – 120mm.
Pasta – Tipo B. Vermelha.

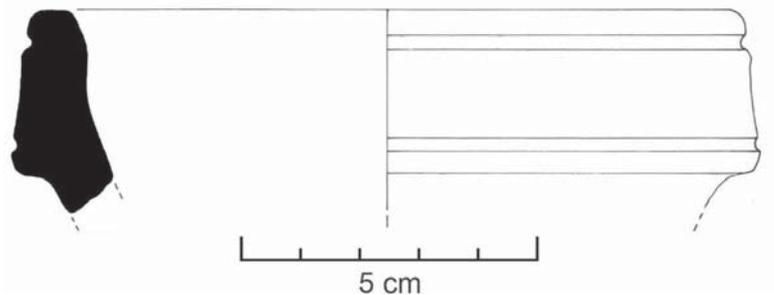
64 – MR/06.CR.S.4.



Ânfora – Fragmento de bordo, decorado com duas caneluras no lábio, tipo Lusitana 3.
Diâmetro da boca – 125 mm.
Pasta – Laranja.
Centro produtor – Baixo Tejo/Sado.

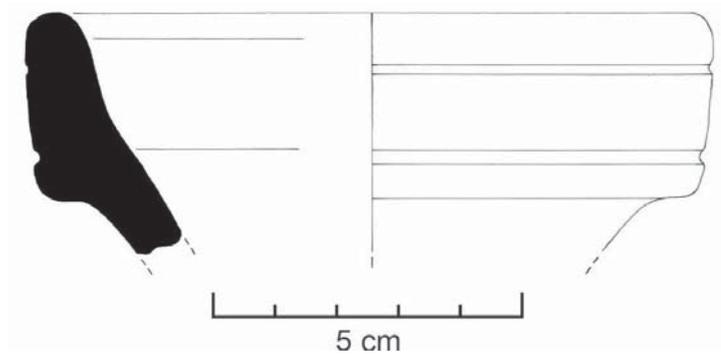
65 – MR/06.CR.S.4.

Ânfora – Fragmento de bordo, decorado com duas caneluras no lábio, tipo Lusitana 3.
Diâmetro da boca – 123 mm.
Pasta – Laranja.
Centro produtor – Baixo Tejo/Sado.



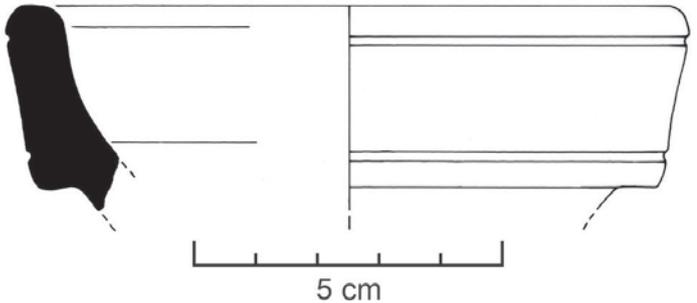
66 - MR/06.60-75 e 75-90.S.4.

Ânfora - Fragmento de bordo,
decorado com duas caneluras no lábio,
tipo Lusitana 3.
Diâmetro da boca - 113 mm.
Pasta - Laranja.
Fabrico - Baixo Tejo/Sado.



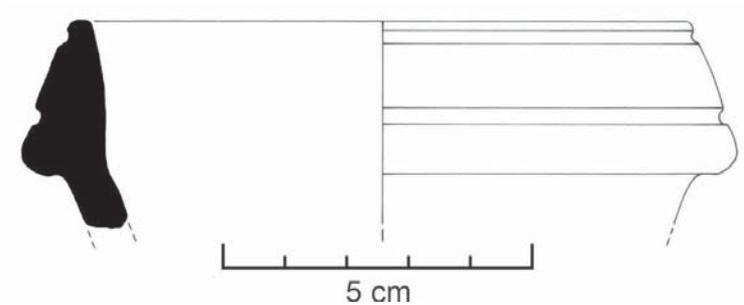
67 - MR/06.45-60.S.5.

Ânfora - Fragmento de bordo,
decorado com duas caneluras no lábio,
tipo Lusitana 3.
Diâmetro da boca - 113 mm.
Pasta - Laranja.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.



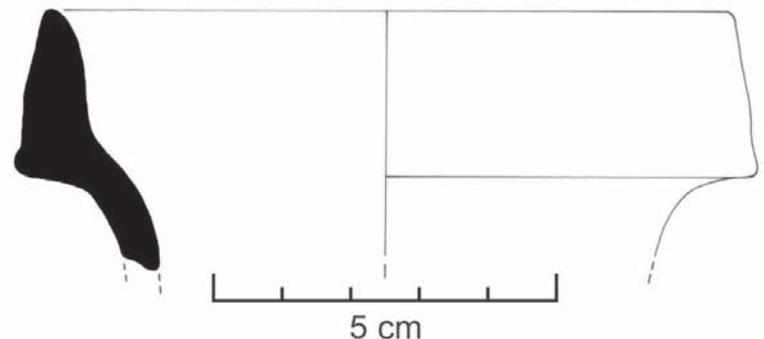
68 - MR/06.CR.S.4.

Ânfora - Fragmento de bordo,
decorado com duas caneluras no lábio,
tipo Lusitana 3.
Diâmetro da boca - 102 mm.
Pasta - Laranja.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.



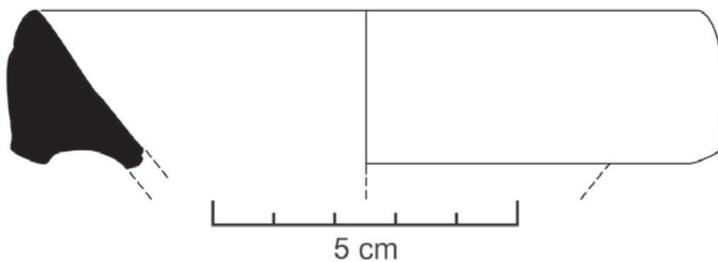
69 - MR/06.30-45.S.5.

Ânfora - Fragmento de bordo liso,
tipo Lusitana 3.
Diâmetro - 103 mm.
Pasta da boca - Laranja.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.



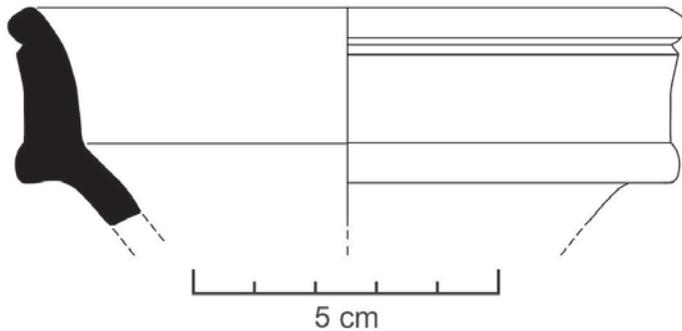
70 – MR/05.45-60.S.4.

Ânfora – Fragmento de bordo liso,
tipo Almagro 51C.
Diâmetro da boca – 111mm.
Pasta – Bege.



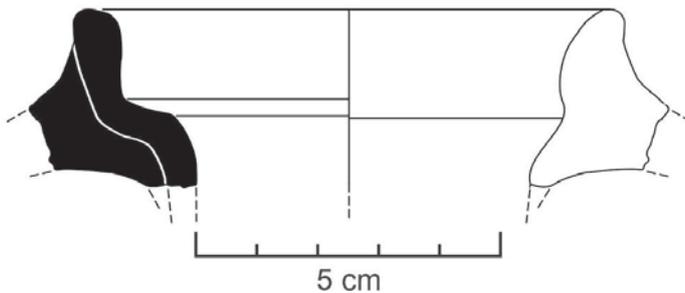
71 – R/06.60-75.S.4.

Ânfora – Fragmento de bordo,
decorado com duas caneluras no lábio,
tipo Almagro 51C.
Diâmetro da boca – 111 mm.
Pasta – Laranja.



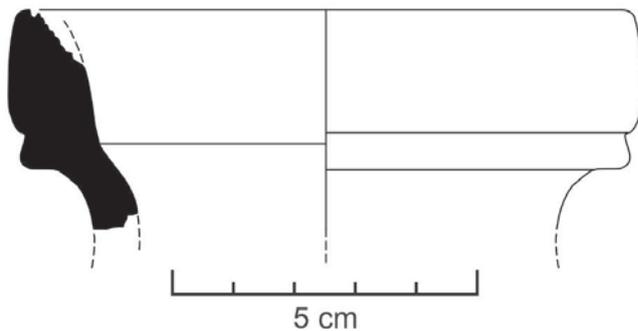
72 – MR/06.sup-15.S.5.

Ânfora – Fragmento de bordo,
tipo Almagro 51C.
Diâmetro da boca – 90 mm
Pasta – Vermelha.



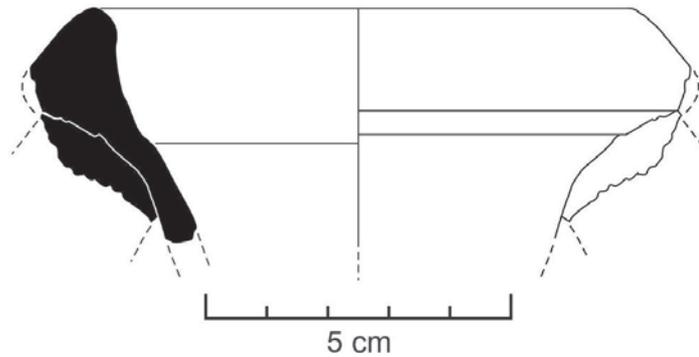
73 – MR/05.30-45.S.4.

Ânfora – Fragmento de bordo,
tipo Almagro 51C.
Diâmetro da boca – 100 mm
Pasta – Vermelha.

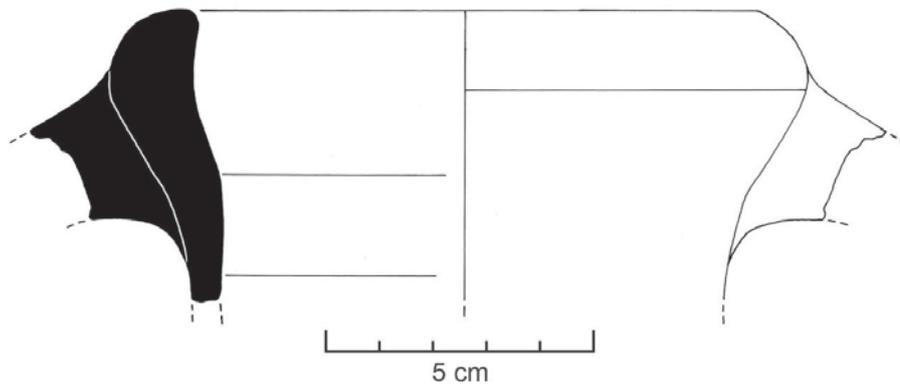


74 - MR/07.CR.S.4.

Ânfora - Fragmento de bordo,
tipo Almagro 51C.
Centro produtor - Bética.
Diâmetro da boca - 88 mm.
Pasta - Bege.

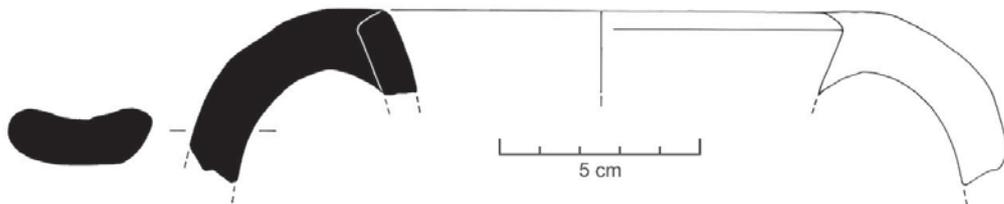


75 - MR/06.Sup-15.S.1.



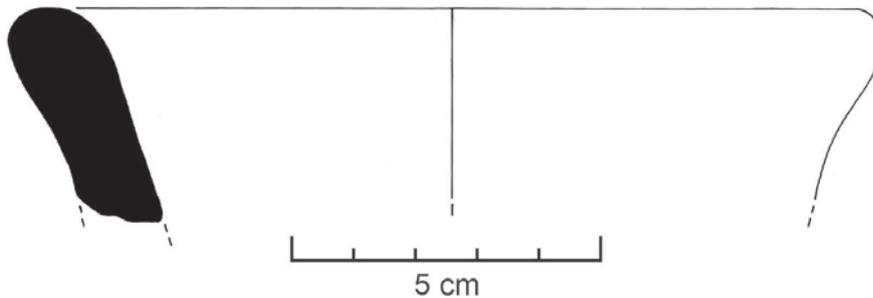
Ânfora - Fragmento de bordo, tipo Almagro 51C.
Diâmetro da boca - 130 mm.
Pasta - Laranja.
Fabrico - Baixo Tejo/Sado.

76 - MR/06.30-45.S.5.



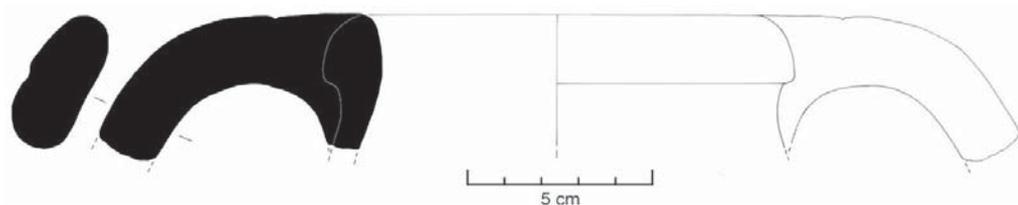
Ânfora - Fragmento de bordo e asa, tipo Almagro 51C (?)
Diâmetro da boca - 122 mm.
Pasta - Laranja.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.

77 – MR/06.60-75.S.4.



Ânfora – Pequeno fragmento de boca, indeterminada.
Diâmetro da boca – 145 mm.
Pasta – Laranja.
Centro produtor – Baixo Tejo/Sado.

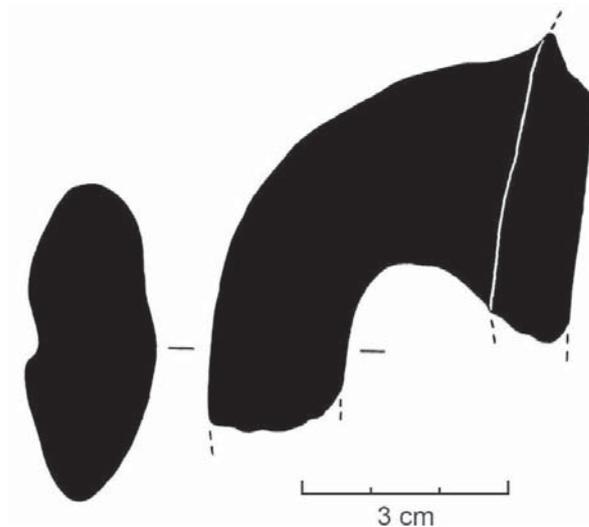
78 – MR/07.15-30.S.6.



Ânfora – Fragmento de bordo e asa, tipo Almagro 50.
Diâmetro da boca: 130 mm.
Pasta – Laranja.

79 – MR/04.60-75.S.3.

Ânfora – Pequeno fragmento de asa e parede de colo, tipo Almagro 51C.
Largura asa – 47 mm.
Pasta – Vermelha.
Centro produtor – Baixo Tejo/Sado.



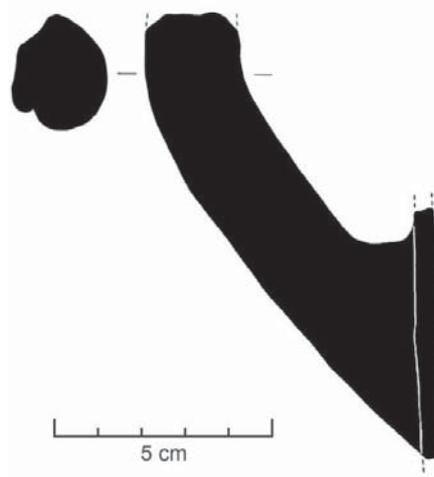
80 - MR/06.45-60.S.4.

Ânfora - pequeno fragmento de asa canelada,
tipo Almagro 51C.
Largura asa - 43 mm.
Pasta - laranja.
Fabrico - Baixo Tejo/Sado.



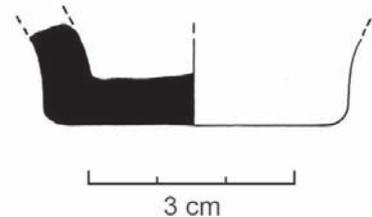
81 - MR/06.45-60.S.4.

Ânfora - Fragmento de asa e bojo,
tipo indefinido.
Diâmetro asa - 27 mm.
Pasta - Clara, siliciosa e calcária.



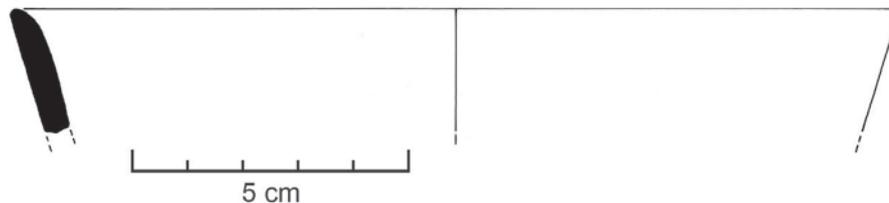
82 - MR/06.15-30.S.5.

Ânfora - Pequeno fragmento de bico fundeiro, tipo Almagro 51C.
Pé diâmetro - 45 mm.
Pasta - Laranja.
Fabrico - Baixo Tejo/Sado.



Cerâmica comum
Contentores de líquidos

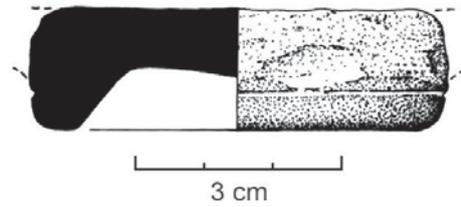
83 - MR/05.75-90.S.4.



Taça - Pequeno fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 160 mm.
Pasta - Cerâmica comum siliciosa.
Centro produtor - Baixo Tejo?

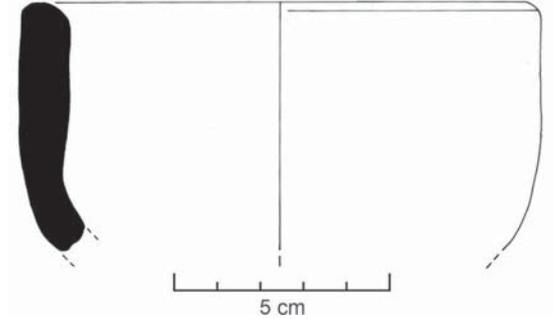
84 – MR/07.Sup-15.S.6.

Taça - Fragmento de fundo anelar.
Diâmetro – 71 mm.
Pasta – Cerâmica comum.
Centro produtor – Baixo Tejo.



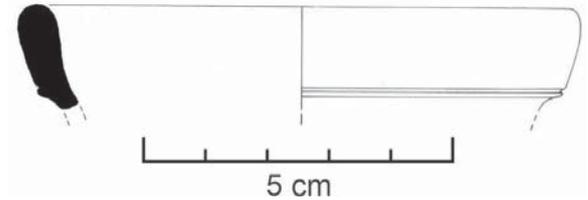
85 – MR/06.15-30.S.5.

Taça – Fragmento de bordo e galba.
Diâmetro – 123 mm.
Pasta – Cerâmica comum.
Centro produtor – Baixo Tejo (?)



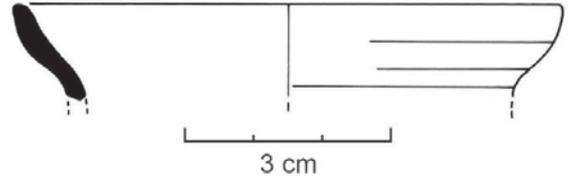
86 – MR/06.30-45.S.5.

Púcaro – Pequeno fragmento de lábio.
Diâmetro da boca – 93 mm.
Pasta – Cerâmica comum laranja.
Fabrico – Baixo Tejo/Sado.

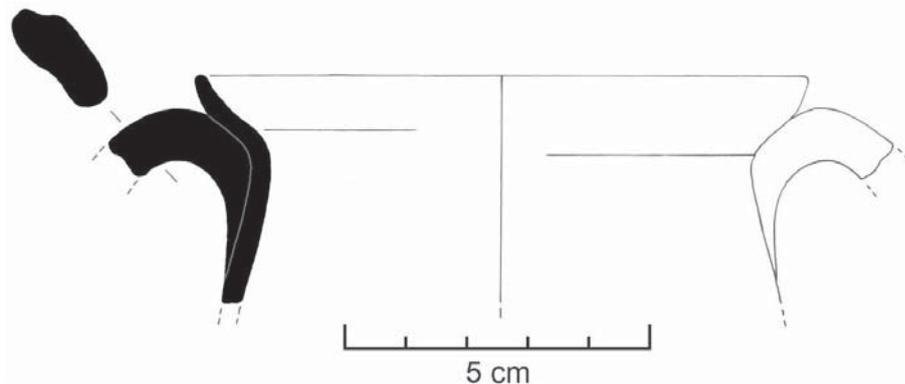


87 – MR/06.30-45.S.5.

Púcaro – Pequeno fragmento de lábio.
Pasta – Cerâmica comum laranja.
Centro produtor – Baixo Tejo/Sado.

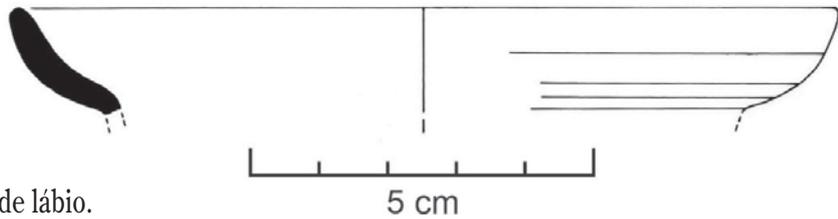


88 – MR/06.CR. S.4.



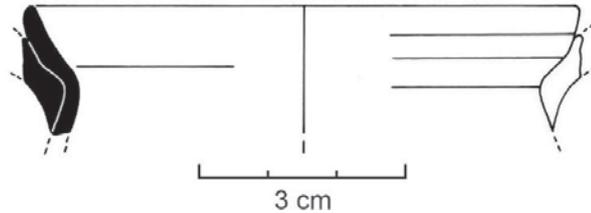
Púcaro – Pequeno fragmento de lábio, parede e asa.
Diâmetro da boca – 101 mm.
Pasta – Cerâmica comum laranja.
Centro produtor – Baixo Tejo/Sado.

89 - MR/06.75-90.S.4.



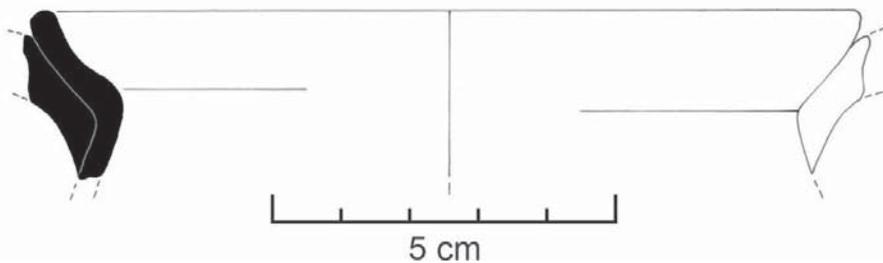
Púcaro - Pequeno fragmento de lábio.
Diâmetro da boca - 121 mm.
Pasta - Cerâmica comum laranja.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.

90 - MR/05.60-75.S.4.



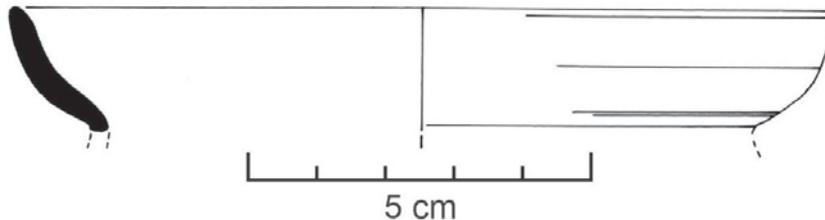
Púcaro - Pequeno fragmento de lábio.
Diâmetro da boca - 83 mm.
Pasta - Cerâmica comum tijolo.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.

91 - MR/06.CR.S.4.



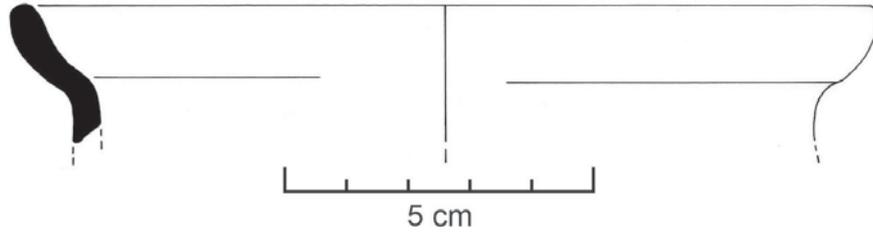
Púcaro - Pequeno fragmento de lábio e arranque de asa.
Diâmetro da boca - 122 mm.
Pasta - Cerâmica comum laranja.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.

92 - MR/06.45-60.S.5.



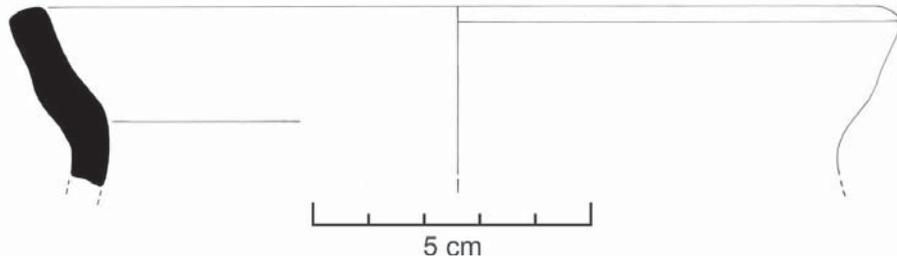
Púcaro - Pequeno fragmento de lábio, colo e arranque de asa.
Diâmetro da boca - 122 mm.
Pasta - Cerâmica comum laranja.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.

93 – MR/06.30-45.S.4.



Púcaro – Pequeno fragmento de lábio e colo.
Diâmetro da boca – 140 mm.
Pasta – Cerâmica comum laranja.
Centro produtor – Baixo Tejo/Sado.

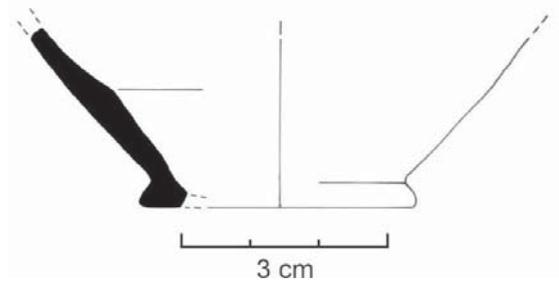
94 – MR/05.60-75 e 75-90.S.4.



Púcaro – Pequeno fragmento de lábio e colo.
Diâmetro da boca – 161 mm.
Pasta – Cerâmica comum laranja.
Fabrico – Baixo Tejo/Sado.

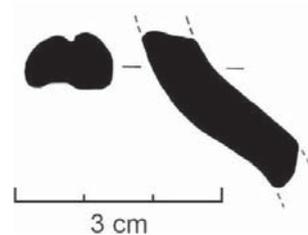
95 – MR/06.CR.S.4.

Púcaro – Fragmento de parede e base
Largura do pé – 40 mm.
Pasta – Cerâmica comum laranja.
Centro produtor – Baixo Tejo/Sado.



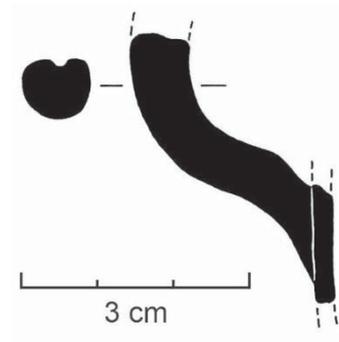
96 – MR/06.30-45.S.5.

Púcaro – Pequeno fragmento de asa.
Largura da asa – 12 mm.
Pasta – Cerâmica comum branca.
Centro produtor – Baixo Tejo/Sado.



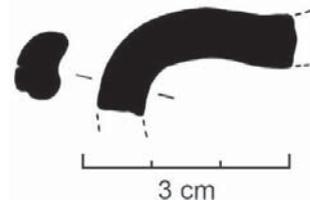
97 - MR/06.60-75.S.4.

Púcaro - Pequeno fragmento de asa.
Largura da asa - 7 mm.
Pasta - Cerâmica comum laranja.
Centro produtor - Baixo Tejo/Sado.



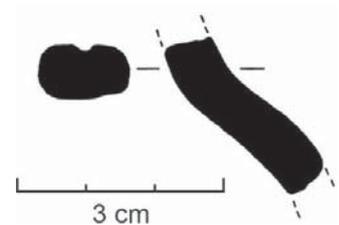
98 - MR/06.90-105.S.4.

Púcaro - Pequeno fragmento de asa.
Largura da asa - 10 mm.
Pasta - Cerâmica comum branca.
Centro produtor - Baixo Tejo.



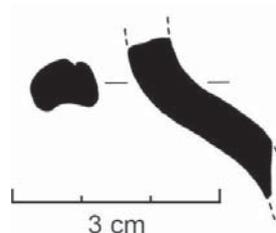
99 - MR/06.60-75 e CR.S.4.

Púcaro - Pequeno fragmento de asa.
Largura da asa - 13 mm.
Pasta - Cerâmica comum laranja.
Fabrico - Baixo Tejo/Sado.



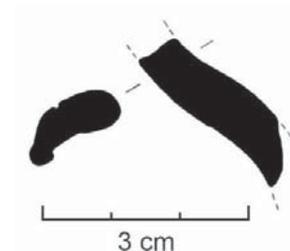
100 - MR/05.CR.S.4.

Púcaro - Pequeno fragmento de asa.
Largura da asa - 9 mm.
Pasta - Cerâmica comum laranja.
Fabrico - Baixo Tejo (?)



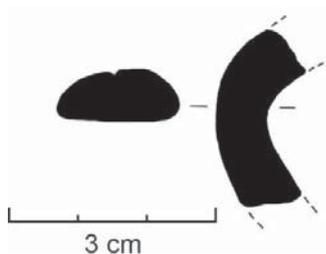
101 - MR/06.75-90.S.5.

Púcaro - Pequeno fragmento de asa.
Largura da asa - 15 mm.
Pasta - Cerâmica comum laranja.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)



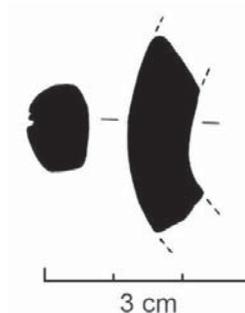
102 - MR/06.30-45.S.5.

Púcaro - Pequeno fragmento de asa.
Largura da asa - 17 mm.
Pasta - Cerâmica comum laranja.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

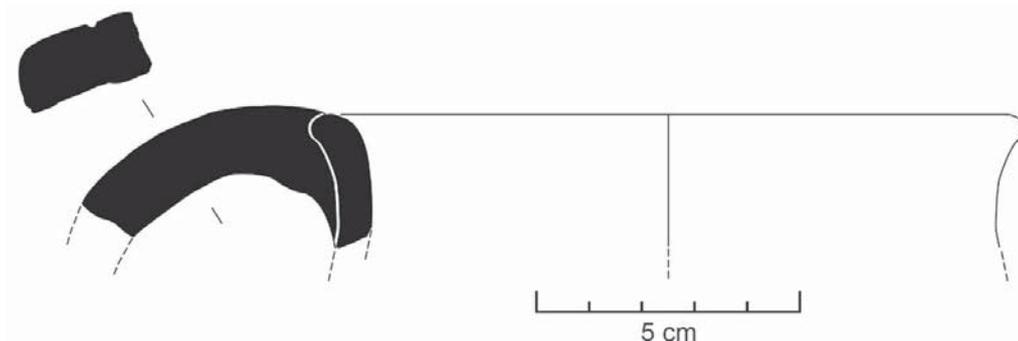


103 - MR/05.75-90.S.4.

Púcaro - Pequeno fragmento de asa.
Largura da asa - 13 mm.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

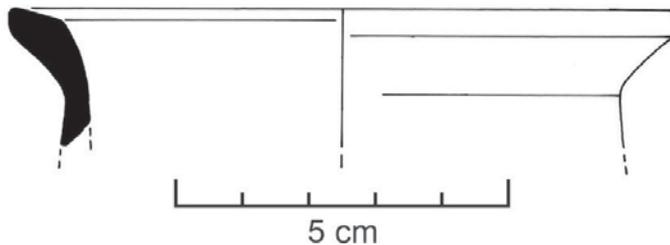


104 - MR/06.CR.S.4.



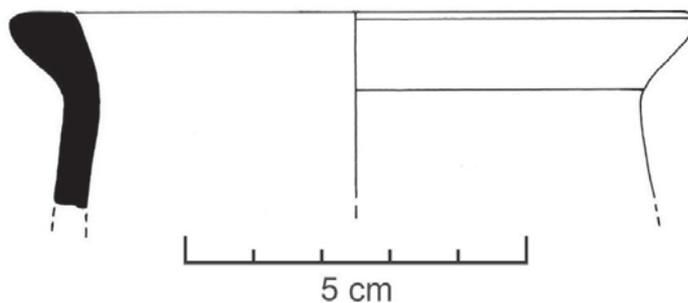
Bilha - Fragmento de bordo extrovertido e asa incompleta.
Diâmetro - 113mm.
Cozedura - Redutora.
Pasta - Cerâmica cinzenta.

105 - MR/06.15-30.S.5.



Bilha - Fragmento de boca larga, em aba triangular, e colo.
Diâmetro - 102 mm.
Pasta - cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

106 - MR/06.60-75.S.4



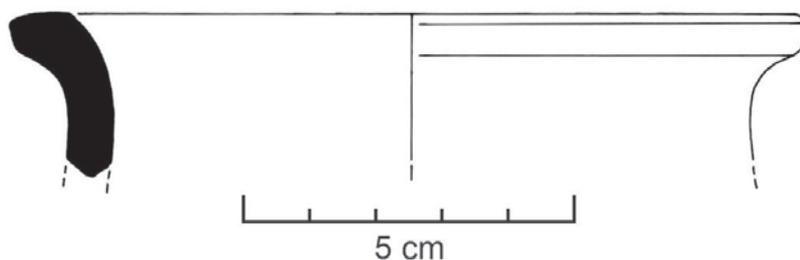
Bilha - Fragmento de boca larga, em aba triangular, e colo.

Diâmetro - 102 mm.

Pasta - Cerâmica comum.

Centro produtor - Baixo Tejo (?)

107 - MR/06.Sup-15.S.5.



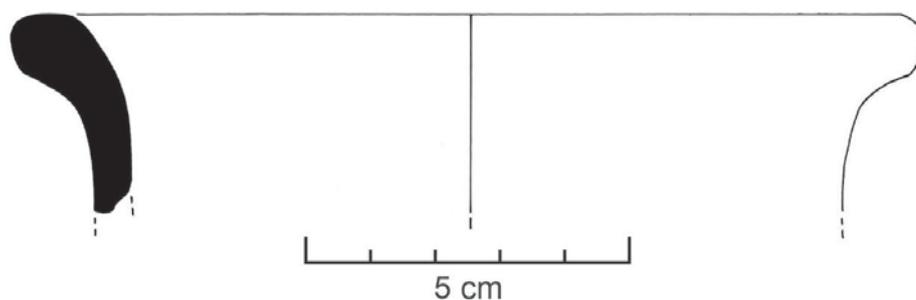
Bilha - Fragmento de boca larga, em aba triangular, e colo.

Diâmetro - 122 mm.

Pasta - Cerâmica comum.

Centro produtor - Baixo Tejo (?)

108 - MR/05.60-75.S.4.



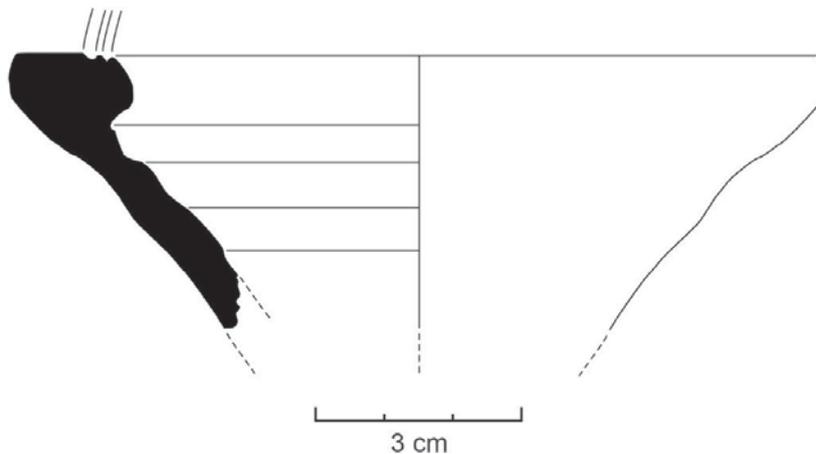
Bilha - Fragmento de boca larga, em aba triangular, e colo.

Diâmetro - 142 mm.

Pasta - Cerâmica comum.

Centro produtor - Baixo Tejo (?)

109 - MR/04.20-40.S.2.



Jarro (?) - Fragmento de possível contentor de líquidos. Bordo espessado de secção quadrangular, arredondado no interior e lábio plano. Paredes de perfil troncocónico, acentuadamente estrangulado.

Diâmetro - 118mm.

Cozedura - Oxidante.

Pasta - Cerâmica comum bege.

Centro produtor - Bética.

Cerâmica de cozinha

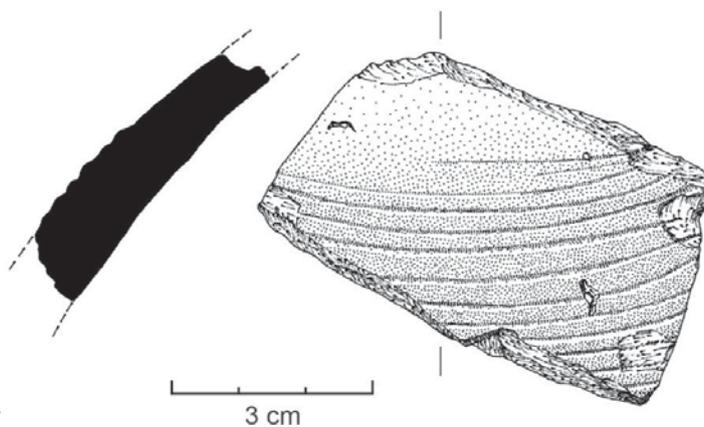
110 - MR/05.45-60.S.4.

Bilha - Fragmento de parede de grande contentor.

Cozedura - Oxidante.

Pasta - Cerâmica comum.

Decoração - Caneluras finas equidistantes.



111 - MR/05.45-60.S.4.

Bilha - Pequeno fragmento de asa.

Largura da asa - 33 mm.

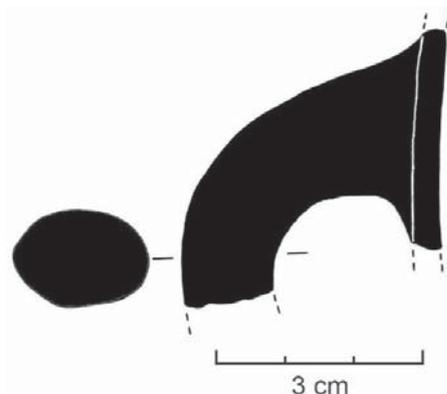
Pasta - Cerâmica comum.

Centro produtor - Baixo Tejo (?)

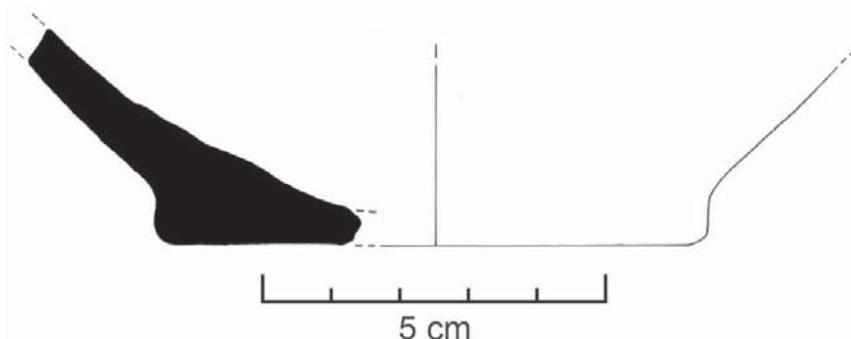


112 - MR/06.45-60.S.4.

Bilha - Fragmento de asa e bojo.
Diâmetro asa - 21 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

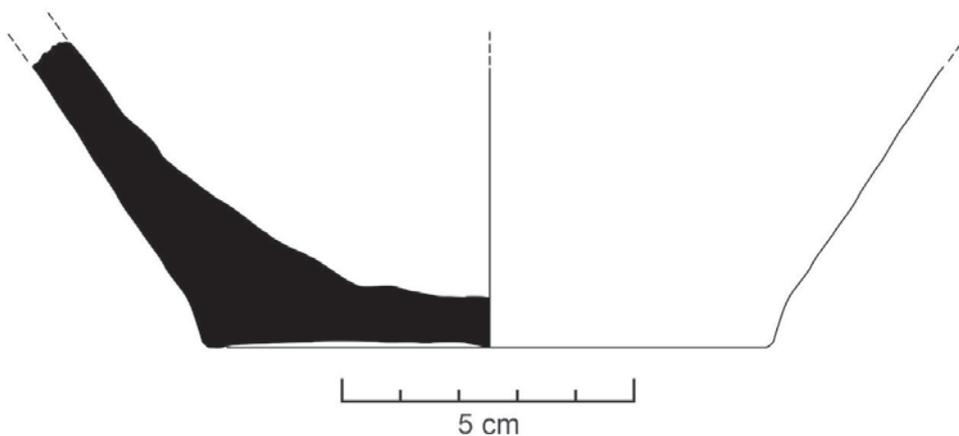


113 - MR/06.30-45.S.4.



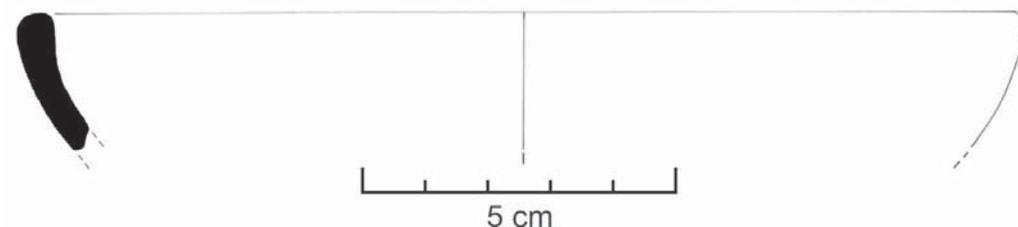
Bilha - Base em bolacha e parte de parede.
Diâmetro pé - 81 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo.

114 - MR/06.30-45.S.4.



Bilha - Fragmento de base e parede de bilha.
Diâmetro de base - 96mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - torno lento.
Pasta - Cerâmica comum vermelha.

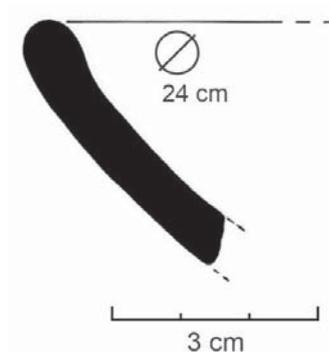
115 - MR/06.90-105.S.4.



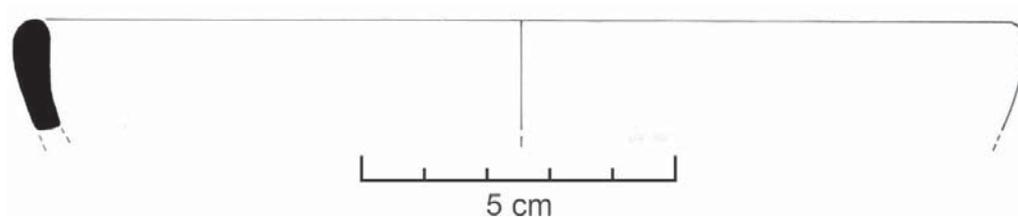
Prato – pequeno fragmento de bordo.
Diâmetro – 160 mm.
Pasta – Cerâmica comum bege.
Centro produtor – Baixo Tejo (?)

116 - MR/04.60-75.S.3.

Prato – Pequeno fragmento de bordo.
Diâmetro – 240 mm.
Pasta – Cerâmica comum.
Centro produtor – Baixo Tejo (?)

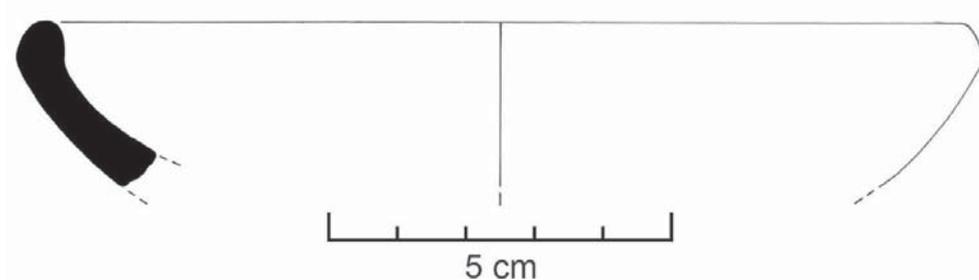


117 - MR/06.45-60.S.4.



Prato – Pequeno fragmento de bordo.
Diâmetro – 160 mm.
Pasta – Cerâmica comum bege.
Centro produtor – Baixo Tejo (?)

118 - MR/06.CR.S.4.



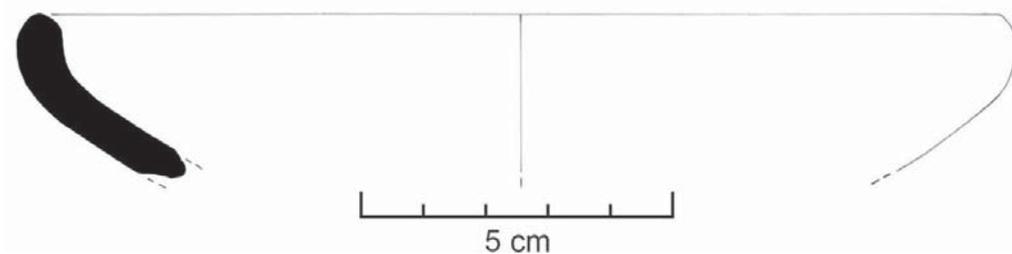
Prato - Pequeno fragmento de bordo.

Diâmetro - 140 mm.

Pasta - Cerâmica comum.

Centro produtor - Baixo Tejo (?)

119 - MR/105-120.S.4.



Prato - Pequeno fragmento de bordo e parede.

Diâmetro - 160 mm.

Pasta - Cerâmica comum.

Centro produtor - Baixo Tejo (?)

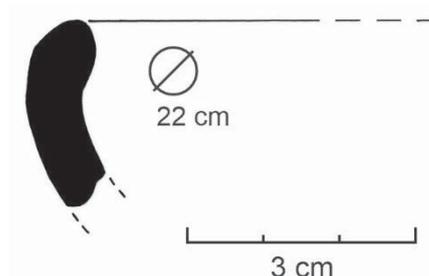
120 - MR/06.30-45.S.5.

Prato - Pequeno fragmento de bordo e parede.

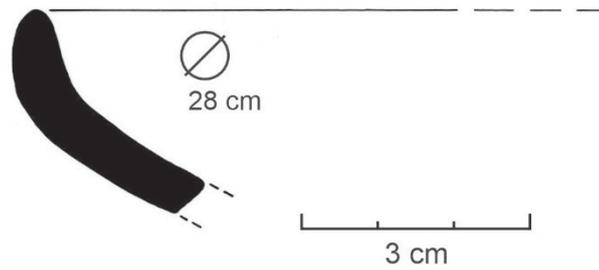
Diâmetro - 116 mm.

Pasta - Cerâmica comum.

Centro produtor - Baixo Tejo (?)

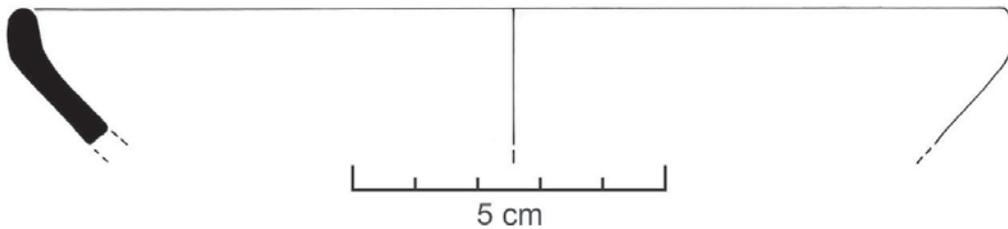


121 - MR/06.30-45.S.5.



Prato - Pequeno fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 260 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

122 - MR/06.75-90.S.4.



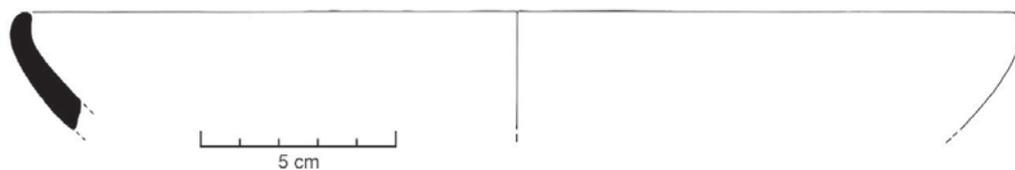
Prato - Pequeno fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 161 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

123 - MR/06.90-105.S.4.



Prato - Pequeno fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 260 mm.
Pasta - Cerâmica comum vermelha.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

124 - MR/05.75-90 e CR.S.4.



Prato - pequeno fragmento de bordo e parede.

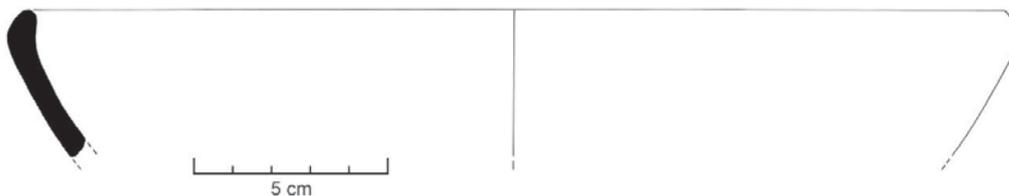
Diâmetro - 262 mm.

Pasta - Cerâmica comum redutora

Acabamento - Brunido internamente.

Centro produtor - Baixo Tejo (?)

125 - MR/06.30-45.S.4. e MR/07.CR.S4.



Prato - Pequeno fragmento de bordo e parede.

Diâmetro - 261 mm.

Pasta - Cerâmica comum castanha avermelhada.

Centro produtor - Baixo Tejo (?)

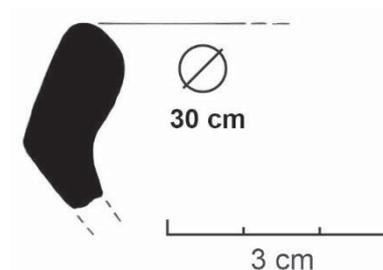
126 - MR/06.45-60.S.4.

Prato - Pequeno fragmento de bordo e parede,
com carena alta.

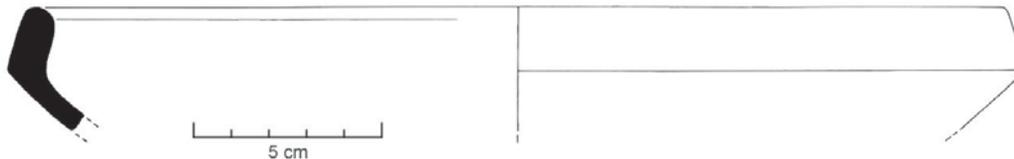
Diâmetro - 300 mm.

Pasta - Cerâmica comum.

Centro produtor - Baixo Tejo (?)



127 - MR/06.60-75.S.4.



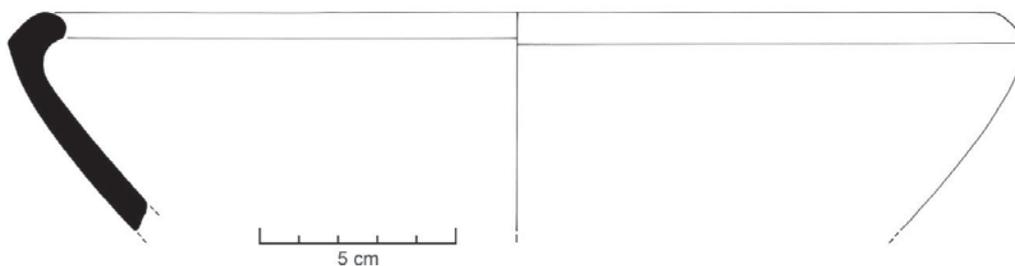
Prato - Pequeno fragmento de bordo e parede, com carena alta.

Diâmetro - 270 mm.

Pasta - Cerâmica comum.

Fabrico - Baixo Tejo (?)

128 - MR/06.30-45 e 75-90.S.4.



Prato - Fragmento de bordo e parede, com carena alta.

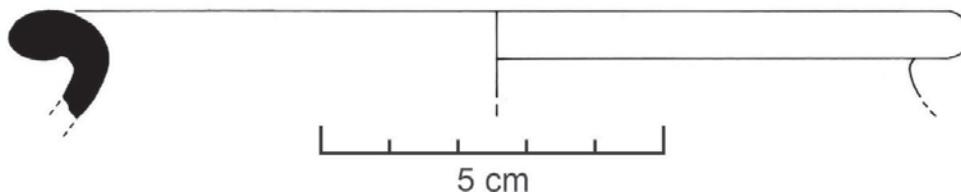
Diâmetro - 260 mm.

Pasta - Cerâmica comum.

Centro produtor - Baixo Tejo (?)

Recipientes de armazenamento

129 - MR/05.60-75.S.4.



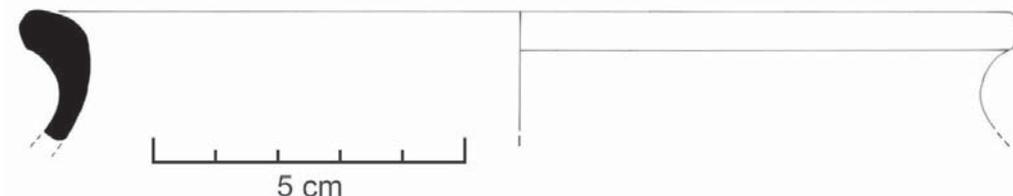
Pote - Pequeno fragmento de bordo e colo.

Diâmetro - 143mm.

Pasta - Cerâmica comum.

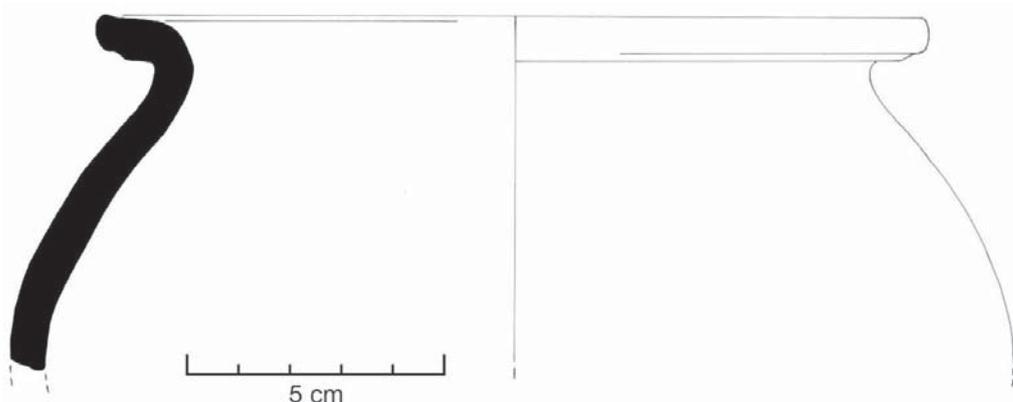
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

130 - MR/05.75-90.S.4.



Pote - Pequeno fragmento de bordo e colo.
Diâmetro - 162 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

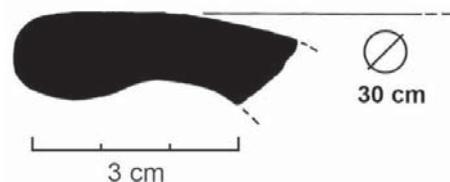
131 - MR/07.Sup-15.S.6.



Pote (?) - Fragmento de bordo, colo e bojo.
Diâmetro - 164 mm.
Pasta - Cerâmica comum.

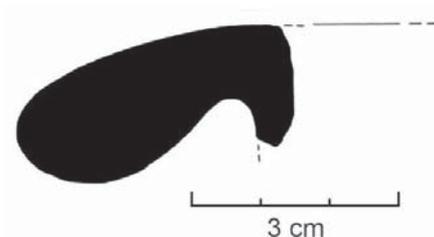
132 - MR/05.30-45.S.4.

Alguidar - fragmento de bordo.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo.



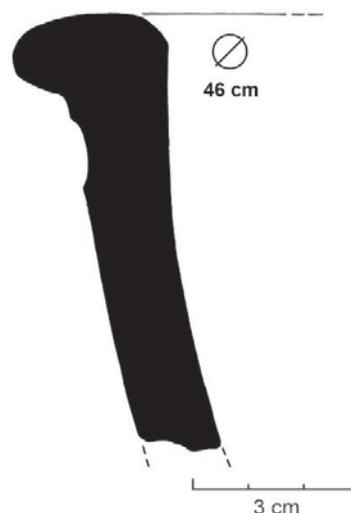
133 - MR/04.45-60.S.4.

Alguidar - Fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 460 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo.



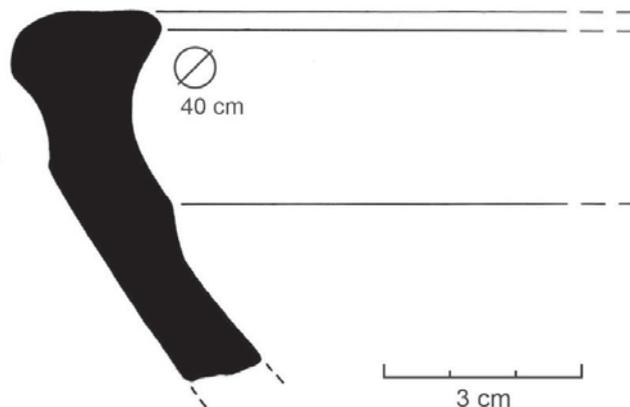
134 - MR/04.45-60.S.2.

Alguidar - Fragmento de bordo.
Diâmetro - 300 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo.



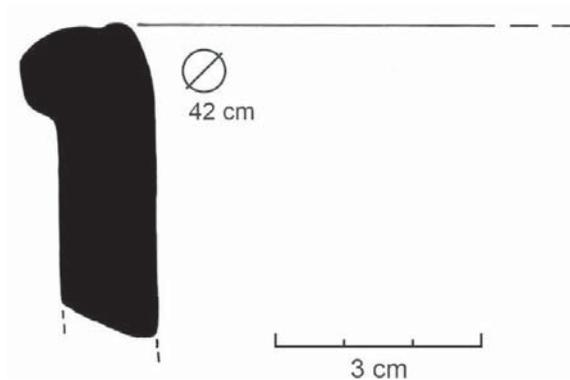
135 - MR/04.15-30.S.3.

Alguidar - Fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 402mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo.

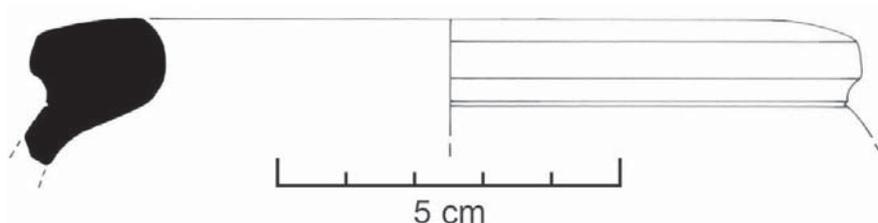


136 - MR/06.30-45.S.5.

Alguidar - Fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 422 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Fabrico - Baixo Tejo.

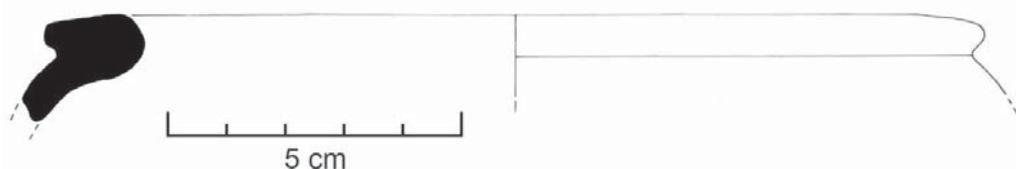


137 - MR/05.75-90.S.4. (2 frag.)



Panela/ tacho - Pequeno fragmento de bordo e colo.
Diâmetro - 123 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo?

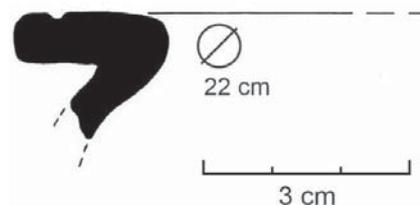
138 - MR/06.CR.S.4.



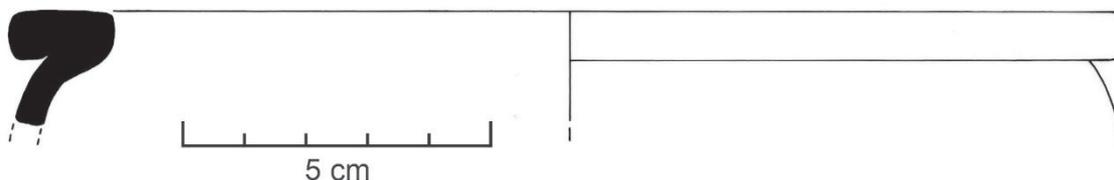
Panela/ tacho - Pequeno fragmento de bordo e colo.
Diâmetro - 160 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

139 - MR/04.15-30.S.5.

Panela/ tacho - Pequeno fragmento de bordo e colo.
Diâmetro - 220 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

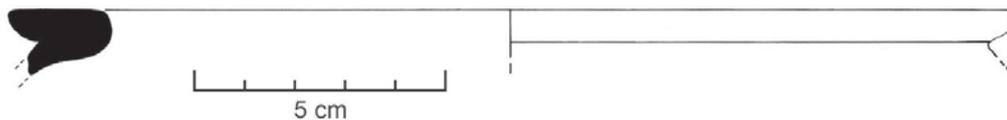


140 - MR/06.45-60 e 75-90.S.4.



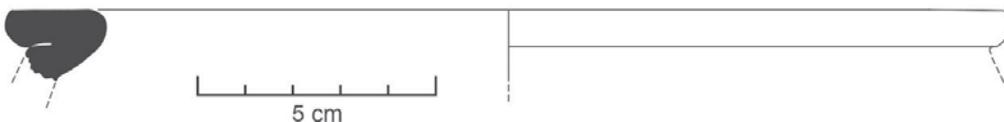
Panela/ tacho - Pequeno fragmento de bordo e colo.
Diâmetro - 182 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

141 - MR/06.45-60.S.4.



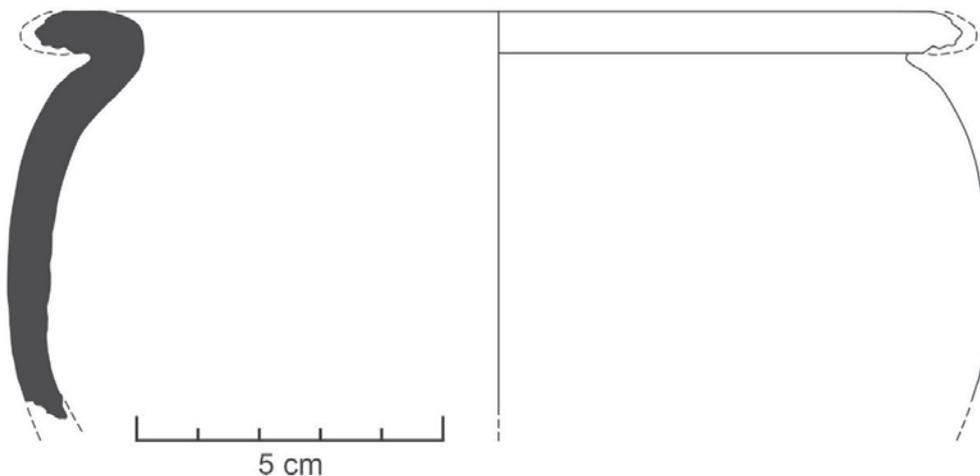
Panela/ tacho - Pequeno fragmento de bordo e colo.
Diâmetro - 200 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo (?)

142 - MR/06.30-45.S.4.



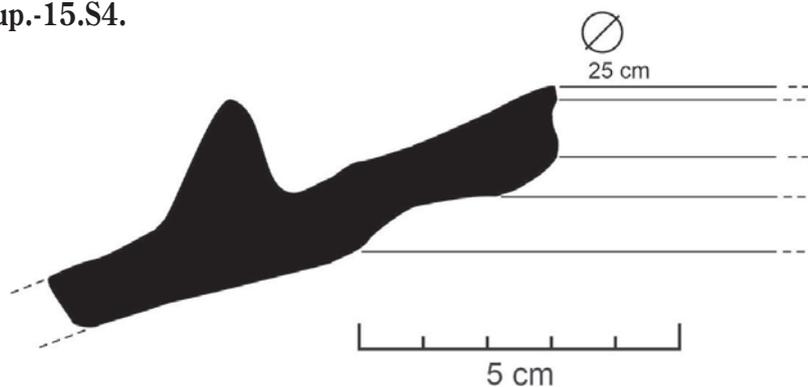
Panela/ tacho - Fragmento de bordo dobrado sobre o ombro.
Diâmetro - 210 mm
Pasta - Cerâmica comum vermelha.

143 - MR/05.45-60.S.4.



Panela/ tacho - Bordo em aba, dobrado sobre o ombro. Corpo de perfil globular.
Diâmetro - 150mm.
Cozedura - semi-redutora.
Pasta - Cerâmica comum vermelha.
Superfície - Alisamento. Evidências de exposição ao fogo e vestígios de cal.

144 - MR/05.sup.-15.S4.



Pote meleiro ou para azeite – Fragmento de parede, com ressalto em forma de aba, próximo do bordo, cuja função seria preencher com água, evitando o acesso das formigas ao seu conteúdo. Forma utilizada no armazenamento de mel e azeite.

Pasta – Cerâmica comum.

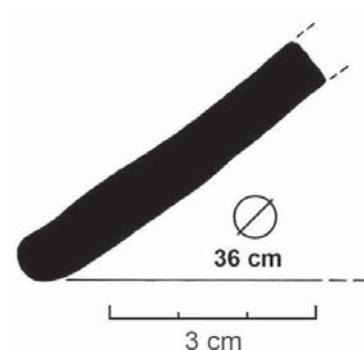
145 - MR/04.30-45.S.4.

Tampa – Pequeno fragmento de bordo e parede.

Diâmetro – 360 mm.

Pasta – Cerâmica comum.

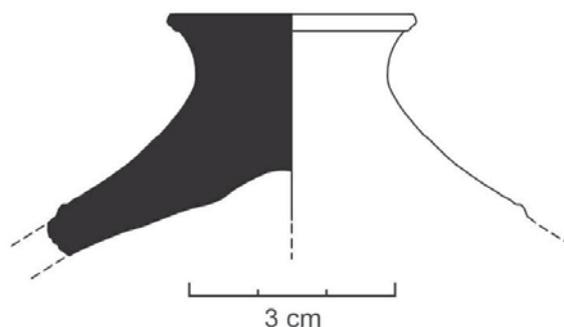
Centro produtor – Baixo Tejo?



146 - MR/04.105-120.S4.

Tampa – Fragmento de tampa com perfil incompleto.

Pasta – Cerâmica comum, compacta e homogênea, de coloração vermelha.



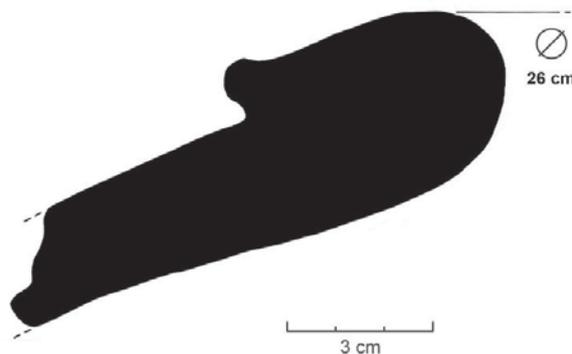
147 - MR/04.45-60.S3.

Dolium – Fragmento de bordo de *dolium*.

Cozedura – Semi-redutora.

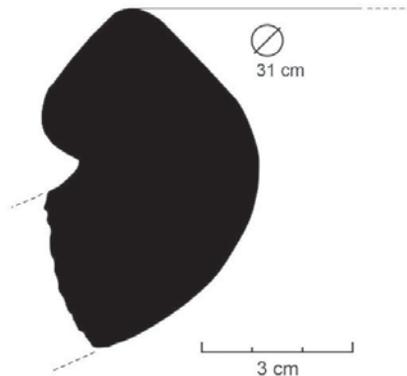
Pasta – Cerâmica comum, vermelha escura.

Centro produtor – Baixo Tejo.



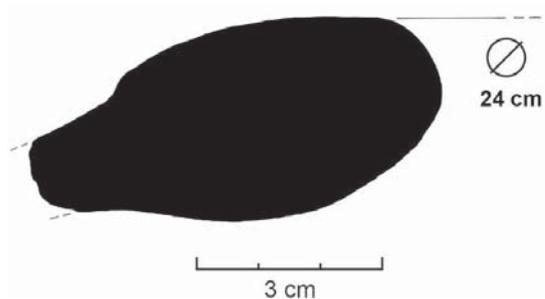
148 – MR/04.45-60.S.3.

Dolium – Fragmento de bordo e parede.
Diâmetro da boca – 260 mm.
Pasta – Cerâmica comum.
Centro produtor – Baixo Tejo.



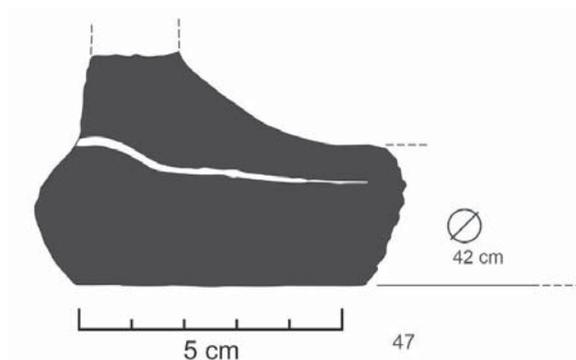
149 – MR/06.30-45.S.4.

Dolium – Fragmento de bordo.
Diâmetro – 240 mm.
Pasta – Cerâmica comum.
Centro produtor – Baixo Tejo.



150 – MR/04.15-30.S.3.

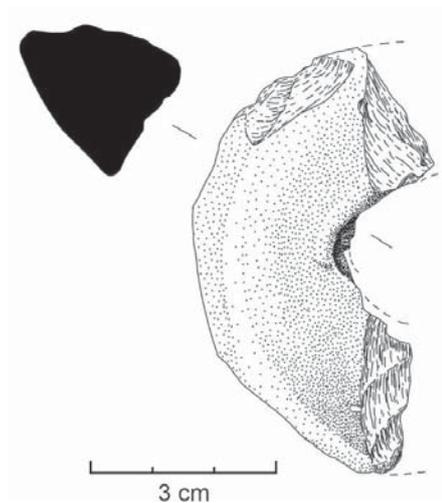
Dolium – Fragmento de base.
Cozedura semi-oxidante.
Fabrico – Roda lenta.
Pasta – Cerâmica comum. Cerne cinza e superfícies vermelhas escuras.
Superfícies rugosas, com mau acabamento.



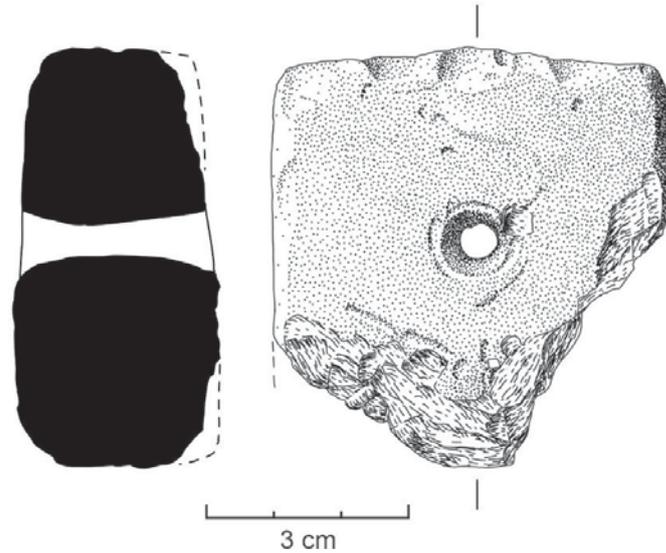
Pesos

151 – MR/06.60-75.S4.

Peso de rede – Fragmento circular de secção triangular.
Diâmetro – 70 mm
Pasta – Cerâmica comum, compacta e homogénea.

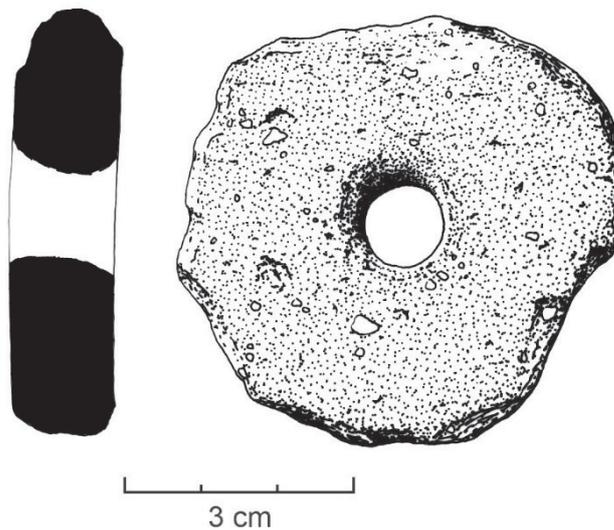


152 - MR/06.CR.S.4.



Peso de tear - Fragmento de peso com perfil paralelepípedo e orifício.
Pasta - Cerâmica comum, compacta e homogênea.

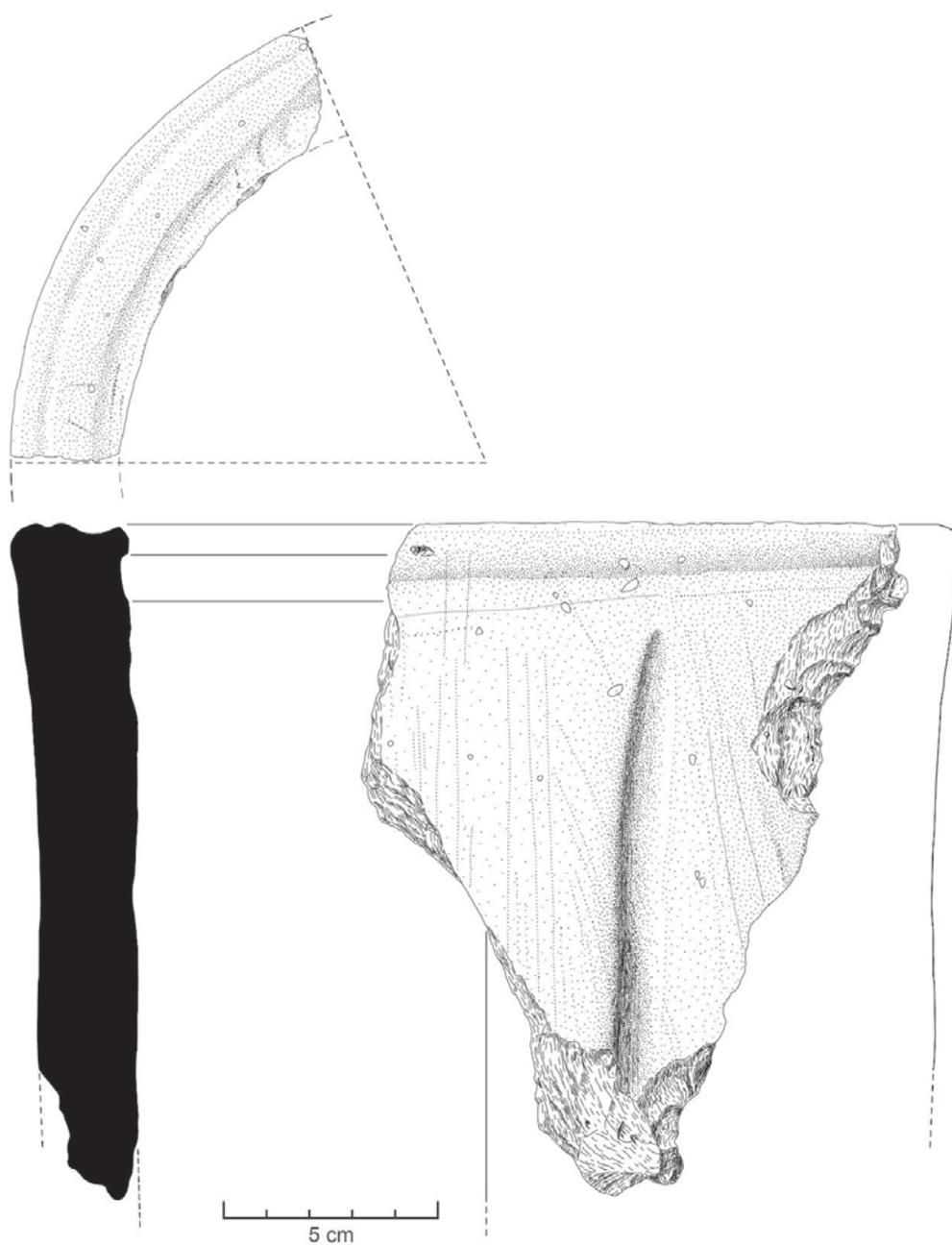
153 - MR/06.30-45.S.5.



Peso de rede (?) - Contorno circular com furo ao centro, recortado num pedaço de ímbrex.
Diâmetro - 57 mm.
Pasta - Cerâmica comum.
Centro produtor - Baixo Tejo.

Cerâmica de construção

154 - MR/04.30-45.S.3.



Telha – Fragmento de ímbrex, decorada com um traço no dorso.

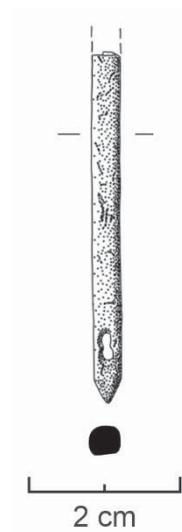
Cozedura – Oxidante, pasta vermelha.

Decoração – sulco digitado na vertical.

Objectos de osso

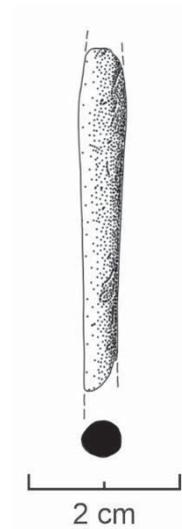
155 – MR/06.60-75.S.4.

Agulha – Fragmento de agulha de osso de secção quadrangular, orifício em oito e topo cónico.
Comprimento – 45 mm.



156 – MR/06.60-75.S.4.

Alfinete – Fragmento de haste de alfinete de osso.
Comprimento – 44 mm.



5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções arqueológicas dirigidas pelo primeiro signatário entre 2000 e 2007 nos espaços adjacentes ao mosaico romano situado no Centro Histórico de Oeiras, implantado no piso térreo de edifício de origem setecentista que se pretende recuperar a curto prazo no âmbito do Programa Habitação Jovem da Câmara Municipal de Oeiras, vieram esclarecer a importância da presença romana ali verificada, ao longo de vasta diacronia que, desde os finais da Idade do Ferro, época coeva das primeiras presenças romanas, do período republicano, atingiu o final do Império. Este contributo respeita, assim, à caracterização dos espólios integráveis em intervalo de tempo entre o século II a.C. e o século V d.C. correspondendo a cerca de 600 anos de sucessivas presenças conservadas no subsolo da actual vila de Oeiras.

Os resultados obtidos do estudo e caracterização agora realizado dos materiais da Idade do Ferro, dos finais da Idade do Ferro/Romano Republicano e da época romana imperial apresentam-se na Fig. 23 e no Quadro 1, integrados no conjunto dos espólios anteriormente estudados e publicados oriundos do mesmo local.

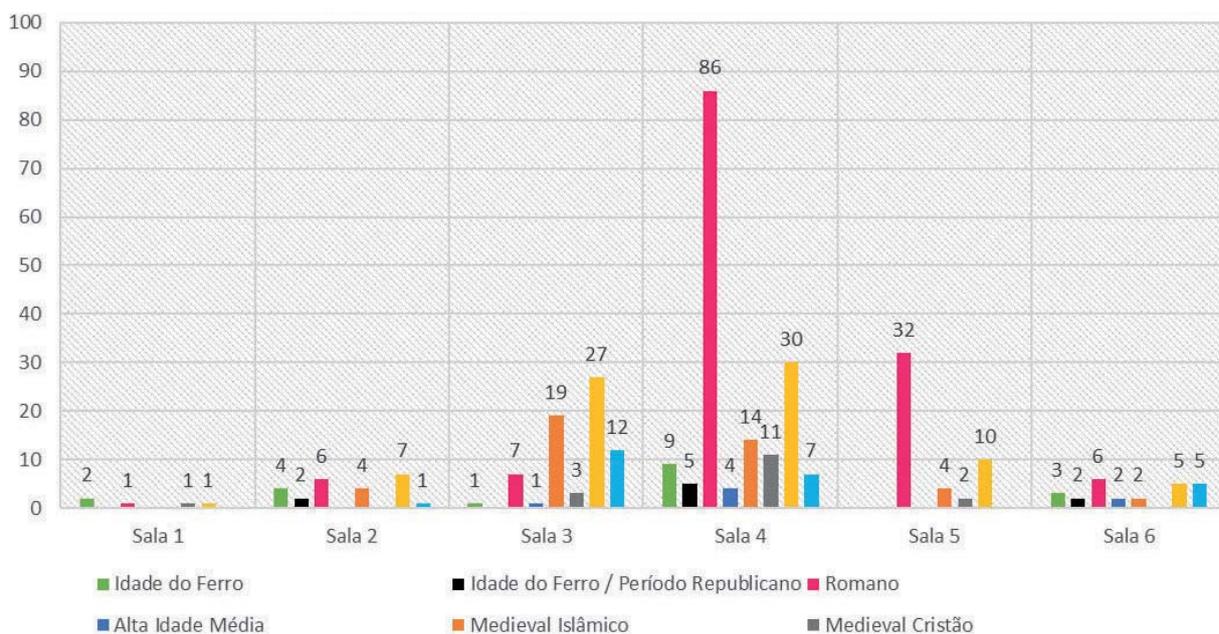


Fig. 23 – Distribuição quantitativa e por épocas dos espólios recuperados nas diversas áreas exploradas entre 2000 e 2007.

Quadro 1 – Distribuição dos espólios das diversas épocas identificados nas escavações realizadas entre 2000 e 2007.

Períodos	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4	Sala 5	Sala 6	Total
Idade do Ferro	2	4	1	9		3	19
Idade do Ferro / Período Republicano		2		4		2	8
Romano	1	6	7	77	32	6	129
Alta Idade Média			1	4		2	7
Medieval Islâmico		4	19	14	4	2	43
Medieval Cristão	1		3	11	2		7
Moderno	1	7	27	30	10	5	80
Contemporâneo		1	12	7		5	25

Este contributo insere-se assim na estratégia definida desde o final das escavações, verificado em 2007, com o objectivo final de publicar exaustivamente todos as evidência das anteriores ocupações identificadas através da tipologia dos espólios recolhidos. Em publicações anteriores deram-se, assim, a conhecer os espólios do Bronze Final (2017), que, com excepção de alguns escassos materiais campaniformes constituem os mais antigos vestígios encontrados. A publicação de outro contributo veio demonstrar, pela primeira vez, a presença islâmica em Oeiras (2009). Mais tarde, este conjunto foi revisto e aumentado, com correspondente aos escassos vestígios materiais do Bronze Final (2017/2018), a que se seguiu a identificação de materiais correspondentes à Baixa Idade Média, à Época Moderna e à Época Contemporânea (2022). Tais espólios, a par dos agora publicados, vieram comprovar, também pela primeira vez, a permanência, ao longo de cerca de três mil anos, de sucessivas comunidades humanas no mesmo local, ainda que não necessariamente em continuidade, sendo natural a existência de diversos hiatos de ocupação.

Os espólios agora publicados respeitam, essencialmente ao período romano imperial, a que correspondem 129 artefactos identificados, o conjunto mais numeroso de todos os que respeitam aos diversos períodos de ocupação humana registados no local, não obstante a exiguidade dos espaços escavados e as fortes limitações de carácter tafonómico decorrentes do próprio processo de formação dos depósitos.

A existência de depósitos bem estratificados, situação genericamente observada sempre que os mesmos assumem alguma importância, poderia sugerir a existência de sequências cronológico-culturais bem preservadas. Infelizmente, tal não é a realidade, verificando-se sistematicamente a distribuição de espólios de várias épocas ao longo de todas as sequências escavadas e a sua efectiva coexistência nas mesmas camadas.

Com efeito, apesar de o conjunto de materiais de época romana imperial ser o mais numeroso de todos, e de a larga maioria provir de um único espaço, a Sala 4, com 86 exemplares, nesta sala não se identificou nenhuma estrutura romana com a qual aqueles pudessem ser relacionados. Pelo contrário: encontrando-se as estruturas romanas assentes no substrato geológico, sempre atingido com o aprofundamento das áreas que foram sendo sucessivamente escavadas, na referida sala a sua maior concentração observa-se na parte média dos depósitos, e não na sua parte inferior, como seria de esperar. Tal situação conduz à conclusão de que o enchimento terroso que preenchia o piso térreo do edifício setecentista terá sido formado por despejos sucessivos oriundos de outros locais do antigo espaço urbano de Oeiras, em curto intervalo de tempo, desde os finais do século XVIII e ao longo do século XIX.

Face ao exposto, pode concluir-se que os materiais romanos agora estudados, de mistura com todos os outros, foram depositados sobre estruturas romanas que no século XVIII e antes da construção da primitiva casa setecentista, se encontravam sub-aflorantes no terreno. O depósito de potentes aterros no local antes e depois da edificação moderna, evidencia-se na fotografia de 1903. Foi, aliás, o rebaixamento dos referidos depósitos, anteriormente ali acumulados nos dois séculos anteriores, que conduziu à identificação do mosaico naquele ano, quando se construiu a cave da construção setecentista. O objectivo da acumulação de tão grande quantidade de aterros, com materiais de todas as épocas, oriundos de outro local da povoação, teve como objectivo o nivelamento e regularização da encosta voltada a poente, onde outrora a *villa* romana se implantou.

Da observação do conjunto de materiais romanos agora estudados, além dos de uso comum, de fabricos locais ou regionais, ressaltam as produções que são indicadoras do comércio que se estabeleceu entre os habitantes do território oeirense e muitos outros domínios do Império, realidade comprovada, entre outras produções, pelos contentores anfóricos, as cerâmicas de paredes finas e as produções de *terra sigillata*.

Apesar das limitações apontadas à intervenção arqueológica conduzida no espaço outrora ocupado pela *pars rustica* da *villa* romana de Oeiras, condicionada pela arquitectura actual do piso térreo da habitação que se pretende requalificar, esta revelou-se de primordial importância, por vir a demonstrar a longa diacronia das sucessivas presenças humanas verificadas no casco histórico da actual vila de Oeiras. Deste modo, tais conclusões completam e reforçam os resultados obtidos nas recentes intervenções realizadas próximo, na Rua Marquês de Pombal e igualmente motivadas pela implementação do Programa Habitação Jovem, entretanto publicadas. Tal como agora, ali foi reconhecida uma sequência ocupacional que, iniciada na Idade do Ferro, conheceu depois presenças na Antiguidade tardia, Alta Idade Média, período islâmico, Baixa Idade Média e épocas Moderna e Contemporânea.

Por via da Arqueologia, foi deste modo possível demonstrar a riqueza e diversidade das até muito recentemente insuspeitas e desconhecidas presenças humanas comprovadas materialmente na vila de Oeiras em épocas pré-pombalinas, contribuindo assim, e de forma decisiva, para o conhecimento da sua história muito para além do que a informação documental escrita até agora registava.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, J. (1974) – *A Cerâmica Comum, Local e Regional*. Suplemento de *Biblos*, 8. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- AMORES, F. & KEAY, S. J. (1999) – Las sigillata de imitación tipo Peñaflor una serie de Hispánicas precoces. In ROCA ROUMESNS, M. & Fernández Garcia, M. I. (coords.) *Terra Sigillata Hispánica, centros de fabricación y producciones alto imperiales*. Málaga: Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p. 235-252.
- ARRUDA, A. M. & CARDOSO, J. L. (2013) – A ocupação da Idade do Ferro da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 731-754.
- BÁEZ, B.; BATALHA, L.; CARVALHO, L.; GARCÍA VILLANUEVA, I.; LARRAZABAL, J.; ROSSELLÓ, M. & SANTOS, C. (2016) – Recipiente de armazenamento no Vale do Baixo Sabor (Portugal), da época romana à antiguidade tardia. Ensaio cronotipológico. In JÁRREGA, R. & BERNI, P. (edit.) *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo, III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) – Ex Officina Hispana (Tarragona, 10-13 de diciembre de 2014)*. Monografías Ex Officina III, Tarragona, p. 898-917.
- BUSTAMANTE, M. Á. & HUGUET ENGUITA, E. (2008) – Las cerámicas Tipo Peñaflor. In BERNAL CASASOLA, D. & RIBERA I LACOMBA, A. (ed.) *Cerámicas Hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz, p. 185-195.
- CARDOSO, G. (2018) – *Villa romana de Freiria: estudo arqueológico*. Câmara Municipal de Cascais, Cascais.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2022) – O Casal do Clérigo (Cascais) entre o século V e o século X. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 30, p. 57-88.
- CARDOSO, G. & ENCARNAÇÃO, J. (2013) – O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. *CIRA-Arqueologia online*. Vila Franca de Xira, Vol. 2, p. 133-180.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S.; SEPÚLVEDA, E. & RIBEIRO, I. (2017) – Olaria Romana do Morraçal da Ajuda (Peniche, estruturas de produção. In FABIÃO, C; RAPOSO, J.; GUERRA, A. & SILVA, F. (coord.) *Olaria Romana: Seminário Internacional e Ateliê da Arqueologia Experimental*. Lisboa, p. 49-87.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Encontro de Estudos “Presenças orientalizantes em Portugal. I – Da Pré-História ao Período Romano” (Lisboa, 1987)*. Actas, *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L. (1996) – O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 361-366.
- CARDOSO, J. L. (2016/2017) – A ocupação do Bronze Final do centro histórico de Oeiras. Os materiais da rua das Alcássimas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 23, p. 531-554.
- CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (2020) – O povoamento romano do concelho de Oeiras: antecedentes, economia e sociedade (séculos I a.C. a V d.C.). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 27, p. 349-376.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, C. Tavares da (2012) – O casal agrícola de Gamelas 3 (Oeiras). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 5, 2, p. 353-398.
- CARDOSO, J. L.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. & REGO, M. (2014) – Outurela I e Outurela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do estuário do Tejo (concelho de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 393-428.
- CARDOSO, J. L.; BATALHA, L.; CARDOSO, G. & ANDRÉ, M. C. (2022) – Da alta Idade Média à Época Contemporânea: resultados dos trabalhos arqueológicos realizados no Centro Histórico de Oeiras (Rua das Alcássimas) entre 2000 e 2007. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 30, p. 89-188.

- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G.; BATALHA, L. & MARTINS, F. (2021) – A presença romana, visigótica, islâmica e portuguesa no centro Histórico de Oeiras: resultado da intervenção arqueológica realizada em 2017 e em 2018. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 28, p. 277-336.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, C. Tavares da; MARTINS, F. & ANDRÉ, M. C. (2010/2011) – O casal agrícola da I Idade do Ferro de Leião (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 18, p. 75-102.
- DELGADO, M. (1996/ 1997) – Potes meleiros de Bracara Augusta. *Portugalia*, Nova Série. Braga. 17/18, p. 149-165.
- DIOGO, A. D. (1987) – Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 5, p. 179-191.
- FERNANDES, I. C. F.; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (2009) – Cerâmicas muçulmanas do Centro Histórico de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 17, p. 97-115.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1996) – O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 6, p. 367-406.
- MORAIS, R. (2006) – Potes meleiros e colmeias de cerâmica: uma tradição milenar. *Sagvntvm*, Valência. 38, p. 149-161.
- MOTA, N., PIMENTA, J. & SILVA, R. B. (2014) – Acerca da ocupação romana republicana de Olisipo: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70. *CIRA-Arqueologia online*. Vila Franca de Xira. 3, p. 149-177.
- NOLEN, J. U. S. (1985) – *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, J. U. S. (1988) – A *villa* romana do Alto do Cidreira (Cascais) – Os Materiais. *Conimbriga*. Coimbra. 27, p. 61-140.
- PEREIRA, P. & MORAIS, R. (2015) – Estudo crono-tipológico de dolia romanos em Portugal. In Martínez Selcedo, A.; ESTEBAN DELGADO, M. & ALCORDA IRASTORZA, E. (edit.) *Cerámicas de época romana en el Norte de Hispania en Aquitania: Producción, comercio y consumo entre el Duero y el Garona. Ex Officina Hispana Cuadernos de la Secah 2015*. La Ergástula ediciones, Madrid, p. 33-44.
- PESSOA, M. (1986) – Subsídios para a Carta Arqueológica do período Romano na área de Conimbriga. *Conimbriga*. Coimbra. 25, p. 53-73.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2008) – Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11 (2), p. 171-194.
- PIMENTA, J.; GASPAR, A.; GOMES, A.; MOTA, N. & MIRANDA, P. (2014) – O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n.º 16-20) – Lisboa. *CIRA-Arqueologia online*. Vila Franca de Xira. 3, p. 122-148.
- SOUSA, E. & PIMENTA, P. (2014) – A produção de ânforas no estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In MORAIS, R.; FERNÁNDEZ, A. & SOUSA, M. J. (ed.), *As produções cerâmicas de imitação na Hispania. Monografias Ex Officina Hispanica*. Porto. 2 (1), p. 303-315.
- SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do Tejo*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (*Estudos & Memórias*, 7).
- SOUSA, E. (2021) – A cerâmica cinzenta do estuário do rio Tejo durante a Idade do Ferro: algumas precisões sobre a sua cronologia, tipologia, produção e consumo. *Cuadernos de Prehistoria e Arqueologia (CuPAUAM)*. Madrid. 47 (1), p. 127-167.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1916) – Mosaicos romanos de Portugal. 4. Mosaico de Oeiras. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 21, p. 142-145.